Ozenildo Santos Xavier da Rocha
Romero Bittencourt e Carvalho
(Orgs.)

INTERCULTURALIDADE E ALTERIDADE

PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES



científica digital

CIENTÍFICA DIGITAL EDITORIAL LTDA
Barueri - São Paulo - Brasil
www.cientificadigital.org - contato@cientificadigital.org

Diagramação e Arte
Diego Santos
Diogo Lima
Imagens da Capa
Adobe Stock - 2026

Edição © 2026 Científica Digital
Texto © 2026 Os Autores
1ª Edição - 2026
Acesso Livre - Open Access

© COPYRIGHT - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. A editora detém os direitos autorais sobre a edição e o projeto gráfico, enquanto os autores mantêm os direitos autorais de seus respectivos textos. Esta obra está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, permitindo o download e compartilhamento integral ou parcial, desde que a fonte seja devidamente citada e os créditos atribuídos aos autores. É obrigatório que a obra permaneça em formato de Acesso Livre (Open Access), sem qualquer alteração. A catalogação em plataformas de acesso restrito ou com fins comerciais é estritamente proibida.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I61 Interculturalidade e alteridade: perspectivas interdisciplinares / Organização de Ozenildo Santos Xavier da Rocha, Romero Bittencourt e Carvalho. – Barueri-SP: Científica Digital, 2026.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui Bibliografia
ISBN 978-65-6155-083-3
DOI 10.37885/978-65-6155-083-3

1. Teologia. I. Rocha, Ozenildo Santos Xavier da (Organizador). II. Carvalho, Romero Bittencourt e (Organizador). III. Título.

CDD 230

Elaborado por Janaína Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático:
I. Teologia

E-BOOK
ACESSO LIVRE ON LINE - IMPRESSÃO PROIBIDA
2026

Ozenildo Santos Xavier da Rocha
Romero Bittencourt e Carvalho
(Orgs.)

Interculturalidade e Alteridade:
Perspectivas Interdisciplinares

1ª EDIÇÃO

científica digital

2026 - BARUERI - SP

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. André Cutrim Carvalho
Prof. Dr. Antônio Marcos Mota Miranda
Profª. Ma. Auristela Correa Castro
Prof. Dr. Carlos Alberto Martins Cordeiro
Prof. Dr. Carlos Alexandre Oelke
Profª. Dra. Caroline Nóbrega de Almeida
Profª. Dra. Clara Mockdece Neves
Profª. Dra. Claudia Maria Rinhel-Silva
Profª. Dra. Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco
Prof. Dr. Cristiano Marins
Profª. Dra. Cristina Berger Fadel
Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr
Prof. Dr. Diogo da Silva Cardoso
Prof. Dr. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes
Prof. Dr. Fabricio Gomes Gonçalves
Profª. Dra. Fernanda Rezende
Prof. Dr. Flávio Aparecido de Almeida
Profª. Dra. Francine Náthalie Ferraresi Queluz
Profª. Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes
Prof. Dr. Humberto Costa
Prof. Dr. Joachin Melo Azevedo Neto
Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura
Prof. Dr. José Aderval Aragão
Prof. Me. Julianno Pizzano Ayoub
Prof. Dr. Leonardo Augusto Couto Finelli
Prof. Dr. Luiz Gonzaga Lapa Junior
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva
Profª. Dra. Maria Cristina Zago
Profª. Dra. Maria Otília Zangão
Prof. Dr. Mário Henrique Gomes
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes
Prof. Dr. Nelson J. Almeida
Prof. Dr. Pedro Afonso Cortez
Prof. Dr. Reinaldo Pacheco dos Santos
Prof. Dr. Rogério de Melo Grillo
Profª. Dra. Rosenery Pimentel Nascimento
Prof. Dr. Rossano Sartori Dal Molin
Prof. Me. Silvio Almeida Junior
Profª. Dra. Thays Zigante Furlan Ribeiro
Prof. Dr. Wescley Viana Evangelista
Prof. Dr. Willian Carboni Viana
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Acesse a lista completa dos Membros do Conselho Editorial em www.editoracientifica.com.br/conselho

Parecer e revisão por pares
Os textos que compõem esta obra passaram por avaliação do Conselho Editorial e revisão por pares externos *(Peer Review)*, recebendo a devida recomendação para publicação.

Nota: Esta obra é fruto de um processo colaborativo, configurando-se como uma coletânea na qual os direitos autorais permanecem resguardados para os respectivos autores. Alguns capítulos podem ter origem em trabalhos anteriormente apresentados em eventos acadêmicos; no entanto, os autores foram orientados a adotar o devido rigor na prevenção do autoplágio. A responsabilidade pelo conteúdo de cada capítulo, assim como pela originalidade e integridade das informações publicadas, é inteiramente dos respectivos autores e autoras. O conteúdo da obra não reflete, necessariamente, a opinião da editora, dos organizadores ou dos membros do conselho editorial.

APRESENTAÇÃO

Esta obra resulta de um esforço colaborativo que reuniu professores, estudantes e pesquisadores, cujo engajamento qualificou as reflexões desenvolvidas neste espaço formativo. Fruto de iniciativas interinstitucionais de incentivo à pesquisa, o livro congrega especialistas de diversas áreas do conhecimento, vinculados a instituições de educação superior públicas e privadas, no Brasil e no exterior.

O objetivo central é fortalecer a integração entre instituições por meio de redes de pesquisa voltadas à formação continuada de profissionais da educação, promovendo a produção e a ampla disseminação do conhecimento.

Agradecemos aos autores pela dedicação e compromisso na construção desta obra, que se propõe a ser um recurso didático-pedagógico relevante para estudantes, docentes de diferentes níveis de ensino e demais interessados na temática.

Ozenildo Santos Xavier da Rocha
Romero Bittencourt e Carvalho

SUMÁRIO

Capítulo **01**

JORNADA E EMANCIPAÇÃO PROTAGONÍSTICA EM "ALMA", DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Angélica Cristina da Silva; Marcos Rogério Heck Dorneles

doi 10.37885/260121100 8

Capítulo **02**

A DESEJADA DE TODOS" – ANÁLISE COM OLHAR INTERDISCIPLINAR

Ronaldo Luiz Barboza; Eliane Pinto de Góes; Daniela Regina de Branco; Carmen Lucia Rondon Soares; Marilu Mattéi Martins

doi 10.37885/260221191 24

Capítulo **03**

A FORMAÇÃO CONTÁBIL E O ASPECTO CULTURAL: UMA ANÁLISE TRANSNACIONAL DAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS, NA INTERPRETAÇÃO E NA PRÁTICA CONTÁBIL

Marcos Roberto Dreher; Josmária Lima Ribeiro de Oliveira

doi 10.37885/260421561 46

Capítulo **04**

MALINCHE: IDENTIDADE E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM *LA MALINCHE*, DE CARMEN TAFOLLA

Karine Klug de Souza; Camila Quevedo Oppelt

doi 10.37885/260622052 77

Capítulo **05**

GÊMEOS NATURAIS E GÊMEOS FERTILIZADOS *IN VITRO:* EM QUESTÃO A SACRALIDADE DE *ÌBEJÌ* NO DIÁLOGO DE *ÒÒGUN* COM A BIOMEDICINA

Adeyinka Olaiya; Daniel Broggi Ciardullo

doi 10.37885/260722373 95

SOBRE OS ORGANIZADORES 118

ÍNDICE REMISSIVO 119

SUMÁRIO

01

JORNADA E EMANCIPAÇÃO PROTAGONÍSTICA EM “ALMA”, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Angélica Cristina da Silva
Universidade federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Marcos Rogério Heck Dorneles
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

10.37885/260121100

RESUMO

Este artigo busca propiciar algumas reflexões acerca da jornada da protagonista do conto "Alma", de Itamar Vieira Júnior, nas quais se vislumbre interações entre a constituição da narrativa, a construção da personagem Alma e o desdobramento de horizontes teóricos de interseccionalidade e alteridade em contextos coloniais. Para tal, a pesquisa adota uma feição bibliográfica, qualitativa e exploratória, e transita entre as perspectivas dos estudos literários e dos estudos culturais. O conto "Alma" se situa nas chamadas neonarrativas de escravidão e assinala a jornada da protagonista em seus processos de libertação de uma situação de opressão contínua, e, de outra parte, a narrativa também enfatiza a importância cultural de práticas espirituais, afazeres agrícolas, vivências em comunidade, expansão dos desejos e afetos, dimensão culinária, dentre outros. Apresentam-se como resultados da pesquisa o imbricamento entre a emancipação da protagonista e a apresentação gradual dos acontecimentos no conto; a reverberação dos aspectos culturais como formas de resistência e a importância da articulação dos elementos de raça, gênero e classe na condução narrativa do texto.

Palavras-chave: Alteridade; Conto; Emancipação; Interseccionalidade; Protagonista.

INTRODUÇÃO

Nesta proposta de estudo as perspectivas de alteridade e de diversidade são elementos fundamentais para uma discussão a respeito da construção da identidade cultural de um povo, para possibilitar uma melhor compreensão da formação dos sujeitos, e compreender aspectos de contexto social e das relações entre diferentes grupos sociais. "Alma", conto de Itamar Vieira (2021), apresenta parte dessas discussões de forma contundente, dialogando a respeito de aspectos ligados à construção da identidade da sociedade brasileira, e também realiza perspectivas que versam a partir de questões de raça, gênero e classe. Portanto, faremos uso dessa narrativa literária para também investigar algumas implicações sociais e culturais da representação de alteridade e diversidade. As temáticas abordadas estão intimamente relacionadas à formação sociocultural do Brasil, e conhecer algumas das principais teorias é imprescindível para compreender as esferas em que acontecem as interações sociais e suas tensões interculturais, profundamente narradas em nesse conto.

JORNADA E EMANCIPAÇÃO PROTAGONÍSTICA EM "ALMA"

O conto "Alma" é relatado pela protagonista (Alma), a qual expõe a sua voz e a sua perspectiva sobre certos acontecimentos, aproximando-se de determinadas tendências literárias das narrativas contemporâneas como localiza a pesquisadora Shirley de Souza Gomes Carreira sobre a constituição do conto "Alma": "[...] a filiação do conto à vertente das neonarrativas de escravidão: é uma narrativa em primeira pessoa, conduzida por uma escravizada, que narra a própria luta para obter a liberdade". (Carreira, 2023, p. 112). Por consequência, o conto tem como vetores de sua condução a definição de temas envolvidos na emancipação do ser frente ao mercantilismo e ao colonialismo, e a projeção do protagonismo das narrativas sob uma determinada perspectiva. No entanto, a pesquisadora também situa a problematização de outras questões vivenciais como cerne dessa modalidade narrativa:

> Entretanto, é necessário recordar que, nessa vertente literária, essa simulação não é apenas uma intertextualidade de forma e de conteúdo; vai além, ensejando questionamentos acerca de

> conceitos como raça, gênero, sexualidade, lugar e um debate sobre até que ponto as práticas do passado permanecem atuais. Ao convocar o olhar contemporâneo sobre o passado, ela exige um posicionamento crítico do leitor (Carreira, 2023, p. 112).

Tais questionamentos estão presentes no conto no decorrer da performance da protagonista Alma, em busca de sua liberdade e da expansão das suas potencialidades e dos seus afetos. Além da seleção de voz e de perspectiva situada na figura de Alma, o conto traz também o recurso compositivo dos avanços e dos recuos no tempo, como se pode visualizar, por exemplo, na finalização da narrativa que relata fatos associados ao início dos acontecimentos vividos pela protagonista: "[...] foi assim que eu deixei aquela casa, caminhando com os sapatos da minha senhora, passando por ruas cheias, por ruas vazias, entrando na mata, dormindo no sereno, contando as luas, esquecendo as luas, caminhando para onde o sol ia". (Vieira Júnior, 2021, p. 51). Segundo o docente Arnaldo Franco Júnior (2009), essa diferença temporal na disposição dos acontecimentos constitui-se como um dos fatores importantes nos processos de subjetivação das personagens, pois, salienta as escolhas feitas pela figura do narrador e pavimenta um caminho de naturalidade, semelhante aos próprios avanços e recuos do pensamento humano. No conto "Alma" a tessitura desenvolve uma narrativa profunda sobre experiências que podem se interligar a aspectos da alteridade[1] e da diversidade, manifestando práticas de resistência, reconhecimento do outro, suas particularidades/singularidades. A protagonista Alma resiste à dor, à negação da sua humanidade e, por meio da memória, da espiritualidade, reafirma sua existência e ancestralidade:

> [...] mas me encolhia em mim mesma, clamando por **Ṣàngó, o deus da justiça**, que me trouxesse a coragem de que precisava para seguir em frente, que o sofrimento se lavasse no sangue da justiça, e **pedia aos deuses dos meus antepassados** que me ajudassem a fazer a travessia, pedia na língua que não sabia a clemência dos

[1] Segundo as pesquisadoras Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral: O termo 'alteridade' implica uma mudança no foco de análise das preocupações filosóficas com a 'outridade' – o 'outro epistêmico' que importa apenas na medida em que pode ser conhecido – em direcção a um mais concreto 'outro moral', visto num contexto político, cultural, linguístico ou religioso. Esta questão é fundamental para a compreensão do conceito de construção da 'subjectividade', equacionada sempre em relação ao 'outro'. (Macedo; Amaral, 2005, p. 2) <!>

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

> **deuses de Oyó**, na beira do fogão fumegando de lenhas clamava enxugando meu suor [...] (Vieira Júnior, 2021, p. 47; grifos nossos).

A narrativa está baseada na história de uma personagem escravizada que enfrenta a discriminação e a luta pelo fim da exploração, a busca pela aceitação e pela valorização de sua identidade. Para tanto, faz-se necessário se debruçar sobre relevantes estudos contemporâneos e que, aliados à práxis, tais horizontes podem propiciar reflexões sobre como acontecem algumas relações de poder nesse conto de Itamar Vieira. Assim, busca-se um maior entendimento sobre uma formação mais cultural do sujeito no conto "Alma", a qual envolve práticas espirituais, labores agrícolas, vida comunitária, atuação emancipatória, expansão afetiva e sexual, prazer culinário, contato com a terra, dentre outros vetores que expandem as possibilidades de alteridade e diversidade. Essa compreensão servirá como um importante eixo de discussão e reflexão sobre as questões de uma cultura que é diversa, porém, silenciada, desqualificada. Também para contribuir para a valorização do tema na sociedade, investigar e descrever as implicações sociais e culturais da representação de alteridade e diversidade, assim como as relações de tensões interculturais que acontecem no conto e que são desdobramentos sociais reais.

Muitas vezes observa-se a ausência de uma movimentação de alteridade por parte da constituição feminina branca em relação à mulher negra, a qual, coisificada, é tratada como animal de tração. No conto "Alma" a condição errante da protagonista conta apenas com registros memoriais deixados pela sua avó (a qual lhe transmitiu a cultura, seu idioma, sua crença e sua ancestralidade), único ente querido que resistiu à violenta travessia do Atlântico, percebido como lugar de opressão, de ruptura. Seu percurso não propõe um simples deslocamento, mas a metáfora/amostra da resistência de um corpo diante da exploração e da violência. Sua caminhada evidencia um marco em sua existência. A travessia esta que traduz uma dor, a migração forçada de um povo a ferro e água. Sendo por séculos amordaçados por uma língua estranha, os povos africanos tiveram seus pensamentos contidos a um culto silencioso, impedidos de tocar na própria fonte. Nesse sentido, Itamar incide o olhar sobre a resistência feminina negra a partir de cada passo de Alma. Nela, manifestava-se um ato de insubordinação frente ao sistema opressor, o caminhar, o cuidar-se, o lembrar-se das histórias

do outro lado do mar, enunciam a resistência física, espiritual e ancestral. Que não se manifesta apenas na individualidade. Seu corpo testemunha a exploração, o patriarcado e a religião a serviço do mercantilismo colonial.

Dentre as muitas intersecções que classificam os sujeitos (sendo a cor da pele um marcador categórico de diferenças explícitas nas relações de alteridade e diversidade), a condição feminina desamparada para a mulher que ocupa um lugar apático em um regime machista tem sido um fator de marginalização sob diversos aspectos. É por essas águas que este trabalho pretende navegar, com um olhar sobre o viés da alteridade e da diversidade, por vezes esquecidas. A resistência da personagem que narra a própria solidão, não é passiva, não é desabafo, mas denúncia contra o silenciamento e a anulação de sua existência, a condição diaspórica de seu ser, marcado pela desumanização e pelo flagelo, a subsistência como condição para existir. A dor e a trajetória da protagonista que enfrenta o sistema culmina na sobreposição da raça, gênero e classe, ilustrando o que corrobora Akotirene (2019) acerca de semelhantes processos sociais. Alma, uma descendente de africanos escravizados em terras brasileiras nos apresenta a sua situação de exclusão:

> [...] eu, uma mulher que nasceu acorrentada aos desejos dos meus senhores, eu que **não tinha nome** porque não era nada, que um dia toquei o coração da minha senhora e ela disse **que eu tinha uma alma**, eu, uma mulher diferente das outras que serviam àqueles senhores, uma alma, **que caminho sempre para a frente,** e deixei o mar e a água, deixei plantações de cana e casa branca, deixei o moinho d'água, os carros de boi, eu, uma mulher que pariu com dor **esse filho que tiraram dos meus braços,** que pari outros tantos e todos os outros foram tirados de mim enquanto os amamentava e eu que não tinha nome porque não era nada, que um dia toquei o coração da minha senhora e ela disse que eu tinha uma alma (Vieira Junior, 2021, p. 31-32; grifos nossos).

Portanto, Alma se situava no rodapé socioeconômico de um quadro de extrema exploração das condições de trabalho e de existência. Nesse cenário, a civilidade disfarçada sob o olhar eurocêntrico (que rechaça as diversidades culturais) reforça o preconceito que nega o ser/outro, e justifica a força do poder econômico, a visão hegemônica de culturas eurocêntricas e a ausência da alteridade, como discorre Lélia Gonzales sobre os desdobramentos da condição

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

da mulher negra: "Por essas e outras é que a mulher negra permanece como o setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que sofre uma tríplice discriminação: social, racial e sexual" (Gonzales *apud* Rios; Lima, 2016, p. 396). Em Alma, a tríplice discriminação está entrelaçada a sua condição social, racial e de gênero e se manifesta mediante o trabalho forçado, as suas características físicas como determinante a uma posição de desumanidade, o seu corpo continuamente passivo à exploração sexual e a sua maternidade a serviços do sistema político colonial.

No conto, Alma narra sua dor, seu corpo marcado pelas intempéries da sua história de exploração, o canto a seus ancestrais silenciados e criminalizados, sua diversidade ignorada. Um corpo sem alma é o que a mulher negra periférica vive em várias esferas da sociedade. Entretanto, Alma é a voz que permutamos a fim de expor espaços de luta a tantos outros corpos que foram apagados da história, para compreender a relação de intimidade e distanciamento diante das variadas relações de poder, de domínio e controle sobre os subalternos. Para refletir sobre essas questões, a interseccionalidade vem como um recurso necessário para compreender como as injustiças fundamentam-se e justificam-se através das diferenças entre raça. O que o conto "Alma" apresenta com profundidade é o descaso e o mau trato por parte de mulheres que, em decorrência da sua cultura, status e locais, tendem a subjugar e inferir à mulher negra um tratamento de menor valor. Tal como neste fragmento:

> [...] eu, uma mulher indigna, carreguei para dentro de mim **o sofrimento que infligiam à minha pele,** nos atos, nas crianças brancas de quem cuidei, aquela senhora, aquela mulher, e as irmãs do meu senhor, **elas reclamando do meu chá, reclamando da minha comida, rindo sorrateiras**, eu como um bicho acuado, meus olhos tão logo ficavam vermelhos, porque **elas me lançavam a todo momento desfeitas**, eu sofria, eu, uma mulher, que olhava os pássaros antes que as senhoras se levantassem, escutava com muita atenção seus cantos quando o sol se erguia no céu, eu que queria o céu, que desejei muitas vezes não viver, que duvidei ter uma alma como minha senhora branca, carreguei nas minhas costas o peso das minhas correntes [...] (Vieira Junior, 2021, p.32-33; grifos nossos).

Dialogando para a construção desta pesquisa, os aportes provenientes de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2019) são fundamentais. Sirma Bilge (docente e socióloga) e Patrícia Hill Collins (professora, socióloga e escritora negra estadunidense) pensam a interseccionalidade como uma teoria social crítica, porém em uma perspectiva de ideias e fazeres, tratando as relações de poder em um horizonte de trabalho teórico comprometido com a prática e como as divergências que resumem a sociedade e como essas diferenças interferem em relações como ideias e práticas. Collins e Bilge (2019) afirmam que interseccionalidade é um trabalho "ou uma construção". Construto de saber epistemológico e psíquico, sendo que não há que separar a pele e a alma, as experiências que ambas trazem intrínseco e intenso a cada cicatriz e cada folículo. Tal situação pode ser relacionada com o que propõe Akotirene (2019) ao dialogar com os horizontes discorridos por Simone de Beauvoir e vislumbrar que a mulher é condicionada a manter um comportamento pacífico, sendo uma boa mãe, boa esposa e conivente com vários tipos de violência. Compreender relações de alteridade entre pessoas em posições divergentes e admitir como a pluralidade de costumes existentes é negligenciada, porque foram atropeladas pelas culturas dominantes. É o ponto de saída e de chegada, para isso nas memórias da personagem Alma, aspectos como sexo, cor, condição econômica e religião vêm fornecer suporte para compreender as estruturas sociais (que julgam inferior, feio, estranho e incivilizado o "outro"). A interseccionalidade traz elementos teóricos para que mecanismos jurídicos sejam acionados a fim de que possam formular políticas que favoreçam estas e aquelas que diferenciam-se pela classe, localidade geográfica e instrução formal.

Para que as virtudes da diversidade sejam manifestas, é importante a consciência de igualdade de almas a partir de um novo prisma. Também que se considere as multiculturas historicamente apagadas pela raiz colonial (que preza algumas parcelas da estética ocidental e que, de forma incoerente, almeja lançar todos os povos em uma bacia de cultura única, a partir da hegemonia que negligencia e desconsidera o "outro"), que, como prática, silencia a partir dos rótulos de condutas e de manifestações de povos que não sejam o seu, criam deuses para si e determinam que esses sejam cultuados por todos os povos, os quais são considerados inferiores, provocando a despersonificação da humanidade da mulher negra e subalterna, como na situação de Sojourner

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

Truth, exposta por Akotirene: "[...] nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro". (Akotirene, 2019, p. 17). A ativista Sojourner Truth destaca: "[...] ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização". (Truth *apud* Akotirene, 2019, p. 17). Agonia essa também compartilhada pela personagem Alma:

> [...] uma mulher que pariu com dor esse filho que tiraram dos meus braços, que pari outros tantos e todos os outros foram tirados de mim enquanto os amamentava e eles cresciam, eu, uma mulher, uma alma, que lutava todas as horas, e da primeira vez que me levaram um filho urrei de tristeza, como uma cadela, **meus filhos arrancados como uma ninhada de cães**, um a um foram retirando de mim, **um a um foram sendo retirados** (Vieira Junior, 2021, p. 32; grifos nossos).

A junção entre corpo e a memória potencializa e fortalece a resistência ancestral que expressa a violência a que as mulheres negras estiveram expostas ao longo da história. As agressões foram várias, porém a maternidade obrigatória pode-se afirmar ser uma violência hedionda, como animais para reprodução e comércio, no cio desenfreado do mercantilismo, o qual produz uma reação em cadeia nas produções, nas ciências, nos diversos níveis de relações. Relações estas que extrapolam os limites da racionalidade, gerando novas relações de poder, criando novos ambientes e destruindo outros. Um desenfreado estrondo de mudanças de habitat, que aflige aqueles que foram vitimados pelo tráfico de escravos, vendidos como animais, que padeceram pela ausência de discernimento, pela violência, não encontraram cortesia. De modo que o homem que domina a natureza também é escravizado por outro homem. Tudo que para Alma parecia verdadeiro em sua memória, porém desmanchou-se no ar.

O sagrado foi profanado em nome de uma cultura dominante que despreza a cultura dessa personagem, confrontadas por suas verdadeiras condições e relações sociais. O mercantilismo, que trouxe tantas inovações, foi o mesmo que encarcerou o ser humano e lhe arrancou o coração, impossibilitando-o de julgar suas ações e reagir. Sem sensibilidade, espiritualidade e dignidade, podemos a partir daqui considerar quais as formas de relações de

poder pode haver entre um governo descrito por Marshall Berman (1986) e a classe subalterna.

A personagem Alma foi confrontada por sua real condição socioeconômica, o desprezo por suas raízes silenciou sua história, situando-a no espaço da subalternidade. Nesse cenário, Gayatri Chakravorty Spivak (2010), ao questionar "pode o subalterno falar?", provoca a reflexão a respeito do que poderia ser subjetivado em quaisquer outras esferas de relações, na perspectiva do colonizador. Destituído de sua cultura, o sujeito subalternizado é colocado em uma posição passiva frente à dominação e perversidade humana, sendo-lhe oferecido o silêncio, negando-lhe diversas possibilidades de existência. Entretanto, por mais que Alma tenha sido silenciada em seu corpo pulsa a força ancestral demonstrada no trecho:

> **Caminhei por muitas luas cheias, sob o sol de fogo**, minhas mãos estavam sujas, minhas vestes rasgadas, destruídas, **meu cabelo embolado como um novelo, sem um fio que fosse um caminho para desatar**, meus seios amarrados com uma teia de palha de buriti, a pele cortada em todos os cantos, com cascões negros de sangue seco, os pés com os ossos rachados e com terríveis feridas; **eu manejava as ervas que encontrava no meio da mata e fazia unguentos com as poças d'água, com a lama de qualquer resquício de frescor, com ervas vivas e verdes como minha avó me ensinou,** fazia tantas coisas, passava minha saliva também para curar. (Vieira Júnior, 2021, p. 31; grifos nossos).

Nesse trecho, o conto inscreve a resistência no corpo de Alma e de um povo ao reconstituir sua trajetória, na qual a travessia celebra a libertação, a afirmação da vida, ainda que diante da dor. Caminhar é resistir, romper com o cerceamento/ confinamento que não oprime apenas o corpo, mas enclausura /aprisiona a vida. A voz feminina exibe agência própria, fala do próprio corpo que resiste às precariedades, às ações do tempo sobre o físico explorado, maltratado, expressando a experiência pessoal marcada pela ancestralidade. A vida resiste à exaustão e contrariando padronizações estéticas, o corpo negro sujo, desumanizado, ainda pode reproduzir saberes tradicionais. Nesse cenário, a socióloga María Lugones (2020) articula a questão da colonialidade de gênero, a qual e desumaniza mulheres negras e indígenas perante a mulher branca. Em tal processo o sistema colonial tanto usurpou o território quanto impôs seu jeito

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

de ser e perceber a mulher; produziu um sistema racializado, inferiorizando negros e indígenas, de molde heteronormativo e patriarcal. Isto é, exigiu-se um modelo de sociedade com a qual o homem branco é um modelo de norma social. A pesquisadora ainda descreve a mulher colonizada como categoria vazia, com corpos destinados ao trabalho, reprodução e controle.

A construção da personagem Alma confronta vários propósitos do sistema político colonial, ao se enfatizar a perspectiva de resistência na trajetória da protagonista, quando considera sua luta social, solitária e silenciosa. Discreta ao transformar a dor em manifesto, Alma rompe com as engrenagens de domínio e inicia um percurso de afirmação e existência, na qual a subjetividade negra está encarnada na identidade que se constitui no entrelaçamento de corpo, dor e memória. Os cabelos, embolados, são rejeitados pelos padrões estéticos estandardizados, mesmo confusos, desalinhados, representam a extensão da vida. Não podem ser arrancados, pelo contrário, preservá-los se faz necessário, ainda que permaneçam atados, representam o legado ancestral que resiste às tentativas de apagamento histórico. Resistir não é o objetivo final, mas o início, o ponto de partida de uma disputa política. Para Lugones, é na resistência que a subjetividade se reinventa, ganha formas e cria outras possibilidades.

A resistência encontrada na manifestação concreta do conto pode ser articulada com as propostas da filósofa Vandana Shiva (2024), com as quais se expressa o horizonte das mulheres periféricas, negras, indígenas e marginalizadas se dispõem como verdadeiras guardiãs da terra e dos saberes, mesmo ignoradas pelo sistema colonial e patriarcal. Alma manipula as ervas assim como dirige a própria vida e suas escolhas. Preservar os saberes tradicionais é rejeitar a dominação e o epistemicídio que reduzem a escrita ou a escolarização como únicos símbolos de cultura e fatores imprescindíveis à humanidade. Embora a educação formal seja de grande relevância para a sociedade, a humanidade de um ser não depende exclusivamente da cultura erudita ou da escolarização. Trata-se também da reciprocidade entre o corpo e a natureza. Assim, ao fazer uso dos saberes transmitidos pela avó, Alma reafirma sua existência e demonstra sua resistência em meio à brutalidade.

Já a filósofa Sueli Carneiro defende a ideia de que o dispositivo de racialidade é um contrato entre brancos e cúmplices na intenção de subordinar e manter o homem negro e indígenas colonizados, abaixo da disciplina imposta

pelo explorador. Porém é neste mesmo cenário que se dá a resistência, afirmando que a sobrevivência é um ato político e emancipatório. Para tal, a pesquisadora aponta a necessidade de ações táticas em determinadas circunstâncias, pois: "Permanecendo vivo, o negro enfrentará os desafios de manutenção da sua saúde física, de preservação de sua capacidade cognitiva, para que compreenda e desenvolva a crítica aos processos de exclusão racial a que está submetido e encontre os caminhos de emancipação individual e coletivos". (Sueli Carneiro, 2023, p. 138-139). Nesse contexto, Alma, ao narrar sua travessia, revela seu cativeiro que não se resumiu ao encarceramento físico, mas que por muito condenou sua existência, silenciou sua espiritualidade. Seu testemunho evidencia a alteridade como uma possibilidade de reconhecimento e de ruptura com o racismo estrutural que maculou com todos os conceitos de humanidade do homem explorado. Assim, a narrativa reafirma a diversidade como resistência antagônica ao sistema que lhe oferece o silêncio.

A protagonista do conto "Alma" (2021) sentiu na pele e na alma a violência e exploração que a subjugou a todas as formas de maus-tratos, julgamentos e desumanização a que sobreviveu, inferiorizada e desqualificada a falar por si própria, e mesmo por outras mulheres. Alma acreditava ser uma "mulher diferente", como se aquela mulher não tivesse uma alma, não fosse gente, eu "como um bicho acuado". Logo, as representações em "Alma" podem expressar uma situação de choque como discorre Kimberlé Crenshaw: "[...] permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias" (Crenshaw *apud* Akotirene, 2019, p. 14). Como um choque de realidades divergentes, mundos opostos, verdadeiros confrontos entre gênero, raças e identidades, onde a parte vulnerável criminalizada, carece de agências. De um lugar pré-fixado "o lugar do colonizado é lugar ermo". Por isso, cabe à interseccionalidade promover ou conceituar características que podem ou não segregar o sujeito, mesmo que eles ocupem os mesmos espaços. Para que estas mulheres possam expressar e requerer o que de fato lhes pertence: a dignidade, a igualdade. No conto "Alma" a protagonista experiencia várias transformações em sua movimentação de enfrentamento e fuga das condições adversas que lhe são impostas. Porém, em destaque, a lembrança do momento em que se dá o término das humilhações impostas por seus senhores a Alma:

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

> [...] então eu fazia a refeição dos meus senhores, fazia sem dormir direito, sonhando quase acordada, eu, cansada, mas decidida a partir como Luzia se foi, então decidi servir com muita justiça meus senhores, bati com muita força as louças que eles tinham na cozinha, muitos tambores ressoaram na minha cabeça, **até que a senhora veio até mim para dizer que eu era uma crioula insolente, com ameaças de castigos, eu derrubei o tacho, eu mesma limpei o chão**, os tambores não paravam na minha cabeça, aquela casa era uma terra de guerra, muitas vezes eles chamaram pelo inferno, eu, muito cansada, **busquei o veneno para rato no fundo do sobrado, despejei uma quantidade maior do que colocava para os ratos** e mexi com muita loucura aquele tacho, muitos tambores tocavam, **servi meus senhores com suas caras brancas, eles começaram a comer, chamaram por mim, fiquei quieta na cozinha fingindo que não escutava**, eu os ouvi arrastarem a toalha de mesa com as louças se espatifando no chão, eles davam gritos, ouvi que batiam muito forte à nossa porta, meu corpo ficou mais frio que o sereno naquela manhã quente, enfiei com muita força um guardanapo na boca da senhora, depois um guardanapo na boca do senhor [...] **deixei eles estirados do mesmo jeito que haviam caído** [...] (Vieira Junior, 2021, p. 50; grifos nossos).

O depoimento de Alma expressa o limite da dor, na qual se constitui a alteridade atribuída ao outro, formada a partir da lógica colonial. A mulher negra constantemente surge rotulada como a outra, a crioula, a insolente. Seu corpo a serviço de forma contínua, denuncia sua função servil. São hierarquizações sociais a fim de desumanizar e anular sua voz. Contudo, ao mesmo tempo em que os tambores soam, Alma rompe com o sistema e constitui sua resistência no corpo e na memória. Não é um surto ou uma crise existencial, a narradora personagem é acometida por uma súbita e profunda compreensão de sua real condição. A humilhação, o cansaço, dão lugar à recusa explícita da identidade imposta. A sua inércia reverbera o controle emocional e estratégico para sobreviver. Alma reporta a ação que nasce na memória carregada de dor e opróbrio, provocando a inversão das posições de poder através do corpo mesmo cansado. Os corpos dos senhores deixados ao desamparo e abandono, demonstram a intenção de romper. Alma resgata sua humanidade e reafirma sua autonomia e dignidade.

Na sua jornada de fuga e reencontro, Alma se desloca a pé quantidades enormes de distâncias por inúmeros dias; conhece um "homem sozinho" (que a

acolhe momentaneamente) numa roça distante; parte em seguida a novos rumos; monta a sua própria roça junto a uma serra muito distante; encontra um vaqueiro e se envolve afetivamente com ele. A memória gravada não trai, o ventre que gerou e os seios que amamentam jamais podem negligenciar suas lembranças, mesmo tendo-os perdido e alimentando os filhos de sua senhora. A personagem Alma carregava consigo memórias escritas pela oralidade da avó, que deu a ela uma origem, um povo, uma cultura e uma saudade, também lembrança da companhia de Inácio (morto indignamente pelo poder do senhor e patrão num deslocamento de barco), que sendo seu parceiro, ocupava um lugar especial em sua memória. A experiência, portanto, é entendida aqui como o que nos atua, conforme Jorge Larrosa Bondía: "[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Bondía, 2002, p. 21). Dadas às considerações, é impossível sentir o que o outro sente, o que pode ser dito é que a partir de uma perspectiva ampla, o que pode ser praticado é a alteridade, reconhecendo as peculiaridades do outro, o que o fazem particular. É preciso questionar se é possível que exista alteridade sob a ótica da diversidade, se é possível que nas relações interculturais os sujeitos compreendam o quão relevante sua prática para o desenvolvimento pleno do ser e autoconhecimento enquanto sujeito de si. A alteridade expressa o outro, o que pertence ao outro e ao que lhe é inerente, propõe um olhar respeitoso e igualitário diante das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais dispostas neste trabalho propiciam afirmar que o conto "Alma", de Itamar Vieira Júnior (2021), constitui um importante espaço para se debater a construção dos sujeitos em um contexto colonial, em estreito diálogo com as categorias como alteridade, diversidade, preconceito, subalternidade, lutas emancipatórias, insurgências do sul e subjetividades. A protagonista do conto "Alma" constrói sua vida a partir de suas práticas, evidenciando que a alteridade e a diversidade são fios condutores da identidade cultural ali apresentada. A personagem, descendente de africanos escravizados, narra a trajetória marcada pelo Atlântico, cativeiro, pela maternidade compulsória e

pela perda reiterada dos filhos: "eu, uma mulher que nasceu acorrentada aos desejos dos meus senhores, eu que não tinha nome porque não era nada [...] um dia toquei o coração da minha senhora e ela disse que eu tinha uma alma". Logo, a mulher solitária pode encontrar empatia nos horizontes de Lugones, Akotirene, Collins, Gonzales, que observam a subjetividade da mulher sendo constituída no campo da aproximação entre raça, gênero e classe, um espaço em que a colonialidade de gênero a transforma em categoria "vazia", destinada ao trabalho, reprodução e ao domínio patriarcal. Contudo, Alma deixa explícito que seu corpo, memória e tudo "como minha avó me ensinou", exprime a própria existência, a mulher socialmente invisível também é portadora de saber, de resistência. Ela é lugar de saber tradicional, espiritualidade e ancestralidade, recusando a desumanização. A alteridade, nesse contexto, deixa de ser mera tolerância abstrata e passa a significar o reconhecimento da diferença como parte constitutiva do humano, exigindo que a negação da humanidade e a tríplice discriminação seja enfrentada. Ainda nessa direção, Alma revela que a experiência não é algo simples, que "se passa", mas aquilo que, como lembra Larrosa Bondía, nos acontece, nos toca, transpassa e transforma. A memória do Atlântico como ferida aberta, a dor do luto "como ninhada de cães" expressa o desamparo que aproxima o ser humano do animal. As cicatrizes no corpo e na alma, tudo isso, reforça que a subjetividade feminina negra se constitui na fronteira entre a invisibilidade e a invenção de si. Ao narrar a própria história, Alma, rompe com o lugar silencioso da subalternidade e pode reagir à provocação de Spivak: "Pode o subalterno falar?" Ainda que seja uma voz marcada pela hesitação, dor ou ambivalência. A alteridade, aqui, não é tão-somente sobre o olhar do outro sobre ela, sobretudo é possibilidade de que essa mulher se reconheça como sujeito de si, apropriando-se do corpo e da existência. De outra parte, na apreciação do conto "Alma" também se pode visualizar que o uso do recurso compositivo dos avanços e dos recuos temporais (como na construção do desfecho da narrativa que transmite o começo dos acontecimentos vividos pela protagonista) constitui-se como um dos vetores importantes nos processos de subjetivação das personagens.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivos de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. 'Alma', de Itamar Vieira Junior: uma análise na perspectiva das neonarrativas de escravidão. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 108–122, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, 1. sem. 2002.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje – Anpocs**, São Paulo, v. 2, p. 223–244, 1984.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73–101, jul./dez. 2008.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (org.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

SHIVA, Vandana. **Terra viva: minha vida em uma biodiversidade de movimentos**. Tradução: Marina Kater. São Paulo: Boitempo, 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? *In*: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia: histórias**. São Paulo: Todavia, 2021.

02

A DESEJADA DE TODOS" – ANÁLISE COM OLHAR INTERDISCIPLINAR

Ronaldo Luiz Barboza
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Eliane Pinto de Góes
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Daniela Regina de Branco
Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG)

Carmen Lucia Rondon Soares
Associação Educacional 9 de julho (UNINOVE)

Marilu Mattéi Martins
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

10.37885/260221191

RESUMO

"A Desejada de Todos", um conto de Machado de Assis, é uma obra rica que oferece múltiplas camadas de significado permeando uma excelente análise interdisciplinar. Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira, tinha como pressuposto básico de inferir em suas obras, elementos de várias áreas do conhecimento, tais como da filosofia, psicologia e sociologia. Este artigo busca explorar como uma abordagem interdisciplinar pode enriquecer a compreensão e a interpretação de "A Desejada de Todos". Não obstante a isto, este artigo utilizará uma abordagem analítica, baseando-se em fontes literárias, filosóficas e sociológicas. A análise se concentrará na interação entre os elementos literários e os contextos históricos, filosóficos e psicológicos. Foi demonstrar algumas análises com vista a cumprir preceito lógico da formação em um programa de pós-graduação, sendo que este texto do conto Machadiano, nos levou a contemplar uma ideia de como podemos criar elementos de análise de textos literários, a partir de estudos na formação.

Palavras-chave: Interdisciplinariedade; literatura; Machado de assis; a desejada de todos.

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste é apresentar analise interdisciplinar de conto Machadiano – A Desejada das Gentes – numa perspectiva de interpretação e percurso metodológico exploratório do contexto apresentado, num viés atualizado da realidade interpretativa da literatura no tempo contemporâneo, assinalando sua inferência em termos cotidianos da atualidade. A interpretação se dá no conhecimento dos autores, em face de sua formação interdisciplinar, em direito, enfermagem e fisioterapia, nos quais a aproximação é de fundamentos básicos em literatura, mais especial com autores como Machado de Assis. Tem-se na sua formação uma constante ideia tecnicista e positivista de pensar e fazer. Embora seja pouco distante da literatura, se faz ator social e busca efetivar análise mais próxima do conto e as delimitações interdisciplinares do apresentado.

INTRODUÇÃO

O processo de construção textual é deveras difícil ao escritor e seu interlocutor, pois demanda a condição de expressar o dito, em proporções entendíveis e que se apresentam inteligíveis ao leitor.

Pensando as representações literárias de personagens femininas e masculinas, buscamos, neste trabalho, evidenciar os estigmas, patriarcado e sexualidade que perseguem ambas as representações, fazendo, ainda, proveito para analisar onde e como tais representações também se distinguem a partir da alusão sexual representada sobre uma das partes, a saber, a feminina.

Pensamos que as representações podem ser percebidas como ciclos predeterminados, que, na literatura, ocorre a partir de "quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos já existentes" (SILVA, 2010, p. 25).

Na construção da história, desde os primórdios nas descrições literárias e sociais, já haviam antes mesmo de Roma se tornar um império, onde se configurou a ideia do pater, um chefe de família, deu-se origem até os dias de hoje ao que chamamos de patriarcalismo.

Consumando-se como responsável pelas "prisões invisíveis" para as mulheres que desejam se emancipar.

Do ponto de vista histórico, o Patriarcado é uma criação histórica desenvolvida por homens e mulheres em um processo que levou 2,5 mil anos para ser concluído, foi no Período Arcaico (entre os anos de 800 a.C. e 500 a.C.) que a primeira forma de patriarcado surgiu: eram as famílias nas quais o homem mais velho, o patriarca, era quem controlava o poder de toda uma linhagem.

Na arqueologia dos estudos da civilização já discutia alguns teóricos, que em alguns povos, as mulheres na condição de rainha, num casamento monogâmico, exclusiva ao marido, mas este poderia ficar com outras mulheres, fazendo da esposa mera procriadora, sem ocupar outros espaços na sociedade.

Diante disto, tivemos um longo processo secular de desconstrução do papel da mulher na sociedade.

Então, mesmo com os diversos avanços que obtivemos, ainda persistem latentes as imposições sociais marcadas pelo sistema milenar patriarcal, sendo tarefa das futuras gerações romperem com tais paradigmas, inserir uma nova cultura e, sobretudo, um lugar de fala da mulher na sociedade.

As teorias contemporâneas evidenciam que a tarefa é árdua, uma vez que homens e mulheres que hoje passam pelo processo de emancipação, entendendo que as ideologias propagadas pelo patriarcado se constituem em uma agressão à mulher das mais diferentes formas e é papel de todos, independente de gênero, destituir as ideias retrógradas, perpassadas na sociedade, e que possuem mais espaço neste momento contemporâneo na busca a igualdade de gênero.

Em se pensar que ao estudar os mecanismos e estruturas de poder, Foucault percebeu que a sexualidade é um "dispositivo" sobre o qual governos e governados, instituições e sujeitos, ambiências públicas e privadas se manifestam, com condutas e cisões por transgressões.

> A sexualidade é selvagem, não é algo inato, um domínio puramente da natureza. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 2015).

Muito além do biológico, a sexualidade compreende um estatuto cultural, constituindo uma linguagem pela qual os sujeitos atuam.

Foucault afirma que o interesse do Ocidente pela verdade do sexo incitou/excitou o sujeito a expor suas intimidades, quer através da confissão cristã, quer pelo consultório médico. Ao contrário do que o senso comum imagina, o Ocidente não calou a voz do desejo, mas produziu um sexo tagarelante. Entretanto, num processo dialético, ao ser interpelado, o sexo também interpela o sujeito, numa "dupla petição, pois somos forçados a saber a quantas anda o sexo, enquanto ele é suspeito de saber a quantas andamos nós" (FOUCAULT, 2018, p. 121).

Do discurso que dizia, no fim do século XVIII:

> "Existe em nós um elemento de valor que se deve temer e poupar, a que devemos prestar a todos os cuidados se não quisermos que engendrem males infinitos", passou-se a um discurso que diz: Nossa sexualidade, por oposição a dos outros, está submetida a um regime de repressão tão intensa que o perigo, agora, está nisso; não somente o sexo é um segredo temível, como não cansaram de dizer as gerações precedentes os diretores espirituais, os moralistas, os pedagogos e os médicos, não somente é preciso desencavar a sua verdade, mas, se ele carrega consigo tantos perigos, é porque – por escrúpulo, senso aguçado do pecado ou hipocrisia, como quiserem – o reduzimos a silencio por tempo demais". Doravante, a diferenciação social não se afirmará pela qualidade "sexual" do corpo, mas pela intensidade da sua repressão (FOUCAULT, 2018, p. 125).

Com isso, o Ocidente não apenas racionalizou o sexo, como colocou o sujeito (corpo, alma, individualidade e história) sob a "lógica do desejo".

Foucault aponta o século XVIII como o momento em que se elaborou um saber sobre o sexo, quando se construiu um modelo de sexualidade "normal". Para falar de normalidade era preciso apontar exemplos de anormalidade, e quatro sujeitos foram pegos como bodes expiatórios: "a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso" (FOUCAULT, 2015, p. 114). Em torno dessas figuras organizar-se-ia uma "tecnologia do sexo" e seria proposto um código de normalidade.

Partindo da narrativa supra temos a analisar um texto de Machado de Assis, "**A Desejada das Gentes"**, que nos permitimos a incluir na sua forma total, para melhor enunciar ao leitor.

— AH! CONSELHEIRO, aí começa a falar em verso.
— Todos os homens devem ter uma lira no coração,
— ou não sejam homens. Que a lira ressoe a toda a hora, nem por qualquer motivo, não o digo eu, mas de longe em longe, e por algumas reminiscências particulares... Sabe por que é que lhe pareço poeta, apesar das Ordenações do Reino e dos cabelos grisalhos? é porque vamos por esta Glória adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros. . . Lá está o outeiro célebre. .. Adiante há uma casa..
— Vamos andando.
— Vamos... Divina Quintília! Todas essas caras que aí passam são outras, mas falam-me daquele tempo, como se fossem as mesmas de outrora; é a lira que ressoa, e a imaginação faz o resto. Divina Quintília! — Chamava-se Quintília? Conheci de vista, quando andava na Escola de Medicina, uma linda moça com esse nome. Diziam que era a mais bela da cidade.
— Há de ser a mesma, porque tinha essa fama. Magra e alta? — Isso. Que fim levou?
— Morreu em 1859. Vinte de abril. Nunca me há de esquecer esse dia. Vou contar-lhe um caso interessante para mim, e creio que também para o senhor. Olhe, a casa era aquela... Morava com um tio, chefe de esquadra reformado, tinha outra casa no Cosme Velho. Quando conheci Quintília... Que idade pensa que teria, quando a conheci? — Se foi em 1855...
— Em 1855.
— Devia ter vinte anos.
— Tinha trinta.
— Trinta?
— Trinta anos. Não os parecia, nem era nenhuma inimiga que lhe dava essa idade. Ela própria a confessava e até com afetação. Ao contrário, uma de suas amigas afirmava que Quintília não passa-va dos vinte e sete; mas como ambas tinham nascido no mesmo dia, dizia isso para diminuir-se a si própria.
— Mau, nada de ironias; olhe que a ironia não faz boa cama com a saudade.
— Que é a saudade senão uma ironia do tempo e da fortuna? Veja lá; começo a ficar sentencioso. Trinta anos; mas em verdade, não os parecia. Lembra-se bem que era magra e alta; tinha os olhos como eu então dizia, que pareciam cortados da capa da última noite, mas apesar de noturnos, sem mistérios nem abismos. A

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

voz era brandíssima, um tanto apaulistada, a boca larga, e os dentes, quando ela simplesmente falava, davam-lhe à boca um ar de riso. Ria também, e foram os risos dela, de parceria com os olhos, que me doeram muito durante certo tempo.

— Mas se os olhos não tinham mistérios...

— Tanto não os tinham que cheguei ao ponto de supor que eram as portas abertas do castelo, e o riso o clarim que chamava os cavaleiros. Já a conhecíamos, eu e o meu companheiro de escritório, o João Nóbrega, ambos principiantes na advocacia, e íntimos como ninguém mais; mas nunca nos lembrou namorá-la. Ela andava então no galarim; era bela, rica, elegante, e da primeira roda. Mas um dia, no antigo Teatro Provisório entre dois atos dos Puritanos, estando eu num corredor, ouvi um grupo de moços que falavam dela, como de uma fortaleza inexpugnável. Dous confessaram haver tentado alguma cousa, mas sem fruto; e todos pasmavam do celibato da moça que lhes parecia sem explicação. E chalaceavam: um dizia que era promessa até ver se engordava primeiro; outro que estava esperando a segunda mocidade do tio para casar com ele; outro que provavelmente encomendara algum anjo ao porteiro do céu; trivialidades que me aborreceram muito, e da parte dos que confessavam tê-la cortejado ou amado, achei que era uma grosseria sem nome. No que eles estavam todos de acordo é que ela era extraordinariamente bela; aí foram entusiastas e sinceros.

— Oh! ainda me lembro!... era muito bonita.

— No dia seguinte, ao chegar ao escritório, entre duas causas que não vinham, contei ao Nóbrega a conversação da véspera. Nóbrega riu-se do caso, refletiu, e depois de dar alguns passos, parou diante de mim, olhando, calado.

— Aposto que a namoras? perguntei-lhe.

— Não, disse ele; nem tu? Pois lembrou-me uma cousa: vamos tentar o assalto à fortaleza? Que perdemos com isso? Nada, ou ela nos põe na rua, e já podemos esperá-lo, ou aceita um de nós, e tanto melhor para o outro que verá o seu amigo feliz.

— Estás falando sério?

— Muito sério.

— Nóbrega acrescentou que não era só a beleza dela que a fazia atraente. Note que ele tinha a presunção de ser espírito prático, mas era principalmente um sonhador que vivia lendo e construindo aparelhos sociais e políticos. Segundo ele, os tais rapazes do teatro evitavam falar dos bens da moça, que eram um dos feitiços dela, e uma das causas prováveis da desconsolação de uns e dos sarcasmos de todos. E dizia-me:

— Escuta, nem divinizar o dinheiro, nem também banilo; não vamos crer que ele dá tudo, mas reconheçamos que dá alguma

cousa e até muita cousa,
— este relógio, por exemplo. Combatamos pela nossa Quintília, minha ou tua, mas provavelmente minha, porque sou mais bonito que tu.
— Conselheiro, a confissão é grave, foi assim brincando...?
— Foi assim brincando, cheirando ainda aos bancos da academia, que nos metemos em negócio de tanta ponderação, que podia acabar em nada, mas deu muito de si. Era um começo estouvado, quase um passatempo de crianças, sem a nota da sinceridade; mas o homem põe e a espécie dispõe. Conhecíamo-la, posto não tivéssemos encontros freqüentes; uma vez que nos dispusemos a uma ação comum, entrou um elemento novo na nossa vida, e dentro de um mês estávamos brigados.
— Brigados?
— Ou quase. Não tínhamos contado com ela, que nos enfeitiçou a ambos, violentamente. Em algumas semanas já pouco falávamos de Quintília, e com indiferença; tratávamos de enganar um ao outro e dissimular o que sentíamos. Foi assim que as nossas relações se dissolveram, no fim de seis meses, sem ódio, nem luta, nem demonstração externa, porque ainda nos falávamos, onde o acaso nos reunia; mas já então tínhamos banca separada.
— Começo a ver uma pontinha do drama. . .
— Tragédia, diga tragédia; porque daí a pouco tempo, ou por desengano verbal que ela lhe desse, ou por desespero de vencer, Nóbrega deixou-me só em campo. Arranjou uma nomeação de juiz municipal lá para os sertões da Bahia, onde definhou e morreu antes de acabar o quatriênio. E juro-lhe que não foi o inculcado espírito prático de Nóbrega que o separou de mim; ele, que tanto falara das vantagens do dinheiro, morreu apaixonado como um simples Werther.
— Menos a pistola.
—Também o veneno mata; e o amor de Quintília podia dizer-se alguma cousa parecido com isso, foi o que o matou, e o que ainda hoje me dói. . . Mas, vejo pelo seu dito que o estou aborrecendo..
— Pelo amor de Deus. Juro-lhe que não; foi uma graçola que me escapou. Vamos adiante, conselheiro; ficou só em campo.
— Quintília não deixava ninguém estar só em campo,
— não digo por ela, mas pelos outros. Muitos vinham ali tomar um cálix de esperanças, e iam cear a outra parte. Ela não favorecia a um mais que a outro, mas era lhana, graciosa e tinha essa espécie de olhos derramados que não foram feitos para homens ciumentos. Tive ciúmes amargos e, às vezes, terríveis. Todo argueiro me parecia um cavaleiro, e todo cavaleiro um diabo. Afinal acostumei-me a ver que eram passageiros de um dia. Outros me metiam mais medo, eram os que vinham dentro

da luva das amigas. Creio que houve duas ou três negociações dessas, mas sem resultado. Quintília declarou que nada faria sem consultar o tio, e o tio aconselhou a recusa,

— cousa que ela sabia de antemão. O bom velho não gostava nunca da visita de homens, com receio de que a sobrinha escolhesse algum e casasse. Estava tão acostumado a trazê-la ao pé de si, como uma muleta da velha alma aleijada, que temia perdê-la inteiramente.

— Não seria essa a causa da isenção sistemática da moça?

— Vai ver que não.

— O que noto é que o senhor era mais teimoso que os outros. . . — ... Iludido, a princípio, porque no meio de tantas candidaturas malogradas, Quintília preferia-me a todos os outros homens, e conversava comigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casávamos.

— Mas conversavam de quê?

— De tudo o que ela não conversava com os outros; e era de fazer pasmar que uma pessoa tão amiga de bailes e passeios, de valsar e rir, fosse comigo tão severa e grave, tão diferente do que costumava ou parecia ser.

— A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.

— Obrigado; era mais profunda a causa da diferença, e a diferença ia-se acentuando com os tempos. Quando a vida cá embaixo a aborrecia muito, ia para o Cosme Velho, e ali as nossas conversações eram mais freqüentes e compridas. Não lhe posso dizer, nem o senhor compreenderia nada, o que foram as horas que ali passei, incorporando na minha vida toda a vida que jorrava dela. Muitas vezes quis dizer-lhe o que sentia, mas as palavras tinham medo e ficavam no coração. Escrevi cartas sobre cartas; todas me pareciam frias, difusas, ou inchadas de estilo. Demais, ela não dava ensejo a nada, tinha um ar de velha amiga. No princípio de 1857 adoeceu meu pai em Itaboraí; corri a vê-lo, achei-o moribundo. Este fato reteve-me fora da Corte uns quatro meses. Voltei pelos fins de maio. Quintília recebeu-me triste da minha tristeza, e vi claramente que o meu luto passara aos olhos dela...

— Mas que era isso senão amor?

— Assim o cri, e dispus a minha vida para desposá-la. Nisto, adoeceu o tio gravemente. Quintília não ficava só, se ele morresse, porque, além dos muitos parentes espalhados que tinha, morava com ela agora, na casa da Rua do Catete, uma prima, D. Ana, viúva; mas, é certo que a afeição principal iase embora e nessa transição da vida presente à vida ulterior podia eu alcançar o que desejava. A moléstia do tio foi breve; ajudada da velhice, levou-o em duas sema-nas. Digo-lhe aqui que a morte dele

lembrou-me a de meu pai, e a dor que então senti foi quase a mesma. Quintília viu-me padecer, compreendeu o duplo motivo, e, segundo me disse depois, estimou a coincidência do golpe, uma vez que tínhamos de o receber sem falta e tão breve. A palavra pareceu-me um convite matrimonial; dois meses depois cuidei de pedi-la em casamento. D. Ana ficara morando com ela e estavam no Cosme Velho. Fui ali, achei-as juntas no terraço, que ficava perto da montanha. Eram quatro horas da tarde de um domingo. D. Ana, que nos presumia namorados, deixou-nos o campo livre.

— Enfim! — No terraço, lugar solitário, e posso dizer agreste, proferi a primeira palavra. O meu plano era justamente precipitar tudo, com medo de que, cinco minutos de conversa me tirassem as forças. Ainda assim, não sabe o que me custou; custaria menos uma batalha, e juro-lhe que não nasci para guerras. Mas aquela mulher magrinha e delicada impunha-se-me, como nenhuma outra, antes e depois...

— E então?

— Quintília adivinhara, pelo transtorno do meu rosto, o que lhe ia pedir, e deixou-me falar para preparar a resposta. A resposta foi interrogativa e negativa. Casar para quê? Era melhor que ficássemos amigos como dantes. Respondi-lhe que a amizade era, em mim, desde muito, a simples sentinela do amor; não podendo mais contê-lo, deixou que ele saísse. Quintília sorriu da metáfora, o que me doeu, e sem razão; ela, vendo o efeito, fez-se outra vez séria e tratou de persuadir-me de que era melhor não casar.

— Estou velha, disse ela; vou em trinta e três anos.

— Mas se eu a amo assim mesmo, repliquei, e disse-lhe uma porção de cousas, que não poderia repetir agora. Quintília refletiu um instante; depois insistiu nas relações de amizade; disse que, posto que mais moço que ela, tinha a gravidade de um homem mais velho e inspirava-lhe confiança como nenhum outro. Desesperançado, dei algumas passadas, depois sentei-me outra vez e narrei-lhe tudo. Ao saber da minha briga com o amigo e companheiro da academia, e a separação em que ficamos, sentiu-se, não sei se diga, magoada ou irritada. Censurou-nos a ambos, não valia a pena que chegássemos a tal ponto.

— A senhora diz isso porque não sente a mesma cousa.

— Mas então é um delírio?

— Creio que sim; o que lhe afianço é que ainda agora, se fosse necessário, separar-me-ia dele uma e cem vezes; e creio poder afirmar-lhe que ele faria a mesma cousa. Aqui olhou ela espantada para mim, como se olha para uma pessoa cujas faculdades parecem transtornadas; depois abanou a cabeça, e repetiu que fora um erro; não valia a pena.

— Fiquemos amigos, disse-me, estendendo a mão.

— É impossível; pede-me cousa superior às minhas forças, nunca poderei ver na senhora uma simples amiga; não desejo imporlhe nada; dir-lhe-ei até que nem mais insisto, porque não aceitaria outra resposta agora. Trocamos ainda algumas palavras, e retirei-me... Veja a minha mão.

— Treme-lhe ainda...

— E não lhe contei tudo. Não lhe digo aqui os aborrecimentos que tive, nem a dor e o despeito que me ficaram. Estava arrependido, zangado, devia ter provocado aquele desengano desde as primeiras semanas, mas a culpa foi da esperança, que é uma planta daninha, que me comeu o lugar de outras plantas melhores. No fim de cinco dias saí para Itaboraí, onde me chamaram alguns interesses do inventário de meu pai. Quando voltei, três semanas depois, achei em casa uma carta de Quintília.

— Oh!

— Abri-a alvoroçadamente: datava de quatro dias. Era longa; aludia aos últimos sucessos, e dizia cousas meigas e graves. Quintília afirmava ter esperado por mim todos os dias, não cuidando que eu levasse o egoísmo até não voltar lá mais, por isso escrevia-me, pedindo que fizesse dos meus sentimentos pessoais e sem eco uma página de história acabada; que ficasse só o amigo, e lá fosse ver a sua amiga. E concluía com estas singulares palavras: "Quer uma garantia? Juro-lhe que não casarei nunca." Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava um ao outro; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter. Éramos dois sócios, que entravam no comércio da vida com diferente capital: eu, tudo o que possuía; ela, quase um óbolo. Respondi à carta dela nesse sentido; e declarei que era tal a minha obediência e o meu amor, que cedia, mas de má vontade, porque, depois do que se passara entre nós, ia sentir-me humilhado. Risquei a palavra ridículo, já escrita, para poder ir vê-la sem este vexame; bastava o outro.

— Aposto que seguiu atrás da carta? É o que eu faria, porque essa moça, ou eu me engano ou estava morta por casar com o senhor.

— Deixe a sua fisiologia usual; este caso é particularíssimo.

— Deixe-me adivinhar o resto; o juramento era um anzol místico; depois, o senhor, que o recebera, podia desobrigá-la dele, uma vez que aproveitasse com a absolvição. Mas, enfim, correr à casa dele.

— Não corri; fui dous dias depois. No intervalo, respondeu ela à minha carta com um bilhete carinhoso, que rematava com esta idéia: "não fale de humilhação, onde não houve público." Fui, voltei uma e mais vezes e restabeleceram-se as nossas relações. Não se falou em nada; ao princípio, custou-me muito parecer o que era dantes; depois, o demônio da esperança veio pousar outra vez no meu coração; e, sem nada exprimir, cuidei que um dia, um

dia tarde, ela viesse a casar comigo. E foi essa esperança que me retificou aos meus próprios olhos, na situação em que me achava. Os boatos de nosso casamento correram mundo. Chegaram aos nossos ouvidos; eu negava formalmente e sério; ela dava de ombros e ria. Foi essa fase da nossa vida a mais serena para mim, salvo um incidente curto, um diplomata austríaco ou não sei que, rapagão, elegante, ruivo, olhos grandes e atrativos, e fidalgo ainda por cima. Quintília mostrou-se-lhe tão graciosa, que ele cuidou estar aceito, e tratou de ir adiante. Creio que algum gesto meu, inconsciente, ou então um pouco da percepção fina que o céu lhe dera, levou depressa o desengano à legação austríaca. Pouco depois ela adoeceu; e foi então que a nossa intimidade cresceu de vulto. Ela, enquanto se tratava, resolveu não sair, e isso mesmo lhe disseram os médicos. Lá passava eu muitas horas diariamente. Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa; a maior parte das vezes conversávamos somente. Foi então que a estudei muito; escutando as suas leituras vi que os livros puramente amorosos achava-os incompreensíveis, e, se as paixões aí eram violentas, largava-os com tédio. Não falava assim por ignorante; tinha notícia vaga das paixões, e assistira a algumas alheias. — De que moléstia padecia?

— Da espinha. Os médicos diziam que a moléstia não era talvez recente, e ia tocando o ponto melindroso. Chegamos assim a 1859. Desde março desse ano a moléstia agravou-se muito; teve uma pequena parada, mas para os fins do mês chegou ao estado desesperador. Nunca vi depois criatura mais enérgica diante da iminente catástrofe; estava então de uma magreza transparente, quase fluida; ria, ou antes, sorria apenas, e vendo que eu escondia as minhas lágrimas, apertava-me as mãos agradecida. Um dia, estando só com o médico, perguntou-lhe a verdade; ele ia mentir, ela disse lhe que era inútil, que estava perdida.

— Perdida, não, murmurou o médico.

— Jura que não estou perdida?

— Ele hesitou, ela agradeceu-lho. Uma vez certa que morria, ordenou o que prometera a si mesma.

— Casou com o senhor, aposto?

— Não me relembre essa triste cerimônia; ou antes, deixe-me relembrá-la, porque me traz algum alento do passado. Não aceitou recusas nem pedidos meus; casou comigo à beira da morte. Foi no dia 18 de abril de 1859. Passei os últimos dois dias, até 20 de abril ao pé da minha noiva moribunda, e abracei-a pela primeira vez feita cadáver.

— Tudo isso é bem esquisito.

— Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente

> física. Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino.
> FIM" (ASSIS, 1994, pp. 157-165).

Analisando o início do conto, percebe-se a exigência que este requer de um leitor, para lidar com a instância do enunciado, ou seja, a conversa entre homens que observam uma mulher no tempo presente e sua articulação com o tempo da história passada, contada pelo narrador.

Em seguida, que contém a narrativa de dois interlocutores sobre a pessoa "Quintilia", na tentativa de disputa pelo amor da jovem mulher. Podemos inferir a ausência de interesse de "Quintilia" em relacionamentos, mostrando que não estaria disposta a "perder" sua autenticidade e desejo de estar bem consigo mesma.

A significação do ato pode ser não uma atitude revanchista, mas a genuína manifestação do desejo: ela não apenas se inscreve no circuito do desejo, mas cai fora do da mercadoria e das valorações capitalistas. Duplamente ousado, poderíamos dizer que, em menor grau de interpretação, une Foucault e Marx.

Ao ler o conto podemos avaliar o desejo da personagem a partir de elementos insertos, em juízo de valores, o que revela menos sobre ela e mais sobre seus observadores.

Voltando-se a Machado de Assis, vemos que suas razões foram, sobretudo, de ordem estética, pois tinha a clara consciência de que nem todos os fatos devem ascender à condição de fatos estéticos. Seu realismo era de cunho seletivo. Recortava da vida real apenas os dados que viessem a ter função na construção do relato.

O erotismo ocupa posição de proeminência, e a mulher figura obviamente como natural objeto de desejo.

A vivência erótica, se não se limita à impressão passageira de um dos envolvidos, por vezes incapazes até de discernir a realidade do sonho, como no caso à fúnebre compensação pela não-posse do objeto desejado (ASSIS, 1994, pp 157-165);

O corpo da mulher é objeto de desejo por parte das personagens masculinas machadianas. Esse desejo é, porém, direcionado para algumas partes da

anatomia feminina, sendo, portanto, de caráter metonímico. E isso a despeito da aparência, uma clássica metáfora.

> — Chamava-se Quintília? Conheci de vista, quando andava na Escola de Medicina, uma linda moça com esse nome. Diziam que era a mais bela da cidade.
> ...
> — Trinta anos. Não os parecia, nem era nenhuma inimiga que lhe dava essa idade. Ela própria a confessava e até com afetação. Ao contrário, uma de suas amigas afirmava que Quintília não passava dos vinte e sete; mas como ambas tinham nascido no mesmo dia, dizia isso para diminuir-se a si própria.
> ...
> — Que é a saudade senão uma ironia do tempo e da fortuna? Veja lá; começo a ficar sentencioso. Trinta anos; mas em verdade, não os parecia.
> ...
> — Mas se os olhos não tinham mistérios...
> — Tanto não os tinham que cheguei ao ponto de supor que eram as portas abertas do castelo, e o riso o clarim que chamava os cavaleiros.

Dizemos que na aparência porque, de fato, o componente metafórico está apenas no termo determinante "trinta anos". Enquanto o termo determinado, "olhos", é claramente metonímico.

Vejamos que os olhos "eram as portas abertas do castelo, e o riso o clarim que chamava os cavaleiros."

O processo de particularização do corpo feminino é, aí, flagrante: como qualquer outra personagem feminina em Machado de Assis, embora o retrato físico de Quintília seja de irrepreensível objetividade, a personagem não é descrita exaustivamente.

Lembra-se bem que era magra e alta; tinha os olhos como eu então dizia, que pareciam cortados da capa da última noite, mas apesar de noturnos, sem mistérios nem abismos. A voz era brandíssima, um tanto apaulistada, a boca larga, e os dentes, quando ela simplesmente falava, davam-lhe à boca um ar de riso

Ainda se concretiza a disputa masculina para com a bela Quintília:

> Mas um dia, no antigo Teatro Provisório entre dois atos dos Puritanos, estando eu num corredor, ouvi um grupo de moços que falavam dela, como de uma fortaleza inexpugnável. Dous

> confessaram haver tentado alguma cousa, mas sem fruto; e todos pasmavam do celibato da moça que lhes parecia sem explicação. E chalaceavam: um dizia que era promessa até ver se engordava primeiro; outro que estava esperando a segunda mocidade do tio para casar com ele; outro que provavelmente encomendara algum anjo ao porteiro do céu; trivialidades que me aborreceram muito, e da parte dos que confessavam tê-la cortejado ou amado, achei que era uma grosseria sem nome. No que eles estavam todos de acordo é que ela era extraordinariamente bela; aí foram entusiastas e sinceros.

Porém sua forma de rejeitar os pretendentes, parte da ideia de "domínio feminino, plantado na dubiedade, é vitória somente enquanto derrota dos homens. Se essas mulheres obtêm alguma vitória, algum tipo de prazer, é na manipulação do outro, na experimentação, não de todo embriagada, dos limites" (BASTOS, 2008, p. 52).

Uma constatação imediata e concreta acontecida aqui, neste momento, nos empolga. De repente, visualizamos este conto tão bem organizado. A demonstração que temos, de saída, arrebenta com os estereótipos a respeito da incapacidade de o homem perceber a existência feminina, mesmo que ainda não a tenha com respeito a sua ideia de ser ELA por ela mesmo, não assegurando a referência do desejo e do sentimento de disputa masculina.

DA AMIZADE E NÃO COMPROMISSO

Tanto quanto os homens, as mulheres machadianas correspondem a seres falhados, irrealizados (BASTOS, 2008, p. 53).

Momento mais lucido narrador (fala masculina) é quando estabelece a condição da preferência da interlocução de Quintília para com este:

> — O que noto é que o senhor era mais teimoso que os outros. . . — ... Iludido, a princípio, porque no meio de tantas candidaturas malogradas, Quintília preferia-me a todos os outros homens, e conversava comigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casávamos.
> — Mas conversavam de quê?
> — De tudo o que ela não conversava com os outros; e era de fazer pasmar que uma pessoa tão amiga de bailes e passeios, de valsar e rir, fosse comigo tão severa e grave, tão diferente do que costumava ou parecia ser.

Mas denota-se que não deseja a personagem estabelecer laços próximos de casar, de momentos íntimos pessoais, mas demonstrar sua supremacia na vontade de estar "bem" na sua forma de viver, embora fosse albergada pelo tio, com posses; "*Olhe, a casa era aquela... Morava com um tio, chefe de esquadra reformado, tinha outra casa no Cosme Velho"* (ASSIS, 1994, pp. 157-165).

E como nos ensina Saffioti: "A emancipação feminina é, pois, problema complexo cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica. Mesmo a mulher economicamente independente sofre, na sua condição de mulher, o impacto de certas injunções nacionais e internacionais" (SAFFIOTE, 1976, p. 46).

Nesse sentido, o direito da mulher de construir um relacionamento conjugal significa que ela tem o direito de escolher seu parceiro, de acordo com suas próprias preferências e interesses. Isso significa que as mulheres não podem ser forçadas a se casar ou ter um relacionamento com alguém que não escolheram.

A Constituição da República Federativa do Brasil é uma das mais avançadas do mundo no que diz respeito aos direitos civis e sociais. O Capítulo I do Título II trata dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, tendo o seu artigo 5º, 77 incisos detalhando todos eles.

Os direitos individuais também são chamados de direitos humanos, direitos das pessoas, direitos de mulheres e homens. Seus fundamentos estão no direito natural e em certas liberdades essenciais à personalidade e a dignidade da pessoa humana. Com os direitos fundamentais nossa Constituição proclama que a sociedade e o Estado existem para o bem-estar da pessoa humana.

O artigo 5º diz:

> Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
> I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Isto significa igualdade de direitos.

Se homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, não pode haver qualquer tipo de discriminação na família, no trabalho nem na sociedade. Com

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

este inciso, quem é tratada desigual por razão do sexo – masculino ou feminino, deve buscar a igualdade.

Tenhamos isto como elemento técnico jurídico de que na família, a mulher tem os mesmos direitos do marido ou companheiro, com relação às decisões que devem ser tomadas referentes aos filhos e à família. Os trabalhos domésticos devem ser divididos entre ambos, de comum acordo.

No trabalho, a igualdade entre homens e mulheres devem ser prerrogativa básica, num mesmo trabalho. Não fugindo a isto, na sociedade, ambos devem ser tratados com igual respeito em qualquer situação e ambiente social.

Neste contexto, do conto, vemos que a personagem não se dispõe a ser "enviada" ao casamento, seja por saber da doença que a corroía (imaginário do autor) ou por desejo pessoal de não se submeter a um casamento onde era desejada, mas como objeto de disputa, seja pela beleza ou posição social da época.

As esquivas sempre se deram aos pretendentes, demonstrando na clareza de sua inteligência a não se submeter em casamento, e sim utilizar de sua vida para uma vivencia com todos que pudesse estabelecer vínculos, mas especialmente para com seu tio e o personagem narrador, ao qual detinha mais como amigo e confitente, que um "amor carnal" a este.

O narrador se demonstra, que com a recusa, deixa apenas de ser uma "aposta", para se tornar em sua feição amorosa a Quintília, tendo por esta mais que amor filial de amizade, mas sim interesse repleto de desposar esta. Não consegue isto em suas investidas sociais e correntes, somente o tem repercussão, quando da a na morte da personagem.

DA MORTE DE QUINTÍLIA

> — Não me relembre essa triste cerimônia; ou antes, deixe-me relembrá-la, porque me traz algum alento do passado. Não aceitou recusas nem pedidos meus; casou comigo à beira da morte. Foi no dia 18 de abril de 1859. Passei os últimos dois dias, até 20 de abril ao pé da minha noiva moribunda, e abracei-a pela primeira vez feita cadáver. (1967, pp. 157-165).

De sabor um tanto necrófilo é também a observação do personagem do conto, relatando ao seu interlocutor o desfecho de sua frustrada relação com a

formosa Quintília, a quem amara desesperadamente, e que só concordara em casar-se com ele quando já à morte.

Este abraço na noiva moribunda não elide completamente o impulso erótico. Quintília era, pela leitura do conto e depoimentos, "a mais bela [moça] da cidade" (p. 157).

Nela residia a ideia ocorrida em tantas outras personagens femininas de Machado de Assis, em que sua consequente beleza estava, acima de tudo, nos olhos (*que pareciam cortados da capada última noite, mas apesar de noturnos, [eram] sem mistérios nem abismos*); na voz (*brandíssima, um tanto apaulistada, a boca larga, e os dentes que quando ela simplesmente falava, davam-lhe à boca um ar de riso*) - (p. 158 –itálicos nossos).

Resta ainda aqui a marca da não realização: o casamento acontece quando, ironicamente, nenhum proveito dele pode tirar o apaixonado pretendente.

E incita Bastos, "a irrealização é provocada pela dubiedade, pelo enigmatismo da mulher, objeto do desejo, que impõe ao homem, indefeso e perplexo, o capricho da falha de um projeto que a satisfaria também, quem sabe (BASTOS, 2008, p. 58).

A vida e morte narrada como sendo elemento da observação final do conto, mormente ser esquisita a forma de casar, pois não vivido e consentido na morte, como retruca o conselheiro:

> – Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente física. Casou meia defunta, às portasdo nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino. (P. 165).

Na "História da sexualidade – A vontade de saber", Foucault cita Pufendorf (ano, p. 451) ao falar sobre o direito de morte do corpo moral.

> "Da mesma forma que um corpo composto pode ter as qualidades que não se encontram em nenhum dos corpos simples da mistura de que é formado, assim também um corpo moral pode ter, em virtude da própria união das pessoas que o compõem, certos direitos que não revestiam formalmente nenhum dos particulares e que cabe somente aos mentores exercê-los".

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

Mais além, assevera que este direito era do soberano, que lhe cabia direito de vida e morte dos seus filhos e escravos.

> Por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e morte. Sem dúvida, ele derivava formalmente da velha pátria potestas que concedia ao pai de família romano o direito de "dispor" da vida de seus filhos e de seus escravos; podia retirar-lhes a vida, já que a tinha "dado". O direito de vida e morte, como é formulado nos teóricos clássicos, é uma fórmula bem atenuada desse poder (ALBUQUERQUE, 1998, P. 127).

Quando falamos de direito a morte, podemos usar do direito, no princípio da dignidade da pessoa humana e o direito à morte digna, que são princípios basilares do Estado de Direito, que guiam sua atuação na área jurídica com a finalidade de proteger as pessoas, as famílias e os mais idosos. Esses direitos estão previstos no artigo 7º da Constituição Federal do Brasil: "Artigo 7º - A ninguém será privado do direito de viver em liberdade".

Contudo a arte de morrer não está somente na Lei escrita dos homes, mas nos direitos naturais, no Jusnaturalismo.

Dentre os conceitos livres de interpretação, a Dignidade é uma noção que configura um direito fundamental e imprescindível à pessoa, ou seja, não é possível desprezá-lo ou ignorá-lo em qualquer situação da vida humana.

A dignidade é um direito, valor e conceito fundamental que foi reconhecido por todas as nações que se congregam no planeta. É um princípio que une os seres humanos entre si e com a natureza, bem como com "Deus". Indigno é não respeitar as pessoas em seus estágios de vida: desde o nascer até a morte; desde a infância até a velhice; da saúde às doenças; de poder comer, beber ou andar livremente sem discriminação de raça, religião ou identidade de gênero.

Autonomia individual no final da vida também significa uma liberdade do indivíduo para decidir sobre suas próprias condições de vida. É uma forma de preservar a dignidade individual através da tomada de decisões livres sobre as questões relativas à saúde e morte. Assim podemos dizer que Machado de Assis nos traz a tragédia inserta no conto:

> Desde março desse ano a moléstia agravou-se muito; teve uma pequena parada, mas para os fins do mês chegou ao estado desesperador. Nunca vi depois criatura mais enérgica diante da iminente catástrofe; estava então de uma magreza transparente, quase fluida; ria, ou antes, sorria apenas, e vendo que eu escondia as minhas lágrimas, apertava-me as mãos agradecida.
> — Não me relembre essa triste cerimônia; ou antes, deixe-me relembrá-la, porque me traz algum alento do passado. Não aceitou recusas nem pedidos meus; casou comigo à beira da morte.

E assim, Quintilia morreu e o narrador, deu-se por completo em seu desejo de casar-se com a enferma, já moribunda. Em seu leito de morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das circunstâncias únicas vivenciadas durante a leitura do conto Machadiano, este estudo concentrou-se na interpretação analítica de frações do mesmo, tentando associá-lo a interdisciplinariedade no contexto atual, evidenciando a necessidade de releituras outras de um indivíduo com esparsos contatos com a literatura.

O cenário apresentado trouxe à tona não apenas desafios, mas também oportunidades transformadoras no campo da educação. A urgência em proporcionar continuidade ao processo educativo levou a uma rápida adoção de metodologias analíticas, fundamentadas na participação de leituras de textos e na construção do conhecimento.

O estudo abordou, de maneira simplória, as definições, características de reler um conto Machadiano, em perspectiva da interdisciplinariedade, perpassando por vários fatores outros de análise, seja social, legal e ou filosófico.

A ênfase na contextualização e atualização prática, aliada ao uso de recursos tecnológicos, contribuiu para a efetividade dessa análise, mesmo diante dos desafios impostos pela falta de um "mergulho" na literatura, seus arcabouços e semiótica.

Não se pode ignorar que Machado de Assis é um dos fundadores da literatura brasileira moderna e continua a ser uma figura central no cânone literário do país. Sua obra é estudada e admirada por sua profundidade e inovação,

e suas contribuições vão além das fronteiras do Brasil, com traduções para diversas línguas.

Seu trabalho continua a influenciar escritores e intelectuais em todo o mundo, tornando-o "a desejada das gentes" nas leituras para aqueles que buscam compreender a essência da literatura e a complexidade do espírito humano.

Sua capacidade de capturar e analisar a alma humana, aliada a sua crítica social afiada e a inovação narrativa, faz dele uma leitura essencial. "A desejada das gentes" não é apenas uma expressão de seu valor literário, mas um reconhecimento de seu papel fundamental na formação da identidade cultural e literária do Brasil.

Em face dessas considerações, torna-se imperativo que as políticas educacionais, instituições de ensino e a sociedade como um todo atuem de maneira colaborativa no ensino das nuances que se fundem as literaturas clássicas, despojando-as de apenas serem elementos isolados, mas sim fatores sociais, morais e filosóficos da formação da comunidade.

Ler e traduzir o lido para uma realidade humana é essencial. Sendo que o indivíduo social deve se valer da leitura para avançar no contexto da atualidade e represtinando o passado, em especial na diversidade interdisciplinar. A busca por soluções integradas, que abordem não apenas as questões isoladas de literatura, mas que são expressões da sociedade de outrora, ainda vigentes na atualidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. Obra Completa. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo Permitido o uso apenas para fins educacionais. Texto-base digitalizado por: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística (http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/literat.html).

BASTOS, A. **O CORPO METONÍMICO: EROTISMO EM MACHADO DE ASSIS**. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses/article/view/21750/12095 - Acesso em: 05/Agosto/2024 – p. 52.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.

SAFFIOTI, H. Y. B. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**; prefácio de Antonio Cândido de Mello e Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

SEMINATTI, T. **Desejo e homoerotismo em escritos de Machado de Assis** [online]. *SciELO em Perspectiva: Humanas*, 2018 [viewed 09 August 2024]. Available from: https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/02/22/desejo-e-homoerotismo-em-escritos-de-machado-de-assis/.

SILVA, L. **Literatura negro-brasileira** / Cuti – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

03

A FORMAÇÃO CONTÁBIL E O ASPECTO CULTURAL: UMA ANÁLISE TRANSNACIONAL DAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS, NA INTERPRETAÇÃO E NA PRÁTICA CONTÁBIL

Marcos Roberto Dreher

Josmária Lima Ribeiro de Oliveira

10.37885/260421561

RESUMO

A perspectiva internacional para a formação do profissional brasileiro é um processo em maturação para as comunidades profissionais e as instituições de ensino. A dimensão continental da Brasil e a dinâmica tributária nacional incentivam o foco à territorialidade nacional. A adaptação da contabilidade ao mercado globalizado resultante da harmonização das normas contábeis é uma prerrogativa profissional, para garantir a transparência e a comparabilidade das informações financeiras esperadas pela harmonização com as Normas Internacionais de Relatório Financeiro (IFRS). A formação dos profissionais contábeis não se limita ao domínio da taxonomia, sendo também influenciada por aspectos culturais e educacionais, como o individualismo e a aversão à incerteza. Esses fatores impactam a forma como os contadores tomam decisões, interpretam e comunicam informações financeiras, exigindo uma abordagem educacional que contemple tanto a técnica quanto a vivência cultural e interpessoal. Este artigo defende que a educação contábil primaria deve integrar a tríade de competências para preparar profissionais a um mercado globalizado e diversificado. A análise comparativa transnacional e transcultural evidencia a importância de habilidades interpessoais, como comunicação, liderança e trabalho em equipe, essenciais para o sucesso na profissão. A lacuna entre as habilidades técnicas adquiridas nas universidades e as exigências do mercado de trabalho, denota também que certos aspectos culturais exercem uma influência no desenvolvimento e na interpretação das práticas contábeis. Em um momento de aplicação de novas diretrizes curriculares no Brasil, suprir essa deficiência pela adequação das abordagens acadêmicas, diante do incentivo a programas de estágio internacional e a inclusão de certificações internacionais tende a possibilitar o desenvolvimento de contadores mais alinhados às demandas globais.

Palavras-chave: educação contábil; competências profissionais; certificações internacionais

INTRODUÇÃO

O mercado globalizado tem desafiado a profissão contábil a adaptar-se às novas exigências e a alinhar práticas e normas contábeis a um contexto internacional. Nesse cenário, a harmonização das normas contábeis tem se tornado uma prioridade para garantir maior comparabilidade e transparência nos relatórios financeiros entre diferentes países. Leal, Soares e Sousa (2008) reafirmam a premissa que a educação contábil desempenha um papel crucial ao preparar os contadores para as exigências de um mercado globalizado e culturalmente diversificado. Esse processo de globalização envolve além da adaptação das normas contábeis, o impacto de fatores culturais e educacionais na formação dos profissionais da área. Gray (1988) ressalta que as dimensões culturais, como o individualismo, a distância de poder e a aversão à incerteza, têm uma influência significativa sobre as práticas contábeis, moldando os valores e atitudes profissionais em diferentes países. Em contrapartida, Gierusz *et al.* (2022) discordam da percepção de Gray (1988) ao concluírem que o modelo Hofstede-Gray não é suficientemente adequado para explicar as diferenças culturais na prática contábil, especialmente em contextos de harmonização internacional das normas financeiras.

A convergência internacional das normas contábeis e a atualização constante dos currículos acadêmicos nas instituições de ensino superior representam um desafio complexo. A formação dos contadores precisa atender tanto às exigências técnicas do mercado quanto às competências interpessoais e gerenciais necessárias para o sucesso profissional. A capacidade de adaptação a diferentes culturas, bem como o desenvolvimento de habilidades como comunicação, liderança e trabalho em equipe, se torna cada vez mais importante para os profissionais da contabilidade. A compreensão dessas variáveis culturais e educacionais, além da integração dos requisitos do mercado de trabalho, é essencial para a construção de uma formação contábil que atenda aos padrões globais.

O estudo da educação contábil e seu alinhamento com as demandas do mercado de trabalho tem sido objeto de pesquisas, que discutem as lacunas existentes entre o que é ensinado nas universidades e o que é realmente valorizado pelos empregadores. Pesquisas de Jackling e De Lange (2009),

Leal, Soares e Sousa (2008), e Lemes e Miranda (2014) indicam que, embora os graduados em contabilidade possuam um bom domínio das habilidades técnicas, há uma carência de competências interpessoais e gerenciais, que são altamente demandadas pelos empregadores. Essas habilidades, como a capacidade de comunicação eficaz, liderança, trabalho em equipe e resolução de problemas, não são suficientemente abordadas nos currículos acadêmicos, o que resulta em uma lacuna significativa entre a formação educacional e as necessidades do mercado.

O segmento empresarial enfoca a área de contabilidade e sua dinâmica no mercado de trabalho globalizado. A atuação dos contadores exige não apenas conhecimento técnico, mas também uma profunda compreensão das diferentes culturas, a fim de lidar com as variações nas práticas contábeis e nas normas internacionais. O estudo da relação entre a formação acadêmica, as expectativas dos empregadores, o impacto cultural e ferramentas de certificações para complementar uma possível lacuna existente, é fundamental para entender como os currículos podem ser ajustados para melhor preparar os futuros profissionais.

Dentro deste contexto, a presente abordagem busca discernir o impacto das diferenças culturais e a adaptação dos programas de ensino, assim como as diversas opções de certificação internacional, que visam equiparar o futuro e/ou recente contador à realidade globalizada da profissão contábil e como esse conjunto de competências se torna fundamental para o aprimoramento da profissão.

Diante da análise de artigos publicados busca-se examinar a realidade da profissão contábil em diferentes contextos culturais, pela comparabilidade, considerando as demandas do mercado e as influências culturais que impactam a formação dos profissionais de contabilidade, assim como as necessidades de competência interpessoal requiridas pela atual economia. Dentro do conceito comparativo com um viés econômico como na contabilidade, Santos (2023) afirma que mesmo dentro de um único país, as perspectivas de análise econômica podem variar significativamente devido a fatores culturais, sociais e políticos variados. O estudo argumenta que uma compreensão única de conceitos econômicos e sua aplicação pode levar a interpretações divergentes quando aplicada a diferentes substratos sociais e econômicos, sustentando que tais divergências são motivos para a existência de análises heterogêneas.

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

As teorias econômicas, embora baseadas em princípios universais, precisam ser adaptadas para considerar as peculiaridades de contextos sociais específicos, evidenciando que um enfoque monolítico pode não ser adequado para abarcar as complexidades de uma economia variada. Essa linha de argumentação também é suportada por Suprinyak (2009) que destaca que, dentro da Inglaterra do século XVII, existiam perspectivas analíticas distintas. Essas diferenças decorriam das variadas interpretações sobre o papel da moeda, do comércio e da riqueza nacional. Compreender essas divergências requer uma análise cuidadosa do contexto histórico e intelectual em que essas ideias foram formuladas, evitando julgamentos baseados em conceitos econômicos modernos que podem não se aplicar adequadamente ao passado.

A necessidade da contextualização tanto periódica quanto cultural na interpretação de fatos -esses também considerados contábeis, demonstra a importância e relevância atual de avaliar se os futuros contadores estão atualizando seus conhecimentos de acordo com as exigências internacionais e se as competências exigidas pelos empregadores estão sendo adequadamente trabalhadas nos cursos de graduação. O desafio para o contador brasileiro em compreender e administrar as complexidades do próprio país é árduo, especialmente quando se considera a vasta diversidade cultural, as influências das regiões fronteiriças e as diferentes bases de geração de renda. Esses fatores, por sua vez, influenciam significativamente as concepções sobre o aprimoramento da qualidade da informação contábil, refletindo a necessidade de abordagens mais adaptativas e integradas.

O problema central que se propõe a investigar este artigo é a discrepância entre as competências adquiridas pelos graduados em contabilidade e as expectativas dos empregadores no que tange ao perfil profissional demandado, em uma análise transnacional e transcultural. As perspectivas de Suprinyak (2009), Santos (2023), Jackling e De Lange (2009), Leal, Soares e Sousa (2008), e Lemes e Miranda (2014) precisam ser integradas à interpretação da estrutura conceitual da contabilidade. Esse desafio envolve uma avaliação aprofundada das melhorias qualitativas da informação contábil, buscando expandir a compreensão das complexidades inerentes à mensuração contábil contemporânea.

Esta análise diante do cenário econômico atual, caracterizado pela comercialização dos créditos de carbono e pelo uso crescente de criptomoedas coexistem com tradicionais ativos de valor, como o ouro, o dólar e a moeda unificada da Europa. Dentro deste ambiente desafiador, o domínio dos egressos de cursos de contabilidade da tríade de competências técnicas, culturais e interpessoais, se torna o maior diferencial na globalização do profissional contábil.

A pesquisa de Jackling e De Lange (2009) levanta a questão de que os graduados possuem um bom domínio das habilidades técnicas, mas muitas vezes não estão preparados para lidar com as exigências interpessoais e gerenciais que o mercado de trabalho exige. Esse descompasso entre a formação acadêmica e as expectativas do setor contábil é um desafio a ser superado, e a adaptação curricular das universidades pode ser uma das soluções para essa questão, assim como a busca de certificações internacionais que de acordo com Mistry (2021) funcionaria como um complemento às exigências regionais para um contator que deseja atuar no âmbito internacional, e uma maneira de parcialmente fechar a lacuna existente entre o desenvolvimento de habilidades dos estudantes de contabilidade e as exigências corporativas do mundo globalizado.

Diante das transformações impostas pela globalização, este artigo tem como objetivo central refletir sobre a adaptação da educação contábil às exigências do mercado internacional, destacando a importância da harmonização das normas contábeis e da formação de profissionais aptos a operar em contextos multiculturais. A implementação das IFRS representa um avanço significativo na busca por transparência e comparabilidade das informações financeiras, mas sua efetiva aplicação depende de uma compreensão mais ampla que transcende o domínio técnico. Os objetivos deste estudo alinham-se à necessidade de integrar, desde a formação inicial, competências técnicas, interpessoais e culturais, reconhecendo que fatores como individualismo e aversão à incerteza moldam a forma como os profissionais interpretam e comunicam informações contábeis. Nesse sentido, a proposta de internacionalização da educação contábil defendida neste trabalho ultrapassa o simples aprendizado de idiomas e abrange a compreensão dos valores culturais que influenciam a mensuração e apresentação dos itens patrimoniais, propondo uma revisão curricular que inclua experiências internacionais, certificações globais e o fortalecimento de

habilidades interpessoais como ferramentas essenciais para preparar contadores para um ambiente cada vez mais integrado e diverso.

A metodologia utilizada para a escrita deste artigo consistiu na busca sistemática em bases de dados online, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema de interesse. Os critérios de inclusão e exclusão dos artigos selecionados foram pré-definidos, levando em consideração a relevância para a pesquisa em questão. Uma leitura crítica e a análise comparativa entre eles, identificando semelhanças, diferenças, pontos fortes e limitações de cada estudo foi realizada. Os dados dos artigos selecionados foram categorizados e uma síntese das informações relevantes foi escrita.

DESENVOLVIMENTO

A relevância da análise proposta neste artigo se encontra na demanda por uma formação contábil que esteja alinhada com as exigências do mercado globalizado, caracterizado pela harmonização das normas contábeis e pela diversidade cultural. A formação acadêmica de contadores precisa ser revista para atender às expectativas dos empregadores, que buscam profissionais que tragam além de uma sólida base técnica, competências interpessoais, interculturais e gerenciais essenciais para o sucesso no mercado de trabalho. A discrepância entre as habilidades técnicas adquiridas na graduação e as competências exigidas pelas empresas, como comunicação, liderança e capacidade de adaptação a diferentes culturas, é um problema identificado por diversos autores.

Jackling e De Lange (2009) tratou da discrepância entre as habilidades desenvolvidas pelos graduados em contabilidade e as expectativas dos empregadores no mercado de trabalho, focando suas análises na quantificação desse delta. Leal, Soares e Sousa (2008) focaram na identificação de convergências e divergências entre essas percepções. O que esses autores demonstram, é a importância de uma reformulação curricular. Este artigo justifica-se pela necessidade de abordar essas lacunas na formação acadêmica, promovendo a adaptação dos currículos das instituições de ensino superior às exigências do mercado e às tendências globais na área contábil.

Os dados sugerem a necessidade de uma reflexão sobre as abordagens curriculares adotadas, especialmente nas instituições privadas, que podem

explorar a internacionalização e a formação de profissionais alinhados às exigências do mercado global como diferencial competitivo. Vemos como um ponto fundamental que as instituições de ensino superior, especialmente as privadas, considerem a revisão de seus currículos para integrar competências técnicas, interpessoais e culturais, preparando os futuros contadores para os desafios de um mercado cada vez mais globalizado e interconectado. Esta proposta vai de encontro a opinião de Lira *et al.* (2021) e sua análise das exigências do mercado ao profissional contábil brasileiro. A argumentação apresentada pelos autores oferece uma oportunidade de contribuir para a reformulação dos currículos acadêmicos e para a formação de profissionais mais preparados para enfrentar os desafios do mercado globalizado e culturalmente diverso.

Quanto à viabilidade, o estudo baseia-se em uma revisão de literatura consolidada, com referências de autores renomados na área de contabilidade e educação. As pesquisas anteriores de Jackling e De Lange (2009), Leal, Soares e Sousa (2008) e Lemes e Miranda (2014), entre outras, fornecem uma base sólida para a análise das lacunas entre a formação acadêmica e as expectativas do mercado de trabalho. A análise dessas obras possibilita a identificação de lacunas que podem ser abordadas de maneira prática e objetiva na reformulação dos currículos. A realização da pesquisa é viável devido ao acesso fácil a dados sobre as práticas educacionais e as demandas do mercado, que podem ser obtidos por meio de fontes secundárias, como estudos de caso, publicações acadêmicas e relatórios de empresas e associações de classe.

Alinhar a formação acadêmica de contadores às exigências do mercado de trabalho globalizado, oportuniza relevante contribuição pela análise crítica e atualizada das lacunas educacionais, considerando a viabilidade de sua realização, tendo em vista os recursos e dados disponíveis. Para realizar a análise comparada sobre o nível de internacionalização exigido pelas novas diretrizes curriculares nacionais e pelas normas do IFAC (International Federation of Accountants) foi necessário considerar vários fatores que influenciam a formação e atuação dos profissionais de contabilidade no Brasil e globalmente. Um desses fatores diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Brasil, CFC (2024).

Os objetivos específicos deste artigo incluem: (i) analisar as competências técnicas e interpessoais exigidas pelos empregadores no mercado de trabalho

globalizado, identificando as habilidades que os profissionais de contabilidade devem desenvolver para atender às novas demandas do setor; (ii) investigar como as dimensões culturais impactam as práticas contábeis, considerando a harmonização das normas internacionais e os desafios enfrentados pelos profissionais em contextos culturais diversos; (iii) considerar as exigências do mercado de trabalho e as necessidades de formação de profissionais com habilidades interpessoais, como comunicação, liderança e trabalho em equipe; (iv) estudar o impacto das certificações internacionais como complemento à formação acadêmica e seu papel na preparação dos futuros contadores para atuar em um mercado globalizado.

Através desses objetivos, o artigo pretende contribuir para a reflexão sobre as lacunas na formação educacional de contadores, propondo soluções para uma formação contábil que destaca a importância de uma preparação acadêmica mais abrangente que integre tanto as competências técnicas quanto as habilidades interpessoais, essenciais para o sucesso no mercado de trabalho globalizado.

A globalização tem desempenhado um papel crucial ao promover a padronização das normas contábeis, o que busca assegurar uma maior transparência e comparabilidade das informações financeiras em escala global. Historicamente, a linguagem da contabilidade tem sido um dos instrumentos mais eficazes utilizados para integrar e alinhar as economias de diferentes povos e culturas. A contabilidade assume uma função vital no processo de adaptação e integração econômica global, facilitando a comunicação financeira entre nações e apoiando o desenvolvimento de economias interconectadas. Esse processo é influenciado por diversos fatores culturais e educacionais que afetam a formação do contador. As dimensões culturais, como individualismo, distância de poder e aversão à incerteza, podem impactar as práticas contábeis, moldando os valores e atitudes profissionais em diferentes contextos nacionais (Gray, 1988). Além disso, a educação contábil também desempenha um papel fundamental na formação de profissionais capazes de atender às exigências do mercado global.

Nos artigos analisados, os autores recomendam que a formação acadêmica precisa estar alinhada com as competências exigidas pela indústria, como habilidades técnicas e interpessoais, como comunicação, liderança e capacidade de adaptação a diferentes ambientes (Jackling; De Lange, 2009; Lemes; Miranda,

2014). A convergência internacional das normas contábeis e a adaptação curricular nas instituições de ensino superior são, portanto, essenciais para a formação de contadores preparados para atuar em um mercado globalizado e culturalmente diversificado. Assim, a compreensão das influências culturais e a atualização constante dos currículos acadêmicos são aspectos cruciais para garantir que os contadores atendam às necessidades e expectativas globais do mercado de trabalho.

Os artigos selecionados abordam diretamente a premissa do estudo central, analisando de forma ampla e comparativa os diferentes aspectos da formação contábil e sua relação com as exigências do mercado de trabalho, e enfatizando a importância do alinhamento entre as competências acadêmicas e as necessidades dos empregadores, assim como a utilização de certificações internacionais como uma alavanca de ingresso em um mercado contábil internacional globalizado

O problema de pesquisa apresentado por Jackling e De Lange (2009) tratou da discrepância entre as habilidades desenvolvidas pelos graduados em contabilidade e as expectativas dos empregadores no mercado de trabalho. O objetivo do estudo foi avaliar se as competências adquiridas durante a graduação estão alinhadas com as necessidades percebidas pelos empregadores no setor de contabilidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa com 174 graduados e empregadores da área, utilizando questionários para coletar dados sobre as percepções de ambos os grupos. A pesquisa revelou que, embora as habilidades técnicas sejam amplamente reconhecidas por ambos os grupos, os empregadores enfatizam a necessidade de habilidades interpessoais e gerenciais, como comunicação verbal, trabalho em equipe e liderança, que os graduados sentem que não foram suficientemente abordadas em sua formação acadêmica. Os resultados sugerem que há uma lacuna na formação educacional que precisa ser corrigida para melhorar a empregabilidade dos egressos. O estudo destaca a importância de se equilibrar o currículo acadêmico com o desenvolvimento dessas competências essenciais para o mercado de trabalho.

Leal, Soares e Sousa (2008) focaram nas diferenças entre as competências que os formandos do curso de Ciências Contábeis em Uberlândia, Minas Gerais, percebem como adquiridas e as exigências dos empregadores locais. O objetivo

da pesquisa foi identificar convergências e divergências entre essas percepções. Para isso, os autores utilizaram uma abordagem quanti-qualitativa, aplicando questionários a 35 graduandos e 34 empresas locais. Os resultados indicaram que, embora os formandos e empregadores compartilhem algumas expectativas, existem discrepâncias significativas nas competências valorizadas. Os empregadores priorizam conhecimentos técnicos em áreas como gestão contábil e tributária, enquanto os formandos enfatizam o controle financeiro e a visão de negócios. Além disso, os empregadores destacam a importância de habilidades de liderança e proatividade, enquanto os formandos priorizam relacionamentos interpessoais. A pesquisa conclui que as instituições de ensino precisam ajustar seus currículos para alinhar a formação acadêmica com as demandas do mercado de trabalho.

Lemes e Miranda (2014) investigaram a importância atribuída pelos profissionais de contabilidade da região do Triângulo Mineiro às habilidades preconizadas pela International Education Standards 3 (IES 3) da IFAC. O objetivo da pesquisa foi analisar a relevância dessas habilidades, conforme estabelecido pela IFAC, para os profissionais locais. Para isso, foi aplicado um questionário a 126 profissionais graduados em Ciências Contábeis. Os resultados revelaram uma alta concordância com as habilidades propostas pela IFAC, indicando que os profissionais reconhecem a importância das competências preconizadas. A pesquisa também evidenciou que as habilidades e competências desenvolvidas durante a formação acadêmica precisam ser ajustadas para melhor atender às demandas do mercado de trabalho. A análise baseou-se em teorias de educação contábil e desenvolvimento de competências, com destaque para a necessidade de atualizações curriculares nas Instituições de Ensino Superior para alinhar a formação acadêmica com as exigências do mercado.

Gray (1988) propôs um modelo teórico para explicar como os valores culturais influenciam o desenvolvimento de sistemas contábeis em diferentes países. O objetivo do estudo foi explorar a relação entre as dimensões culturais de Hofstede e os valores contábeis adotados em diversos países. Gray sugeriu que os valores culturais, como individualismo, distância de poder e aversão à incerteza, afetam diretamente as práticas contábeis. O modelo teórico foi aplicado para analisar como essas dimensões culturais influenciam características

dos sistemas contábeis, como profissionalismo, controle estatutário e transparência. O estudo destacou a importância de considerar os fatores culturais ao desenvolver normas contábeis internacionais, com vistas a promover uma maior comparabilidade e harmonização nos sistemas contábeis globais.

Koleśnik (2013) revisita as teorias de dimensões culturais de Hofstede, Gray e Schwartz, com o objetivo de analisar o impacto dessas dimensões culturais nas práticas contábeis ao redor do mundo. O estudo é uma revisão de literatura que explora como as diferentes culturas influenciam os sistemas contábeis. As teorias de Hofstede e Gray são usadas para explicar como características culturais, como individualismo, distância de poder e aversão à incerteza, moldam a prática contábil. A pesquisa revela que a cultura tem um papel central na formação dos sistemas contábeis, impactando a forma como as normas e práticas contábeis são aplicadas e entendidas globalmente

Gierusz *et al.* (2022) investigaram se as diferenças culturais influenciam os julgamentos de profissionais de contabilidade na Polônia e no Reino Unido ao interpretarem normas internacionais de relatórios financeiros (IFRS). O objetivo do estudo foi verificar se os valores culturais, conforme o modelo Hofstede--Gray, afetam o julgamento contábil em relação às expressões de incerteza nas normas IFRS. A pesquisa foi realizada por meio de uma análise empírica com contadores dos dois países. Os resultados não confirmaram que as diferenças culturais, conforme delineado pelo modelo Hofstede-Gray, influenciam esses julgamentos. O estudo conclui que o modelo pode não ser adequado para explicar as diferenças culturais na prática contábil, especialmente em contextos de harmonização internacional das normas financeiras.

Clements, Neill e Stovall (2009) investigou como as diferenças culturais impactam a adoção de códigos éticos internacionais na contabilidade. O objetivo da pesquisa foi analisar a adoção do Código de Ética da IFAC (International Federation of Accountants) por organizações contábeis de diferentes culturas. Utilizando as dimensões culturais de Hofstede, os autores aplicaram uma abordagem empírica para estudar as decisões de adoção do código ético por diversas organizações. Os resultados mostraram que as culturas com altos níveis de individualismo e aversão à incerteza são menos propensas a adotar o código da IFAC, preferindo desenvolver seus próprios códigos éticos. O estudo conclui

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

que as diferenças culturais influenciam significativamente a harmonização dos padrões éticos internacionais, sugerindo que a convergência desses códigos pode ser limitada pela diversidade cultural das sociedades.

Dluhopolskyi *et al.* (2021) analisaram os desafios e a importância da certificação profissional de contadores na Ucrânia, destacando sua relevância como ferramenta universal para o reconhecimento de qualificações no campo contábil, tanto em círculos profissionais quanto no mercado de trabalho. A abordagem considerou a atuação de instituições especializadas na formação de profissionais qualificados, como ACCA, CIPA, IFA, CPA, CIMA, ITFA, CAP e CFA, e comparou as abordagens educacionais adotadas na Ucrânia com experiências internacionais. Observa-se que, em alguns países, a educação superior não é obrigatória para a prática contábil profissional, sendo enfatizada a contínua atualização e aprimoramento das competências. Além disso, o estudo investigou as razões pelas quais empresas e organizações na Ucrânia demonstram resistência em financiar programas de treinamento para a obtenção de certificações contábeis. A análise das diferenças funcionais entre contadores tradicionais e aqueles que possuem certificação profissional, evidencia que a posse de um certificado reconhecido internacionalmente confirma a qualificação e a preparação profissional do indivíduo em conformidade com os padrões internacionais de contabilidade, além de favorecer a confiança de investidores estrangeiros e parceiros de negócios.

Mistry (2021) investigou a lacuna existente entre o desenvolvimento de habilidades dos estudantes de contabilidade e os benefícios proporcionados pela filiação a organismos profissionais da área. O problema central da pesquisa é a falta de conscientização dos estudantes sobre como a associação a entidades profissionais, especificamente a Association of Chartered and Certified Accountants (ACCA), pode auxiliar no desenvolvimento de competências técnicas e de empregabilidade. Para analisar de que maneira a conexão com a ACCA, desde o início da graduação, influencia a percepção dos alunos sobre o planejamento e aprimoramento de suas habilidades profissionais, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos, incluindo questionários online, grupos focais e lembretes por e-mail sobre os serviços oferecidos pela ACCA. A filiação estudantil à ACCA facilita a identificação dos alunos com a profissão contábil e

aumenta a conscientização sobre a importância do desenvolvimento contínuo de habilidades para a inserção no mercado de trabalho. Integrar a filiação a organismos profissionais no currículo acadêmico é fundamental para que os estudantes estabeleçam, desde cedo, uma conexão com a carreira escolhida, promovendo uma transição mais eficaz para o ambiente profissional

Lira *et al* (2021) investigou as competências e habilidades mais demandadas pelo mercado de trabalho para a função de contador, conforme sinalizado em anúncios de emprego. Os padrões de semelhança dessas competências e habilidades, alinhando-as às diretrizes da International Federation of Accountants (IFAC) e a perspectiva da teoria da sinalização permitiu elencar quais as exigências predominantes nos anúncios de emprego para contadores, fornecendo insights de orientação a formação acadêmica e ao desenvolvimento profissional na área contábil. A análise de conteúdo contemplou 200 anúncios de emprego para o cargo de contador, coletados nos sites "Catho" e "LinkedIn". Com aplicação da estatística descritiva foram identificadas as competências e habilidades recorrentes, seguido da análise de cluster para identificar semelhanças. Dos resultados, contata-se que além das competências técnicas inerentes à profissão contábil, as organizações valorizam as habilidades: pensamento crítico, resolução de problemas e trabalho em equipe. Adicionalmente, três perfis de cargos foram identificados com base nas competências e habilidades exigidas: domínio de idiomas; expertise em relatório financeiro e tributação; e capacidade de gestão contábil. O estudo contribui para que instituições de ensino, educadores e profissionais da área contábil, munidos de tais informações, promovam constante atualização profissional e a adequação dos currículos acadêmicos às reais necessidades das empresas.

As discrepâncias entre as habilidades adquiridas durante a formação acadêmica e as expectativas dos empregadores, amplamente investigadas por Jackling e De Lange (2009) e Leal, Soares e Sousa (2008) destacaram a necessidade de reformulações curriculares para atender às demandas do mercado. A influência das diferenças culturais na prática contábil e na adoção de normas éticas internacionais exploradas por Clements, Neill e Stovall (2009) e Gray (1988) sugerem que fatores culturais podem limitar a convergência dos sistemas contábeis globais. Dentro deste prisma educacional e cultural, o modelo

teórico sugerido por Gray (1988) relaciona diretamente os valores culturais ao desenvolvimento de sistemas contábeis, destacando a importância de considerar essas influências culturais para promover uma maior harmonização internacional. Apesar de Koleśnik (2013) concordar com Gray (1988) ao reafirmar o papel central que a cultura exerce na formação dos sistemas contábeis, assim como seu impacto na forma como as normas e práticas contábeis são aplicadas e entendidas globalmente, Gierusz *et al.* (2022) questionam a validade (ao menos dentro do contexto cultural da Inglaterra e Polonia) do modelo Hofstede-Gray considerando tal modelo como inadequado para explicar as diferenças culturais na prática contábil.

A proposta de Jackling e De Lange (2009) incorporada à investigação de Lira *et al.* (2021), parece relevante discutir as condições de oferta de programas de internacionalização por parte das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Há uma percepção recorrente de que muitos brasileiros relatam dificuldades em aprender inglês, o que é frequentemente atribuído à falta de dedicação sistemática. Curiosamente, esse mesmo padrão se aplica ao estudo do espanhol, idioma amplamente falado na América Latina, indicando uma lacuna na disposição de se preparar para uma comunicação multilateral efetiva.

Contudo, é importante destacar avanços significativos no cenário contábil internacional, como exemplificado pelo fato de o Grupo Latinoamericano de Emisores de Normas de Información Financiera (GLENIF) já ter sido dirigido por brasileiros: Juarez Domíngues Carneiro de 2011 a 2013; Eduardo Pocetti de 2016 a 2018; e José Luiz Ribeiro de Carvalho de 2022 a 2024. Este feito salienta o potencial latente e a capacidade de liderança que existem no Brasil, sublinhando a importância de fortalecer as iniciativas educacionais internacionais que possam capacitar os alunos a se tornarem protagonistas em um mercado cada vez mais globalizado.

Lemes e Miranda (2014) apontam a relevância das habilidades da IFAC para a formação de contadores, com ênfase na adequação dos currículos acadêmicos às necessidades do mercado. De acordo com os autores há a necessidade de adaptação da formação educacional contábil ante uma deficiência e desconexão entre o que o mercado exige e o que o egresso do curso de ciências contábeis traz em sua recém adquirida bagagem. Essa lacuna, pode e tem

sido fechada através de certificações internacionais, que são consideradas de acordo com Dluhopolskyi *et al.* (2021) e Mistry (2021) como ferramentas universais para uma qualificação profissional que corresponda às necessidades do mercado globalizado.

As pesquisas refletem a evolução da área, onde se observa uma crescente preocupação com a adaptação dos sistemas de ensino e das práticas profissionais para atender a um mercado globalizado e culturalmente diverso, percebendo-se uma necessidade de competências que vai muito além do entendimento técnico, especialmente sabendo-se que o futuro contador irá atuar dentro de uma contexto globalizado, onde o entendimento das normas contábeis e suas aplicações estão sujeitas a interpretações transculturais. Cria-se então a necessidade de obtenção de certificações apropriadas, uma vez que o mercado -em um nível global, entende que há uma lacuna entre a formação acadêmica e a necessidade corporativa. Uma equiparação de conhecimentos técnicos para que o egresso possa atuar como um contator, um auditor ou um perito contábil em outros países.

No âmbito internacional, há uma série de cursos e certificados disponíveis para que essa lacuna de conhecimento seja preenchida e que egressos dos cursos de ciências contábeis tragam à mesa um pacote de conhecimento equiparado, independente da origem de seu diploma. De acordo com Dluhopolskyi *et al.* (2021) ao analisar criticamente as abordagens educacionais e os modelos de certificação em diferentes países, é possível fundamentar propostas de melhoria, visando alinhar a formação e certificação dos profissionais contábeis às exigências do mercado global e fortalecer a confiança nos serviços contábeis prestados no país. No entanto, o grau de dificuldade e a duração dos cursos de contabilidade diferem entre as nações. Nos EUA, ter uma certificação CPA é importante para empregos em finanças. No Reino Unido e na Irlanda, as credenciais ACA e ACCA são mais respeitadas.

RESULTADOS

Este artigo se insere no contexto da globalização e transformação das práticas contábeis, impulsionado pela convergência das normas internacionais de contabilidade. As instituições de ensino superior, especialmente as

que oferecem cursos de Ciências Contábeis, precisam se adaptar a esse novo cenário, oferecendo uma formação que contemple tanto as exigências técnicas quanto as habilidades interpessoais demandadas pelos empregadores. Além disso, a crescente internacionalização das empresas e a diversificação das culturas de negócios exigem que os profissionais de contabilidade sejam capazes de navegar entre diferentes sistemas contábeis, respeitando as normas internacionais e ajustando-se às peculiaridades culturais de cada contexto. Dluhopolskyi *et al.* (2021) assim como Mistry (2021) justificam que instituições que oferecem certificações internacionais para contadores podem ajudar na normatização e na equiparação de uma grade de conhecimento que prepararia o estudante de contabilidade para atuar no contexto global e sua afiliação desde o início do curso contábil a essas instituições seria vantajosa para seu desenvolvimento profissional.

A formação acadêmica em Ciências Contábeis no Brasil reflete uma dualidade entre as instituições públicas e privadas, influenciada por diferentes objetivos institucionais e políticas educacionais. As universidades federais, muitas vezes orientadas por uma lógica estatal, tendem a formar profissionais voltados para funções técnicas e administrativas, como a arrecadação tributária e o controle fiscal. Essa abordagem atende às necessidades do Estado-nação, priorizando a formação de técnicos para a máquina pública. Por outro lado, as instituições privadas, embora em menor número no oferecimento de cursos de contabilidade, têm a oportunidade de direcionar sua formação para atender às demandas do mercado global, preparando profissionais com competências interpessoais, interculturais e gerenciais, essenciais para atrair investidores e atuar em ambientes corporativos internacionais. Os resultados do Enade 2022 publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) evidenciam essa disparidade. Enquanto as universidades federais destacam-se com conceitos máximos, as instituições privadas enfrentam desafios significativos, com apenas 1,4% alcançando a avaliação máxima. Além disso, o curso de Ciências Contábeis obteve uma das piores médias percentuais no exame, com apenas 29,53%.

As DCNs brasileiras tendem a abordar as necessidades educacionais e profissionais com uma ênfase regional e nacional, preparando os contadores

para enfrentar os desafios específicos do mercado local. Isso inclui a conformidade com as legislações fiscais e regulatórias brasileiras, que são prioritárias no currículo. Enquanto há uma crescente ênfase em internacionalizar e diversificar a formação contábil, as DCNs ainda podem ter limitações em relação à imersão cultural e à fluência em normas internacionais que são fundamentais em mercados globais. Embora reconheçam a importância das normas internacionais, as DCNs ainda estão evoluindo para incorporar plenamente as diretrizes que promovam uma forte adaptação ao contexto global.

Conforme ressaltado por Dreher e Domingues (2025) a formação contábil, a atuação do contador na atualidade exige mais que domínio técnico: requer competências comportamentais, visão global e preparo para contextos culturais diversos, em consonância com os referenciais da IFAC e com a abordagem multicêntrica da formação profissional. O IFAC por sua vez propõe uma visão mais globalizada da formação contábil. As normas e diretrizes estabelecidas pelo IFAC são desenhadas para serem aplicáveis mundialmente, promovendo uma visão amplamente internacional da prática contábil.

O IFAC enfatiza a harmonização de normas e a facilitação da mobilidade profissional global. As diretrizes do IFAC não apenas incluem sólidos conhecimentos técnicos, mas também incentivam a aprendizagem de habilidades interculturais e a compreensão dos diversos contextos econômicos e culturais. Isso amplia significativamente a perspectiva dos contadores formados sob suas normas. A orientação do IFAC sugere um suporte robusto para carreiras executivas globais, promovendo a capacidade dos profissionais de atuarem em diferentes jurisdições e contextos culturais, superando barreiras geográficas.

Quando comparamos essas abordagens, constamos que o IFAC tende a oferecer uma abordagem mais abrangente e internacionalizada em comparação com as DCNs brasileiras, que ainda podem ser vistas como limitadas pela sua ênfase geográfica e normativa local. A diferença refletida entre as duas abordagens pode ser um fator determinante no perfil profissional dos contadores brasileiros, impactando a capacidade de projetar carreiras executivas em âmbito internacional. Esse diferencial, pode ser entendido como a razão parcial, da limitada internacionalização percebida no ensino contábil, o que potencialmente restringe oportunidades na arena global mais qualificadas.

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

Pela análise comparada, cada certificação traz consigo um pacote de exigências únicas e para um melhor aproveitamento e adequação ao mercado contábil o egresso precisa ter claro para si, a razão e a utilização de cada uma dessas entidades e seus certificados, de acordo com a Renaix. Ela é uma consultoria internacional especializada em recrutamento e seleção de profissionais seniores nas áreas de finanças, auditoria e gestão.

Com mais de 20 anos de atuação, a empresa construiu uma reputação sólida junto a multinacionais norte-americanas e europeias, com operações de recrutamento em regiões como Europa, Américas, Ásia e Oriente Médio e África (MEA). Sua rede global possibilita amplo acesso ao setor contábil e financeiro internacional, com conhecimento aprofundado das exigências regulatórias e culturais específicas de cada país.

A abordagem da Renaix é marcada pela personalização e pela construção de relacionamentos de longo prazo, tanto com empresas quanto com candidatos. A consultoria adota práticas voltadas à compreensão detalhada das necessidades dos envolvidos no processo seletivo, promovendo maior eficácia e sucesso na colocação de profissionais em cargos estratégicos. Diante do levantamento, foi possível compilar as certificações mais relevantes tem-se:

Para se tornar um Contador Certificado Associado (ACCA), o candidato deverá ter concluído um bacharelado ou programa de pós-graduação, passar em 14 exames ACCA e ter três anos de experiência profissional relacionada. Se você tiver o status ACCA, poderá trabalhar como contador em 170 países. Isso inclui Reino Unido, EUA, Canadá, África do Sul, Alemanha, Malásia, Nova Zelândia e Singapura. A qualificação ACCA e seus benefícios estão sendo cada vez mais reconhecidos nos EUA.

O Contador Certificado Associado (ACA) por sua vez, é uma qualificação contábil bem conhecida e reconhecida mundialmente. O Instituto de Contadores Certificados da Inglaterra e do País de Gales (ICAEW) o oferece, e sua certificação é respeitada em maisx de 160 países, incluindo Austrália, Canadá, China, Índia e Reino Unido. Em todo, o candidato precisa de 3 a 5 anos para concluir o ACA.

Um diploma de bacharel nos EUA permite que os alunos façam um mestrado em contabilidade. Isso é necessário para se tornar um Contador Público Certificado (CPA). Depois disso, eles precisam de um ano de experiência em

contabilidade geral sob um CPA licenciado. Um exame uniforme de CPA e ética também é exigido em alguns estados dos EUA. CPAs dos EUA que desejam trabalhar internacionalmente podem fazê-lo com acordos de reconhecimento mútuo (MRA). Esses países incluem Austrália, Canadá, México, Irlanda, Nova Zelândia e Hong Kong.

A Renaix, cita também que cada país traz consigo uma série de exigências para atuação contábil dentro de suas fronteiras, e muitas vezes essas exigências estão intrinsecamente ligadas ao contexto contábil regional, que por sua vez embasam a percepção e influência cultural descritas por Gray(1988) e Koleśnik (2013):

- Alemanha - Há dois estágios de qualificação: o Steuerberater (Stb), um exame de consultor tributário, e o Wirtschaftsprufer (WP), um exame de auditor. Para fazer o exame de Consultor Tributário, o candidato precisa de três anos de prática em consultoria tributária com um diploma de bacharel ou dois anos com um mestrado. Para fazer o exame de auditor, o candiato precisa de quatro anos de prática em auditoria com um diploma de bacharel ou três anos com um mestrado.
- França - Para ser um contador profissional, o candidato deve obter um mestrado em estudos contábeis. Esse diploma leva cinco anos para ser obtido. Depois disso, o candidato deve concluir o DSCG e treinar em uma empresa de contabilidade por três anos. Finalmente, o candidato deve passar no exame final de auditoria, o Diploma of Expertise Comptable (DEC). Existem duas rotas para se tornar um commissaire aux comptes (auditor estatutário). A rota principal é concluir o Diploma of Expertise Comptable (DEC). O candidato deve concluir 2/3 dos três anos de treinamento prático de contabilidade e auditoria para se qualificar. Para ser um comissário de contas, o candidato precisa das mesmas qualificações do DSCG. O candiato também precisa de três anos de treinamento prático.
- Holanda - Para se tornar um contador registrado, o candidato deve concluir cinco anos de treinamento prático. O candidato pode se inscrever em um programa de meio período após obter seu mestrado. O programa tem duração de dois anos. Para se tornar um contador, o candidato precisa ter um diploma de bacharel. Depois disso, o candidato deve concluir um ano e meio de um programa profissional de

pós-mestrado em meio período.

- Suíça - Para se tornar um Contador Público Certificado, o candidato precisa de um diploma de bacharel ou mestrado. O candidato também precisa de um emprego em uma empresa de auditoria para passar nos exames de certificação. Esses exames abrangem mandatos, auditoria de demonstrações financeiras e experiência financeira. Após obter um diploma de bacharel, o candidato deve concluir de 3 a 12 anos de treinamento prático para se tornar um especialista em auditoria licenciado. Após o diploma de bacharel, a certificação como auditor licenciado exige um ano de treinamento prático.
- Luxemburgo – O candidato precisa de um diploma de mestrado e três anos de experiência em auditoria. O candidato também deve passar em nove exames, incluindo o DAP final (Diplome d'aptitude professionnelle). Para se tornar um especialista compatível, o candidato precisa de um diploma de bacharel e três anos de experiência profissional.
- Itália - As principais qualificações para contadores são Dottori Commercialista (Contador credenciado), Revisore legale Del Conti (Auditor Estatutário) e Esperto contabile (Contador). Para se tornar um contador, o candidato precisa de um diploma de bacharel, três anos de treinamento e aprovação em um exame estadual. O primeiro requer um mestrado, três anos de treinamento e aprovação em um exame estadual.
- Polonia – O candidato precisa concluir estudos superiores ou estudos superiores estrangeiros. Ambos são considerados iguais. Depois disso, o candidato deve ter um ano de prática contábil e pelo menos um estágio de dois anos supervisionado por um auditor estatutário. Depois disso, há dez exames escritos e um exame oral final de diploma.

Diante da crescente globalização e diversidade cultural no mercado contábil, torna-se fundamental a obtenção de certificações internacionais para os profissionais da área. A equiparação de conhecimentos técnicos por meio de certificações como ACCA, ACA, CPA e outras, possibilita que os egressos dos cursos de ciências contábeis estejam aptos a atuar em diferentes países, atendendo às exigências do mercado global.

A análise das exigências locais em diversos países evidencia a importância dessas certificações para garantir a qualidade e a confiança nos serviços contábeis prestados em nível internacional, reforçando as ideias apresentadas por Dluhopolskyi *et al.* (2021) e Mistry (2021). Portanto, é necessário que os profissionais contábeis busquem constantemente aprimorar seus conhecimentos e habilidades por meio de certificações reconhecidas mundialmente, a fim de se destacarem em um mercado cada vez mais competitivo e globalizado.

A análise comparativa das certificações contábeis internacionais evidencia que cada país adota um conjunto de exigências específicas para o exercício da profissão, refletindo aspectos culturais, regulatórios e institucionais locais. Conforme destaca a consultoria internacional Renaix, especializada em recrutamento de profissionais de finanças e auditoria, compreender essas particularidades é essencial para que egressos de cursos de Ciências Contábeis planejem sua inserção no mercado global. A diversidade nos modelos de qualificação, como os sistemas adotados por Alemanha, França, Holanda, Suíça, Luxemburgo, Itália e Polônia, impõe ao profissional a necessidade de articular formação acadêmica, experiência prática e aprovação em exames específicos.

Quadro 1 - Similaridades e distinções entre o caminhos formativos.

País	Requisito Acadêmico	Tempo de Experiência Prática	Exames Obrigatórios	Certificação Final	Observações Culturais/ Institucionais
Alemanha	Bacharelado ou Mestrado	2 a 4 anos	Steuerberater, Wirtschaftsprüfer	Contador Tributário / Auditor	Ênfase prática e regulamentação rigorosa
França	Mestrado	3 anos	DSCG + DEC	Contador Profissional / Auditor	Formação longa e centrada na prática supervisionada
Holanda	Bacharelado + Pós	1,5 a 5 anos	Pós-profissional	Contador Registrado	Ênfase em formação pós-mestrado contínua
Suíça	Bacharelado ou Mestrado	3 a 12 anos	Exames específicos	Auditor Licenciado	Prática prolongada e especialização
Luxemburgo	Mestrado	3 anos	9 exames (incl. DAP)	Especialista Compatível	Requisitos específicos e exames múltiplos
Itália	Bacharelado ou Mestrado	3 anos	Exame de Estado	Contador / Auditor	Requisitos variáveis por qualificação
Polônia	Graduação	1 ano + 2 anos estágio	10 exames + oral	Auditor Estatutário	Processo extensivo e altamente técnico

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

Países como Alemanha e França, por exemplo, estruturam o acesso à profissão por meio de estágios progressivos de formação e avaliações rigorosas, que variam conforme o grau acadêmico. Esses requisitos, como indicam os estudos de Gray (1988) e Koleśnik (2013), estão profundamente enraizados nos valores culturais e na tradição contábil de cada país, o que exige não apenas domínio técnico, mas também adaptação às práticas institucionais. A título ilustrativo, o modelo alemão distingue entre consultores tributários (Steuerberater) e auditores (Wirtschaftsprüfer), cada qual com requisitos de prática e exames distintos. Esse cenário evidencia a importância de uma formação contábil internacionalizada e crítica, capaz de reconhecer as demandas específicas das certificações e adaptar-se às exigências locais por meio de estratégias como estágios supervisionados, certificações adicionais e reformulações curriculares.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em relação a uma análise comparativa entre as novas diretrizes curriculares nacionais e as normas internacionais estabelecidas pelo IFAC, percebemos disparidades significativas em termos de orientação e alcance educacional. Enquanto o IFAC promove uma abordagem abrangente, incentivando a mobilidade profissional global e a integração de competências interculturais, as diretrizes brasileiras, embora em evolução, ainda apresentam uma ênfase mais direcionada às necessidades locais e regionais.

Existe uma evidente necessidade de aumentar o nível de internacionalização na formação contábil no Brasil. As diretrizes nacionais atuais, apesar das melhorias recentes, ainda não capturam totalmente a amplitude de habilidades e conhecimentos exigidos em um contexto globalizado. Essa disparidade pode limitar a capacidade dos contadores formados no Brasil de competir em mercados internacionais, afetando suas perspectivas de carreira em níveis executivos fora do país. O predomínio das migrações para trabalhos braçais em vez de posições qualificadas também reflete essa limitação educacional.

A análise comparativa entre as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Ciências Contábeis e as orientações da International Federation of Accountants (IFAC) revela convergências significativas no que se refere à formação por competências. Ambas destacam a necessidade de uma formação

técnica sólida aliada a habilidades interpessoais, capacidade analítica e postura ética. Contudo, nota-se que a IFAC enfatiza de forma mais explícita a inserção internacional do contador e o domínio de normas globais, como as IFRS, enquanto as DCNs concentram-se mais no contexto nacional e nas exigências do mercado brasileiro. Essa leitura evidencia a importância de alinhar o currículo acadêmico brasileiro às exigências internacionais, favorecendo a mobilidade profissional e a empregabilidade global dos egressos.

Para Dreher e Domingues (2025) a centralidade de uma formação contábil que vá além da técnica, incorporando aspectos éticos, culturais e sociais ao processo educativo é necessária. Esse posicionamento está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (CFC, 2024), que preveem o desenvolvimento de competências críticas, reflexivas e comprometidas com o bem comum. Ao enfatizar a atuação do contador como agente transformador, a perspectiva do convidado aproxima-se dos estudos de Gray (1988) e Koleśnik (2013), ao reconhecer que a contabilidade é permeada por fatores culturais e sociais que moldam tanto a prática quanto a identidade profissional. Tal abordagem reforça a importância de uma formação que considere o impacto social da profissão contábil e promova o desenvolvimento de habilidades voltadas à intervenção cidadã.

Uma solução promissora para enfrentar esses desafios é o projeto "Ciências Contábeis Dual Study" desenvolvido pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, destacado como um exemplo de iniciativa inovadora que visa colmatar a lacuna entre formação acadêmica e exigências do mercado internacional. Este programa oferece uma combinação única de educação acadêmica e experiência prática, facilitando uma transição mais fluida dos estudantes para o mercado de trabalho internacional. Através de parcerias estratégicas, os alunos têm a oportunidade de imersão em ambientes corporativos que exigem a aplicação prática dos aprendizados teóricos.

O projeto tem atraído a atenção de empresas internacionais que veem no Brasil um potencial de talentos bem formados para cargos executivos globais. As organizações parceiras estão empenhadas em identificar e desenvolver talentos que demonstrem dedicação e habilidade para ocupar posições de liderança em um cenário empresarial global. O sucesso deste projeto aponta

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

para a necessidade de expandir modelos educativos semelhantes em outras instituições, visando o alinhamento dos currículos acadêmicos com as demandas globais. A adoção de tais programas pode ajudar a gerar uma força de trabalho que combina competência técnica com habilidades interculturais e internacionais, promovendo uma base sólida para o desenvolvimento de executivos internacionais originários do Brasil.

Na Alemanha, essa forma de estudos é amplamente utilizada. A Duale Hochschule é uma instituição pública com cursos de estudo dual. Na Alemanha, elas têm diferentes formas, dependendo do estado. As faculdades duais existem como instituições de ensino superior independentes e são entendidas como uma instalação de serviço que reúne parceiros práticos, instituições de ensino superior e estudantes. O estudo orientado para aplicação consiste em uma parte de estudo científico e uma formação profissional prática em uma empresa externa. Assim como no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, os estudantes alemães estudam em uma instituição de ensino superior e têm prática em uma empresa.

Na Alemanha, o ensino superior dual apresenta dois modelos principais, ambos com o objetivo de integrar a formação acadêmica à experiência prática no mercado de trabalho. O primeiro modelo, denominado "estudo integrado à formação" (*ausbildungsintegriertes Studium*), combina a frequência a uma instituição de ensino superior com a formação prática em uma profissão regulamentada pelo Estado, o que resulta na obtenção simultânea de um diploma universitário e de uma qualificação profissional reconhecida. Já o segundo modelo, conhecido como "estudo integrado à prática" (*praxisintegriertes Studium*), envolve a formação acadêmica aliada à experiência prática desenvolvida em uma empresa parceira, mas sem a obrigatoriedade de se vincular a uma profissão oficialmente regulamentada. Neste caso, os estudantes são acompanhados diretamente pela empresa e podem, inclusive, elaborar projetos científicos aplicados como parte do processo formativo.

A adoção desses modelos reflete a valorização, por parte das empresas alemãs, de uma formação pautada em três eixos fundamentais: base teórica sólida, vivência profissional estruturada e capacidade de aplicação do conhecimento em contextos reais. A experiência brasileira com iniciativas semelhantes

— ainda que incipientes — sinaliza o potencial de adaptação desse modelo ao contexto nacional, sobretudo diante das demandas do setor produtivo por profissionais que estejam tecnicamente preparados, socialmente conscientes e aptos a contribuir com a dinâmica organizacional.

Essa concepção de ensino superior, centrada na aplicação prática do conhecimento, aproxima-se das diretrizes das universidades brasileiras voltadas para a extensão universitária, especialmente nas ações realizadas por Núcleos de Apoio Fiscal e Contábil (NAF), que embora não configure um modelo dual formalizado, oferece espaços de formação prática a partir da interação dos estudantes com demandas sociais reais. Os projetos de extensão realizados nesses núcleos, geralmente em parceria com a Receita Federal, permitem que os alunos atendam a microempreendedores, pessoas físicas de baixa renda e organizações do terceiro setor, prestando orientações fiscais, tributárias e contábeis sob supervisão docente. A lógica extensionista, quando bem estruturada, aproxima-se dos princípios do modelo dual ao integrar o aprendizado teórico com experiências profissionais socialmente relevantes, promovendo tanto a formação cidadã quanto a empregabilidade dos discentes.

Assim, a experiência alemã de ensino dual pode servir como referência para o aprimoramento das práticas extensionistas no Brasil, especialmente ao inspirar a institucionalização de parcerias duradouras, a definição clara de competências a serem desenvolvidas na prática e o fortalecimento dos vínculos entre universidade, sociedade e mercado. O NAF, nesse sentido, representa um potencial espaço de convergência entre ensino, prática e transformação social, aproximando-se da lógica europeia de formação profissional orientada para resultados concretos e contribuição social efetiva. Um alinhamento com os princípios das diretrizes nacionais e internacionais, que apontam para a importância da experiência prática supervisionada, como destacado por Dlhopolskyi *et al.* (2021), ao tratar das trajetórias de formação em diferentes países. Ao integrar o aluno em contextos reais de atuação, essas iniciativas potencializam o capital social, nos termos de Bourdieu (1986), promovendo o reconhecimento simbólico e técnico da atuação profissional

Essa perspectiva entra em diálogo com os desafios enfrentados na América Latina, onde a formação contábil ainda mostra um descompasso entre teoria e

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

prática. Embora as diretrizes curriculares nacionais (DCNs) dos cursos de Ciências Contábeis busquem desenvolver competências técnicas, éticas e gerenciais, a articulação com o setor produtivo ainda é limitada. A cultura educacional latino-americana, tradicionalmente centrada em modelos conteudistas e pouco integrados ao mercado, tende a desacelerar a empregabilidade imediata e a adaptabilidade dos egressos. Ao incorporar experiências como a do modelo dual alemão, países da região poderiam reduzir as lacunas identificadas pela literatura quanto à preparação prática e à conexão com os ambientes organizacionais.

Nesse sentido, a integração de práticas de ensino dualizadas poderia fortalecer a profissionalização contábil na América Latina, contribuindo para um modelo educacional mais alinhado às demandas globais. Além disso, a incorporação de uma cultura de cooperação entre universidades e empresas exigiria, também, uma mudança institucional e cultural no papel atribuído à formação superior – passando de um modelo exclusivamente transmissivo para um modelo dialógico, experiencial e focado em resultados sociais e econômicos concretos.

O modelo de formação dual no ensino superior caracteriza-se pela integração estruturada entre a formação acadêmica e a prática profissional, por meio de parcerias institucionais efetivas. Essa abordagem pressupõe a articulação pedagógica entre universidade e ambientes profissionais, com corresponsabilidade na condução do processo formativo, o que demanda acompanhamento contínuo, definição clara de objetivos de aprendizagem e avaliação integrada das atividades práticas. Experiências consolidadas, como as encontradas em cursos da área da saúde, exemplificam a efetividade desse modelo ao promoverem a inserção do estudante em contextos reais de trabalho desde as fases iniciais da graduação, possibilitando o desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais em paralelo ao avanço teórico.

Entretanto, observa-se o uso crescente do termo "dual" em propostas educacionais que não contemplam, de fato, os pressupostos pedagógicos que sustentam esse modelo. Chama atenção a prática profissional limitada a estágios não vinculados formalmente ao percurso curricular e sem supervisão acadêmico-institucional contínua. A desconexão compromete a coerência formativa, resultando em experiências fragmentadas que pouco contribuem para a consolidação de competências profissionais. A rotulação desses cursos como

"duais", quando não há uma estrutura de formação partilhada entre instituição de ensino e organizações parceiras, pode gerar equívocos tanto aos estudantes quanto para o mercado de trabalho.

Para que a adoção desse modelo contribua efetivamente, a formação prática deve ser prevista no projeto pedagógico de forma integrada, com metas e resultados de aprendizagem, e acompanhada por docentes e supervisores capacitados. A superficialidade na aplicação do termo compromete a qualidade da formação e a credibilidade das instituições que promovem a rotulagem, sem assegurar os elementos que conferem legitimidade.

Diante dos desafios impostos pela globalização e pelas novas demandas formativas, as universidades têm buscado alternativas inovadoras para promover o desenvolvimento de competências globais em seus estudantes. Uma dessas estratégias é a implementação de metodologias de internacionalização em casa (IaH), como o COIL (Collaborative Online International Learning), a Colaboração Virtual Global (CVG) e as *Global Masterclasses*. Essas abordagens ampliam o acesso à educação internacional sem exigir mobilidade física, favorecendo a inclusão e a diversidade. Ao acessar o material da PUC Minas (2025) se destaca as metodologias como parte de sua política institucional de internacionalização, em consonância com seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Planejamento de Gestão Estratégica (PGE) 2022–2026.

A universidade passar a incentivar professores a incorporarem estratégias colaborativas online com universidades estrangeiras, permitindo o intercâmbio de ideias, culturas e práticas pedagógicas. Tais práticas não apenas promovem o aprendizado ativo e intercultural, mas também amplia a inserção acadêmica da instituição em rankings e redes internacionais. A integração do COIL favorece o desenvolvimento de competências como trabalho em equipe multicultural, comunicação intercultural e pensamento crítico, por meio de projetos colaborativos com estudantes de diferentes países. Já as CVGs, como as aulas espelho e palestras internacionais, estimulam a interdisciplinaridade e a flexibilidade curricular.

A adoção de alternativas digitais como o COIL representa uma via promissora para que as instituições de ensino superior ampliem o alcance de suas ações formativas, contribuindo para a formação de profissionais com visão global,

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

sensibilidade intercultural e habilidades digitais — aspectos cada vez mais valorizados em contextos acadêmicos e profissionais contemporâneos. Os estudantes de Ciências Contábeis poderiam trabalhar em grupos internacionais para analisar e comparar práticas contábeis de empresas locais à luz dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), por exemplo. A ação, fundamentada nas diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI) e no conceito de ESG (Environmental, Social and Governance), proporciona a elaboração conjunta de diagnósticos e propostas de aprimoramento na gestão financeira sustentável, promovendo a aprendizagem técnica e o desenvolvimento de competências interculturais, responsabilidade socioambiental e pensamento crítico.

CONCLUSÃO

Os contadores brasileiros devem competir de forma mais eficaz em um mercado globalizado e diversificado, seria benéfico para as DCNs adotar uma abordagem semelhante à do IFAC, promovendo experiências educacionais e profissionais que estejam alinhadas com padrões globais e preparadas para abordar a diversidade cultural e econômica da prática contábil internacional. Pelas mudanças, considera-se salutar adaptar da educação contábil às demandas do mercado global, ressaltando a relevância de unificar normas contábeis e formar profissionais capacitados para atuar em ambientes multiculturais. A adoção das Normas Internacionais de Relatório Financeiro (IFRS) marcou um avanço importante na promoção da transparência e comparabilidade das demonstrações financeiras; contudo, sua aplicação prática requer uma percepção que vá além do domínio técnico.

Denota-se a urgência de incorporar, desde a educação inicial, habilidades técnicas, interpessoais e culturais, reconhecendo que aspectos como individualismo e rejeição à incerteza influenciam a interpretação e comunicação de informações contábeis. A estratégia de internacionalização da formação contábil proposta aqui transcende o simples conhecimento de idiomas, abrangendo também a assimilação dos valores culturais que afetam a avaliação e apresentação dos ativos, sugerindo uma renovação curricular que promova vivências internacionais, certificações de alcance global e o desenvolvimento

de habilidades interpessoais como elementos cruciais para preparar contadores para um mercado cada vez mais interconectado e diversificado.

A necessidade de adaptação da formação contábil ao cenário global, no qual os profissionais enfrentam exigências técnicas distintas, além de desafios culturais e normativos específicos. Ao mencionar as variações de exigências para o exercício da profissão em diferentes países, Dreher e Domingues (2025) convergem com os estudos de Gierusz *et al.* (2022), que apontam a influência dos contextos culturais nos julgamentos e práticas contábeis. Dessa forma, a internacionalização aliada ao estímulo à mobilidade acadêmica e à compreensão intercultural, torna-se um elemento estratégico para ampliar a empregabilidade e a eficácia dos profissionais formados no Brasil.

A abordagem analítica permitiu identificar três dimensões centrais da formação e atuação do profissional contábil: as competências atualmente exigidas pelo mercado, as lacunas identificadas na literatura especializada e as estratégias propostas para superá-las. O mercado demanda, além de domínio técnico, habilidades interpessoais, fluência digital e capacidade de adaptação a contextos globais. A formação superior é desafiada a integrar teoria e prática, abordar temas culturais e incorporar tecnologias emergentes.

Entre os caminhos viáveis para alinhar a formação às exigências contemporâneas da profissão contábil, destaca-se: a ampliação da educação continuada, a adoção de certificações internacionais e a atualização das diretrizes curriculares nacionais são indicadas como. O avanço da abordagem sobre um modelo de cooperação efetivo entre mercado e universidades tendem a ser salutar e efetivo, considerando a evolução do ambiente tecnológico não disponível em ambiente de simulação, até mesmo, para os sistemas públicos adotados pelos profissionais. Para o novo significado das práticas acadêmicas, alinhadas à perspectiva de formação de um contador brasileiro, voltado a atuação em um ambiente internacionalizado há de se readequar a proposta de estágio no ambiente formativo, bem como estabelecer práticas extensionistas regulamentadas para a aplicação pelas Instituições de Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

CLEMENTS, C.; NEILL, J. D.; STOVALL, O. S. The impact of cultural differences on the convergence of international accounting codes of ethics. *In*: AAA 2009 MID-YEAR INTERNATIONAL ACCOUNTING SECTION (IAS) MEETING, 2009. DOI: https://doi.org/10.2139/ssrn.1275950.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Diretrizes curriculares nacionais do curso de Ciências Contábeis: comentada**. Brasília, DF: CFC, 2024.

DLUHOPOLSKYI, O.; FARION-M., A.; FARION, M.; RONSKA, O.; MARUSHCHAK, L. Accountants certification as long way from bookkeepers to certified accountants: experience for Ukraine. **Financial and Credit Activity: Problems of Theory and Practice**, v. 2, n. 33, p. 93–106, 2021. DOI: https://doi.org/10.18371/fcaptp.v2i33.206559.

DREHER, M.; DOMINGUES, J. **Seminário sobre formação contábil e prática profissional: competências para contadores globais** [vídeo]. YouTube, 3 abr. 2025. Disponível em: https://youtu.be/79FrHI0KmyY. Acesso em: 30 mar. 2025.

GIERUSZ, J.; KAMINSKA, A.; RZYCZNIAK, R.; WASIELEWSKI, K. The influence of culture on accounting judgment – evidence from Poland and the United Kingdom. **Cogent Business & Management**, v. 9, n. 1, art. 1993556, 2022. DOI: https://doi.org/10.1080/23311975.2021.1993556.

GRAY, S. J. Towards a theory of cultural influence on the development of accounting systems internationally. **Abacus**, v. 24, p. 1–15, 1988. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-6281.1988.tb00200.x.

JACKLING, B.; DE LANGE, P. Do accounting graduates' skills meet the expectations of employers? A matter of convergence or divergence. **Accounting Education**, v. 18, n. 4–5, p. 369–385, 2009.

KOLEŚNIK, K. The role of culture in accounting in the light of Hofstede's, Gray's and Schwartz's cultural dimensions theories: a literature review. **e-Finanse: Financial Internet Quarterly**, v. 9, n. 3, p. 33–41, 2013.

LEAL, E. A.; SOARES, M. A.; SOUSA, E. G. Perspectivas dos formandos do curso de Ciências Contábeis e as exigências do mercado de trabalho. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 5, n. 10, p. 147–160, 2008.

LEMES, D. F.; MIRANDA, G. J. Habilidades profissionais do contador preconizadas pela IFAC: um estudo com profissionais da região do Triângulo Mineiro. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, p. 293–316, 2014.

LIRA, T. A.; GOMES, F. P. C.; MUSIAL, N. T. K. Habilidades e competências profissionais exigidas dos contadores: quais os requisitos dos anúncios de emprego? **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 20, e3227, 2021. DOI: https://doi.org/10.16930/2237-766220213227.

MISTRY, U. Enhancing students' employability skills awareness through the accounting professional body on an undergraduate accounting degree. **Accounting Education**, v. 30, n. 6, p. 578–600, 2021. DOI: https://doi.org/10.1080/09639284.2021.1950016.

RENAIX. **What qualifications are needed to be an accountant?** 2025. Disponível em: https://www.renaix.com/what-qualifications-are-needed-to-be-an-accountant/. Acesso em: 30 mar. 2025.

SANTOS, J. Análise econômica e suas múltiplas perspectivas. **Revista de Economia**, v. 5, n. 2, p. 123–145, 2023.

SUPRINYAK, C. E. Moeda, tesouro e riqueza: uma anatomia conceitual do mercantilismo britânico do início do século 17. **Estudos Econômicos**, v. 39, n. 3, p. 571–596, 2009.

04

MALINCHE: IDENTIDADE E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM *LA MALINCHE*, DE CARMEN TAFOLLA

Karine Klug de Souza
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Camila Quevedo Oppelt
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Artigo original publicado em: 2025 - Revista InterCulturas
Oferecimento de obra científica e/ou literária com autorização do(s) autor(es) conforme art. 5°, inc. I, da Lei de Direitos Autorais - Lei n. 9.610/98.

10.37885/260622052

RESUMO

Este capítulo analisa o poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, a partir das discussões sobre identidade e construção de subjetividades presentes na literatura chicana e nos estudos culturais. Figura histórica controversa da conquista do México, Malinche foi frequentemente representada por discursos historiográficos e nacionalistas como símbolo de traição, interpretação que contribuiu para a consolidação do conceito de *malinchismo* (MONSIVÁIS, 2000). Em contraposição a essa perspectiva tradicional, argumenta-se que Tafolla promove uma ressignificação da personagem ao lhe conceder voz narrativa própria, deslocando-a da condição de objeto histórico para a posição de sujeito de sua própria narrativa. Para o desenvolvimento da análise, mobilizam-se principalmente as contribuições de Bonny Norton (2000; 2013) acerca da identidade como construção dinâmica e atravessada por relações de poder, além das reflexões sobre hibridismo cultural e discurso. A análise evidencia que o poema reorganiza discursivamente a figura de Malinche, permitindo-lhe contestar sentidos historicamente cristalizados e reivindicar novas formas de autorrepresentação. Conclui-se que Tafolla não apenas revisita uma personagem histórica, mas a reconfigura como sujeito ativo de sua trajetória e como símbolo de mediação cultural, resistência e construção identitária.

Palavras-chave: Malinche; Literatura Chicana; Identidade; Subjetividade; Carmen Tafolla.

INTRODUÇÃO

To survive the Borderlands
you must live sin fronteras
be a crossroads.

(ANZALDÚA, 1987)

A literatura chicana desenvolveu-se no contexto do *Chicano Movement*, movimento social e cultural que emergiu nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970 como forma de reivindicação dos direitos civis e de afirmação identitária da população méxico-americana (Delgado, 1995; Muñoz, 2007). Entre seus principais objetivos estavam o reconhecimento das experiências históricas e culturais dos chicanos, a valorização de sua identidade híbrida — marcada por heranças indígenas e hispânicas — e o enfrentamento dos processos de marginalização social e cultural (Gutiérrez, 2010). Nesse contexto, a literatura chicana consolidou-se como espaço de resistência e expressão cultural, caracterizando-se pela hibridização de gêneros, linguagens e perspectivas, bem como pela recuperação de narrativas historicamente silenciadas. Tal produção enfatiza a construção de identidades mestiças e o resgate de vozes sub-representadas, sobretudo femininas.

Entre as vozes mais significativas dessa tradição destaca-se Carmen Tafolla, poetisa, professora e importante representante da literatura chicana contemporânea. Sua produção aborda temas como identidade, fronteira, gênero e resistência cultural, reafirmando o papel das mulheres chicanas como sujeitos ativos na construção de novas formas de representação social. Em suas obras, Tafolla propõe uma revisão crítica de discursos históricos cristalizados, questionando estruturas coloniais e patriarcais responsáveis pela marginalização de determinados sujeitos.

É nesse contexto que se insere o poema *La Malinche*, no qual Tafolla revisita uma das figuras mais controversas da história mexicana. Conhecida também como Malinalli, Malintzin ou Doña Marina, Malinche nasceu entre os povos nahuas e tornou-se intérprete de Hernán Cortés durante a conquista do México (De Toro, 2006). Dominando diferentes línguas, atuou como mediadora entre

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

espanhóis e povos indígenas, exercendo um papel decisivo nos processos de comunicação e negociação daquele período (Todorov, 1982; Townsend, 2006). Entretanto, sua atuação histórica foi frequentemente reduzida à ideia de traição, originando o termo *malinchismo*, utilizado para designar a valorização do estrangeiro em detrimento da identidade nacional (Monsiváis, 2000). Essa interpretação simplificada contribuiu para a construção de uma imagem marcada pela passividade e pela submissão, desconsiderando a complexidade das relações históricas e políticas que atravessaram sua trajetória.

Diante disso, este estudo propõe analisar de que maneira o poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, ressignifica a identidade dessa personagem histórica, deslocando-a da posição de sujeito subalternizado para a de agente ativa de mediação cultural. Para tal, serão mobilizados os conceitos de identidade e agência desenvolvidos por Bonny Norton (2000; 2013), em diálogo com as noções de hibridismo cultural e entre-lugar propostas por Homi Bhabha (1994). Busca-se demonstrar que Tafolla reconstrói a figura de Malinche como uma mediadora entre mundos distintos, cuja experiência transcende leituras reducionistas e projeta novas possibilidades de compreensão da identidade mestiça.

DESENVOLVIMENTO

Literatura Chicana e Construção Identitária

A literatura chicana surge como forma de resistência cultural e de afirmação identitária das comunidades méxico-americanas, especialmente no contexto da fronteira entre Estados Unidos e México. Conforme observa Delgado (1995), essa produção literária articula elementos culturais latinos e anglo-americanos, frequentemente questionando as narrativas hegemônicas da tradição estadunidense. Nesse sentido, a literatura chicana constitui não apenas uma manifestação artística, mas também um espaço de contestação social e política.

Segundo Muñoz (2007), o Movimento Chicano buscava enfrentar processos de exclusão e opressão social, ao mesmo tempo em que reivindicava a valorização das heranças indígenas e espanholas presentes na formação cultural dos chicanos. A ideia de mestiçagem (*mestizaje*) assume, assim, papel central na construção dessa identidade, concebida não como unidade fixa, mas como

resultado de múltiplos encontros e tensões culturais. Gutiérrez (2010) acrescenta que a produção literária chicana frequentemente combina diferentes línguas, como inglês e espanhol — fenômeno associado ao *spanglish* — além de mesclar formas e estilos diversos, produzindo uma voz literária híbrida que desafia fronteiras linguísticas e culturais.

É nesse contexto que se insere Carmen Tafolla, uma das vozes mais expressivas da literatura chicana contemporânea. Nascida em San Antonio, no Texas, a autora desenvolve, em sua produção poética e narrativa, temas relacionados à identidade cultural, à resistência feminina e às experiências fronteiriças. Suas obras destacam a centralidade das mulheres chicanas como sujeitos ativos de transformação social, recuperando narrativas frequentemente marginalizadas pela história oficial (Cantú, 2023).

Desse modo, o poema *La Malinche* pode ser compreendido não apenas como uma releitura literária da conquista do México, mas como uma construção estética e política alinhada ao projeto da literatura chicana de revisitar e ressignificar o passado, atribuindo novas perspectivas a personagens historicamente reduzidas por discursos coloniais e patriarcais.

Malinche: história e mito

Para compreender a ressignificação proposta por Carmen Tafolla, torna-se necessário contextualizar a trajetória histórica de Malinche e os discursos construídos em torno de sua figura ao longo do tempo. As crônicas da conquista relatam que Malinche, também conhecida como Malinalli ou Doña Marina, nasceu entre os nahuas em uma família de alta posição social. Após a morte de seu pai, foi entregue a outros grupos indígenas e posteriormente oferecida a Hernán Cortés em 1519 (De Toro, 2006). Devido às suas habilidades linguísticas, aprendeu náuatle, maia e espanhol, tornando-se intérprete e mediadora entre os conquistadores espanhóis e diversos povos indígenas (Todorov, 1982). Sua atuação possibilitou processos de comunicação e negociação fundamentais durante a conquista, conferindo-lhe uma posição singular em um contexto marcado por profundas desigualdades de gênero e poder (Karttunen, 1994; 2011).

Entretanto, a imagem histórica de Malinche foi progressivamente moldada por discursos coloniais e patriarcais. As narrativas historiográficas do século XVI frequentemente a representavam como figura secundária no processo de conquista e, posteriormente, após a Independência do México, consolidou-se a interpretação de Malinche como símbolo de traição nacional. O termo *malinchismo* passou a designar a valorização do estrangeiro em detrimento da cultura nacional (Monsiváis, 2001; Paz, 1950). Tal interpretação aproxima-se do conhecido provérbio italiano *traduttore, traditore* ("tradutor, traidor"), sugerindo que a mediação linguística implicaria necessariamente uma divisão de lealdades.

No imaginário cultural mexicano, Malinche também foi associada à figura de *La Chingada*, apresentada por Octavio Paz (1984) como símbolo da mulher violada e da submissão ao invasor. Essa interpretação contribuiu para a consolidação de uma visão simplificada que reduz sua trajetória histórica a uma suposta responsabilidade pela conquista espanhola, ignorando as relações políticas, sociais e culturais que atravessavam sua experiência.

Entretanto, a trajetória de Malinche evidencia uma identidade marcada pela multiplicidade e pelo deslocamento. Ao longo de sua vida, ocupou diferentes posições sociais — filha, escravizada, intérprete, mediadora, companheira e mãe — transitando entre distintos contextos linguísticos e culturais. Nesse sentido, a concepção de identidade proposta por Norton (2013, p. 45), entendida como a maneira pela qual os indivíduos compreendem sua relação com o mundo e suas possibilidades futuras, torna-se relevante para compreender sua experiência. Sua circulação entre diferentes sistemas linguísticos e culturais transformou continuamente suas formas de inserção social e suas possibilidades de atuação.

Estudos contemporâneos questionam a interpretação tradicional que atribui a Malinche a responsabilidade pela conquista, argumentando que tal leitura frequentemente reproduz uma lógica de culpabilização feminina (Karttunen, 2011). Conforme observa Palma (1991), o conceito de *malinchismo* contribuiu para associar à mulher indígena a responsabilidade simbólica pela ruptura da identidade nacional, reforçando estruturas patriarcais que atribuem protagonismo histórico aos homens e relegam as mulheres a posições secundárias. Desse modo, a história de Malinche constitui um exemplo expressivo de como

identidades podem ser construídas, negociadas e reinterpretadas por meio das relações de poder (Norton, 2000).

Identidade, língua e mediação cultural

Para compreender a ressignificação de Malinche no poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, torna-se relevante recorrer às discussões sobre identidade, linguagem e mediação cultural propostas por Bonny Norton (2000; 2013), Homi Bhabha (1994) e Kanno e Norton (2003). Essas perspectivas permitem compreender a identidade não como um atributo fixo ou essencial, mas como um processo dinâmico, constantemente negociado em meio a relações sociais e estruturas de poder.

Bonny Norton (2000; 2013) compreende a identidade como uma construção social em permanente transformação, relacionada à forma como os indivíduos percebem sua posição no mundo e suas possibilidades futuras. Segundo a autora, identidade corresponde à maneira pela qual um sujeito entende sua relação com o mundo, como essa relação se organiza no tempo e no espaço e como imagina suas perspectivas para o futuro (Norton, 2013). Em contextos de aprendizagem de línguas — conceito que pode ser ampliado para situações de contato cultural e colonial —, a autora argumenta que as identidades são produzidas e modificadas em contextos marcados por relações desiguais de poder. Nessa perspectiva, a trajetória de Malinche pode ser compreendida como resultado de deslocamentos constantes entre posições sociais distintas: ora mulher indígena submetida à escravidão, ora intérprete e mediadora junto aos conquistadores espanhóis, sempre atravessada por estruturas patriarcais e coloniais.

As reflexões de Homi Bhabha (1994) complementam essa discussão ao introduzir a noção de hibridismo cultural e de *terceiro espaço*. Para o autor, a identidade emerge em espaços intersticiais, isto é, em zonas de contato e negociação entre diferentes culturas. Esses "entre-lugares" não representam simples combinações entre culturas distintas, mas espaços de criação de novas formas de subjetividade. No caso de Malinche, sua posição como intérprete a inseriu justamente nesse espaço liminar: ela não ocupava integralmente o lugar indígena nem o espanhol, mas transitava entre ambos.

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

A mediação linguística desempenhou papel central nesse processo. Ao dominar náuatle, maia e espanhol, Malinche atravessou fronteiras culturais e sociais pouco acessíveis a uma mulher indígena de seu período histórico. Conforme apontam Norton e McKinney (2011), a linguagem não constitui apenas um sistema de comunicação, mas uma prática social que produz sentidos, relações e identidades. Nesse sentido, a capacidade linguística de Malinche representava mais do que uma habilidade técnica: configurava uma forma de agência que lhe permitiu negociar sua sobrevivência e redefinir sua posição dentro das estruturas coloniais. Sua atuação aproxima-se daquilo que Norton (2000; 2013) denomina *investimento*, entendido como o engajamento do sujeito em determinadas práticas linguísticas na expectativa de ampliar suas possibilidades futuras.

Além disso, a noção de *comunidade imaginada*, desenvolvida por Kanno e Norton (2003), contribui para compreender a dimensão projetiva atribuída a Malinche na releitura proposta por Tafolla. Segundo os autores, comunidades imaginadas correspondem a formas de pertencimento que ainda não existem concretamente, mas que influenciam as escolhas e investimentos identitários dos sujeitos. No poema, Malinche parece antecipar a possibilidade de uma nova coletividade fundada na mestiçagem, concebendo uma identidade que ultrapassa os limites políticos e culturais de seu tempo. Essa ideia aproxima-se também da concepção de comunidade imaginada discutida por Anderson (1991), segundo a qual a nação constitui uma construção simbólica compartilhada pelos indivíduos.

Desse modo, as contribuições de Norton, Bhabha e Kanno permitem compreender Malinche para além das representações tradicionais que a reduzem à condição de vítima ou traidora. Sua identidade pode ser entendida como resultado de negociações contínuas entre língua, cultura e poder. Ao ocupar uma posição de mediação entre mundos distintos, Malinche transforma-se, na poética de Tafolla, em uma figura híbrida capaz de atravessar fronteiras e projetar novas formas de pertencimento e subjetividade.

Análise do poema *La Malinche*

Para a análise do poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, os elementos observados foram organizados em três eixos centrais: a identidade nominal da personagem, a desconstrução do mito de *La Chingada* e a representação de

Malinche como mediadora cultural. Essa divisão busca evidenciar como Tafolla desloca a personagem de uma posição historicamente marcada pela submissão para uma figura dotada de voz, agência e protagonismo.

Identidade nominal de Malinche

Logo nos versos iniciais do poema, a voz poética apresenta os diferentes nomes pelos quais Malinche foi identificada ao longo de sua trajetória:

> Yo soy la Malinche.
> My people called me Malintzín Tenepal.
> The Spaniards called me Doña Marina.
> I came to be known as Malinche,
> and Malinche came to mean traitor.
> They called me—chingada!

Ao iniciar com a afirmação "*Yo soy la Malinche*", a narradora estabelece uma declaração de existência e de identidade. Entretanto, essa afirmação é imediatamente atravessada pelas denominações atribuídas por outros sujeitos sociais: "*My people called me...*", "*The Spaniards called me...*". Os nomes apresentados no poema representam não apenas diferentes formas de nomeação, mas também posições sociais e identidades historicamente construídas.

Sob a perspectiva de Norton (2000; 2013), a identidade constitui uma relação dinâmica entre a forma como o indivíduo se percebe e como é percebido pelos outros. Nesse sentido, os diferentes nomes assumem funções simbólicas distintas: *Malintzín* remete à origem indígena; *Doña Marina* representa sua inserção no universo colonial espanhol; e *Malinche*, posteriormente, passa a carregar a associação com a ideia de traição. A multiplicidade dessas denominações evidencia que sua identidade não é estável ou fixa, mas continuamente redefinida por relações sociais e históricas.

A ausência do nome *Malinalli* também pode ser interpretada como um apagamento simbólico de sua identidade original. O poema sugere que a conquista não alterou apenas sua posição social, mas também reconfigurou a maneira

como sua existência seria lembrada historicamente. Contudo, ao assumir a narrativa em primeira pessoa, Tafolla desloca essa construção externa e devolve à personagem a possibilidade de autodefinição. Assim, a identidade deixa de ser apenas uma categoria imposta e passa a ser reivindicada pela própria Malinche.

Desse modo, a abertura do poema já estabelece um movimento central da obra: a disputa pelo direito de narrar a própria identidade. A personagem deixa de ser apenas objeto de discursos históricos para tornar-se sujeito de sua própria narrativa.

A construção do mito de *La Chingada*

Após apresentar as múltiplas denominações atribuídas à personagem, o poema introduz um dos elementos centrais da representação histórica de Malinche: a associação com *La Chingada*. A voz poética reproduz a acusação recebida ao longo do tempo:

> They called me — chingada!
>
> Chingada! (Ha — ¡Chingada! ¡Screwed!)

No imaginário mexicano, *La Chingada* tornou-se uma figura marcada pela violência e pela humilhação simbólica. Em *O Labirinto da Solidão*, Paz (1984) relaciona essa imagem à mulher violada, convertida em representação da ruptura histórica e cultural provocada pela conquista. Nesse contexto, a associação entre Malinche e *La Chingada* ultrapassa uma simples ofensa: transforma-se em um mecanismo de atribuição de culpa, projetando sobre a personagem a responsabilidade simbólica pela derrota indígena e pela formação da identidade nacional.

Ao recuperar esse discurso, Tafolla não o reproduz passivamente, mas o desloca para uma nova perspectiva. A acusação é apresentada inicialmente pela voz coletiva — «*They called me*" — revelando que essa identidade foi construída externamente e imposta à personagem. Posteriormente, porém, Malinche rompe com essa representação ao afirmar:

> But Chingada I was not.
>
> Not tricked, not screwed, not traitor.

For I was not traitor to myself —

I saw a dream and I reached it.

Another world... la raza.

A repetição da estrutura negativa ("*not tricked, not screwed, not traitor*") opera como uma recusa explícita dos significados historicamente associados à personagem. O poema substitui a imagem da mulher passiva e culpabilizada pela de uma figura capaz de interpretar e reivindicar a própria trajetória. A negação da condição de *Chingada* não significa negar os processos de violência aos quais Malinche esteve submetida; ao contrário, evidencia uma rejeição à leitura histórica que a reduziu exclusivamente a esse papel.

Essa releitura aproxima-se das observações de Palma (1991), segundo as quais o *malinchismo* constituiu um mecanismo de culpabilização da mulher indígena pela suposta "entrega" da identidade nacional mexicana. Ao concentrar sobre Malinche a responsabilidade pela conquista, a narrativa tradicional simplificou processos históricos complexos e reforçou uma lógica patriarcal que atribui à mulher a posição de traidora ou objeto de troca.

Desse modo, Tafolla promove uma inversão significativa da narrativa histórica: Malinche deixa de ocupar o lugar de símbolo da traição para tornar-se sujeito de sua própria história. Ao recuperar sua voz, o poema desloca a personagem do espaço da culpa para o da agência, permitindo que ela reivindique uma identidade construída não pela submissão, mas pela possibilidade de imaginar novos espaços culturais e históricos.

But Chingada I was not.

Not tricked, not screwed, not traitor.

For I was not traitor to myself —

I saw a dream and I reached it.

Another world...la raza. (...la raaaaa-zaaaaa...).

Nesse trecho, Malinche rejeita explicitamente as definições históricas que lhe foram impostas. Ao afirmar "*Chingada I was not*", a personagem rompe com a identidade construída pelo discurso colonial e patriarcal, recusando a posição de mulher passiva, enganada ou traidora. A repetição da estrutura negativa em

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

"*not tricked, not screwed, not traitor*" funciona como mecanismo de negação e resistência, desfazendo sucessivamente os sentidos atribuídos à sua imagem ao longo da história.

A voz poética construída por Tafolla permite que Malinche reinterprete a própria trajetória. Em vez de aceitar a identidade produzida pelos outros, a personagem reivindica o direito de definir a si mesma: "*For I was not traitor to myself*". A negação da traição desloca a discussão do plano coletivo para o plano subjetivo; a questão deixa de ser se Malinche traiu um povo e passa a ser sua fidelidade à própria sobrevivência e às possibilidades que enxergava para o futuro.

Os versos seguintes — "*I saw a dream and I reached it / Another world... la raza*" — introduzem uma dimensão visionária à personagem. Em oposição à representação tradicional que a reduz ao símbolo da derrota indígena, Tafolla apresenta Malinche como alguém capaz de imaginar uma nova configuração cultural. Essa passagem dialoga com os conceitos de comunidade imaginada de Kanno e Norton (2003), pois sugere a projeção de uma identidade futura ainda inexistente. A ideia de "*la raza*" não aparece apenas como referência à mestiçagem biológica, mas como símbolo de uma nova identidade cultural híbrida.

Desse modo, Tafolla transforma Malinche de objeto de julgamento histórico em sujeito de enunciação. Ao recuperar sua voz, o poema substitui a narrativa da culpa pela da agência, convertendo a personagem de símbolo da traição em mediadora de novas possibilidades identitárias.

Pode-se argumentar que Tafolla constrói Malinche como a personagem que enxerga aquilo que Cortés não percebia: a possibilidade de uma comunidade futura surgida do encontro entre culturas distintas. Enquanto a conquista estava orientada por interesses de poder e expansão territorial, Malinche surge como figura capaz de imaginar "*another world*", antecipando simbolicamente a formação de uma identidade mestiça.

Malinche como mediadora cultural e "mãe da mestiçagem"

O aspecto central enfatizado por Tafolla é a recuperação da agência de Malinche dentro da narrativa histórica. Diferentemente das representações tradicionais que a reduzem à posição de objeto da conquista, o poema a apresenta

como participante ativa dos acontecimentos. Em um dos trechos centrais, a voz poética afirma:

> "And yes—I helped you—
>
> against Emperor Moctezuma Xocoyotzin himself.
>
> I became Interpreter, Advisor, and lover."

Ao reconhecer diretamente sua participação ("*And yes—I helped you*"), Malinche assume um papel que a narrativa histórica frequentemente lhe negou. A escolha do verbo "*helped*" revela uma admissão consciente de sua atuação, afastando a imagem de figura passiva ou manipulada pelos acontecimentos. Além disso, a sequência "*Interpreter, Advisor, and lover*" evidencia a multiplicidade de papéis desempenhados pela personagem: intérprete, conselheira e companheira. Essas funções sugerem que sua posição ultrapassava a de mera intermediária linguística, aproximando-a de um espaço de influência política e cultural.

Sob a perspectiva de Norton (2000; 2013), a identidade é constantemente negociada nas relações sociais e de poder. A atuação de Malinche como intérprete demonstra justamente essa dinâmica: seu domínio de diferentes línguas permitiu que ocupasse uma posição singular entre universos culturais distintos. Como observam Norton e McKinney (2011), a linguagem não constitui apenas um sistema de comunicação, mas uma prática social capaz de produzir significados e identidades. Nesse sentido, a mediação linguística de Malinche representava também uma forma de agência.

Essa posição intermediária aproxima-se igualmente da noção de *terceiro espaço* proposta por Bhabha (1994). Malinche ocupa um espaço liminar entre dois mundos, não pertencendo integralmente a nenhum deles. Sua identidade é construída precisamente nesse entre-lugar, onde diferentes culturas entram em contato e produzem novas formas de subjetividade. Tafolla desloca, assim, a personagem da condição de fronteira passiva para a de agente cultural capaz de negociar sentidos e criar novas possibilidades identitárias.

Outro momento significativo ocorre quando a narradora projeta uma visão voltada para o futuro:

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

"Another world – a world yet to be born.

And our child was born...

and I was immortalized Chingada!"

A imagem do "*world yet to be born*" sugere mais do que a chegada de uma nova geração: simboliza a construção de uma identidade cultural futura. O nascimento do filho de Malinche e Cortés opera como representação metafórica do surgimento da mestiçagem e de uma nova configuração histórica. O termo "*our child*" ultrapassa o sentido biológico, assumindo um significado simbólico relacionado ao nascimento de uma nova coletividade.

Essa passagem pode ser interpretada à luz do conceito de comunidade imaginada de Kanno e Norton (2003). Malinche surge como a personagem que consegue enxergar possibilidades futuras ainda invisíveis aos sujeitos ao seu redor. Enquanto a conquista se orientava por interesses imediatos de expansão territorial e poder, a voz poética parece atribuir a Malinche uma visão mais ampla: a antecipação de uma comunidade híbrida que ainda estava em formação. O poema sugere, portanto, que ela percebia aquilo que outros personagens ainda não eram capazes de imaginar — um "*another world*" fundamentado na convivência entre culturas distintas.

Ao final, Tafolla desloca radicalmente a imagem tradicional de Malinche. Em vez de símbolo da traição, ela passa a ser representada como mediadora cultural e figura visionária, cuja atuação ultrapassa os limites do presente histórico. Sua identidade híbrida deixa de ser sinal de ruptura ou culpa e transforma-se em possibilidade de construção de novos espaços culturais.

A reconstrução discursiva de Malinche: voz, enunciação e identidade

Um dos aspectos mais significativos do poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, não reside apenas na releitura histórica da personagem, mas na maneira como a autora reorganiza discursivamente sua posição narrativa. Ao construir o poema em primeira pessoa por meio da afirmação inicial *"Yo soy la Malinche"*, Tafolla promove mais do que uma escolha estilística: ela desloca a personagem da condição de objeto histórico para a posição de sujeito enunciador de sua própria experiência.

Historicamente, Malinche foi construída a partir de discursos produzidos por outros sujeitos — cronistas espanhóis, intelectuais nacionalistas, historiadores e escritores — que atribuíram sentidos à sua trajetória e determinaram sua posição na memória coletiva. Nesses discursos, sua figura frequentemente aparecia como objeto de descrição, julgamento e interpretação, mas raramente como sujeito capaz de narrar sua própria experiência. Conforme afirma Orlandi (2009), os sentidos não são transparentes nem naturais; eles são historicamente produzidos em formações discursivas atravessadas por ideologias. Nesse sentido, a associação entre "Malinche" e a ideia de traição não surge como consequência inevitável de suas ações, mas como resultado de discursos que privilegiaram determinadas interpretações enquanto silenciavam outras possibilidades de leitura.

A importância dessa reorganização discursiva torna-se ainda mais evidente quando considerada à luz das reflexões de Gayatri Spivak (1988) sobre a subalternidade. Ao questionar se sujeitos historicamente marginalizados podem efetivamente falar dentro de estruturas discursivas dominantes, Spivak evidencia como determinados grupos permanecem presos a sistemas que falam por eles e os representam. Nesse sentido, a trajetória de Malinche aproxima-se da condição subalterna: sua história foi constantemente narrada por outros, enquanto sua própria voz permaneceu ausente ou apagada. O poema de Tafolla realiza, portanto, uma inversão simbólica desse silenciamento ao permitir que Malinche deixe de ocupar a posição de objeto do discurso colonial para assumir a condição de sujeito de sua própria narrativa.

A afirmação *"Yo soy la Malinche"* adquire, assim, valor que ultrapassa a simples identificação pessoal. O uso do verbo *ser* constitui uma reivindicação de existência e de autoridade discursiva. Ao afirmar "eu sou", Malinche não apenas anuncia quem é, mas reivindica o direito de definir sua própria identidade. Ao longo do poema, essa disputa pelos sentidos torna-se evidente quando a personagem rejeita categoricamente as designações impostas a ela:

> "But Chingada I was not.
>
> Not tricked, not screwed, not traitor."

Ao negar os rótulos historicamente associados à sua imagem, Malinche passa a disputar os significados construídos sobre sua própria existência. Como argumenta Fiorin (2018), os discursos produzem efeitos de sentido condicionados pelas circunstâncias históricas e ideológicas em que são formulados. Dessa forma, Tafolla não realiza apenas uma revisão histórica da personagem, mas altera as condições discursivas pelas quais Malinche é compreendida.

Essa condição também pode ser aproximada das reflexões de Gloria Anzaldúa (1987), que compreende a fronteira não apenas como espaço geográfico, mas como experiência subjetiva marcada pelo deslocamento e pela negociação identitária. Para a autora, sujeitos que transitam entre culturas desenvolvem uma *new mestiza consciousness*, caracterizada pela coexistência de diferentes sistemas culturais, linguísticos e identitários. Sob essa perspectiva, Malinche antecipa simbolicamente essa condição fronteiriça: sua identidade não pertence inteiramente ao universo indígena nem ao espanhol, mas constitui-se justamente no espaço intermediário entre ambos. Seu lugar é o da travessia, da negociação e do hibridismo.

Desse modo, o poema não apenas recupera a voz de Malinche, mas evidencia que identidades não constituem essências fixas e imutáveis. Elas são continuamente produzidas, disputadas e reconstruídas por meio do discurso. Ao permitir que Malinche fale, Tafolla transforma uma personagem historicamente silenciada em sujeito ativo de sua própria narrativa, questionando interpretações consolidadas e abrindo novas possibilidades de compreender sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, permitiu observar como a autora realiza uma reconstrução histórica e discursiva da figura de Malinche, deslocando-a de uma posição tradicionalmente marcada pela passividade e pela traição para uma posição de agência e autorrepresentação. Mais do que revisitar um personagem histórico, Tafolla questiona os sentidos cristalizados que foram construídos em torno de Malinche ao longo do tempo, especialmente aqueles associados ao *malinchismo*, à submissão feminina e à ideia de culpa nacional.

A partir das contribuições de Norton (2000; 2013), foi possível compreender a identidade como uma construção dinâmica e relacional, constantemente atravessada por relações de poder. Sob essa perspectiva, Malinche não aparece como uma identidade fixa ou estável, mas como sujeito que ocupa múltiplas posições ao longo de sua trajetória: mulher indígena, escravizada, intérprete, conselheira, amante e mediadora cultural. Sua experiência evidencia que a identidade é continuamente negociada dentro de contextos históricos e sociais específicos.

As reflexões de Bhabha (1994) e Anzaldúa (1987) também contribuíram para compreender Malinche como sujeito que habita espaços de fronteira. Sua trajetória se constrói no trânsito entre línguas, culturas e sistemas simbólicos distintos, aproximando-se da ideia de uma consciência mestiça formada no entre-lugar cultural. Nesse sentido, Malinche deixa de ocupar uma posição de pertencimento fixo para assumir uma identidade híbrida construída justamente pela experiência de deslocamento e mediação.

Além disso, a análise discursiva evidenciou que a principal transformação promovida por Tafolla ocorre na própria posição de enunciação da personagem. Ao iniciar o poema com "*Yo soy la Malinche*", a autora rompe simbolicamente com séculos de silenciamento histórico e permite que a personagem deixe de ser apenas objeto do discurso colonial e patriarcal para tornar-se sujeito de sua própria narrativa. Tal deslocamento dialoga com as discussões de Orlandi (2009), Fiorin (2018) e Spivak (1988), ao demonstrar que os sentidos não são fixos, mas disputados e reconstruídos no interior das práticas discursivas.

Por fim, o poema mostra que a ressignificação de Malinche ultrapassa a simples revisão de uma personagem histórica. Tafolla transforma uma figura tradicionalmente associada à vergonha nacional em símbolo de mediação cultural, resistência e possibilidade de novos pertencimentos. Ao recuperar sua voz, a autora não apenas revisita o passado, mas questiona as estruturas históricas e discursivas responsáveis por silenciar sujeitos marginalizados, abrindo espaço para novas formas de compreender identidade, memória e representação na literatura chicana.

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.

CANTÚ, Norma Elia (ed.). **Chicana portraits: critical biographies of twelve Chicana writers**. Tucson: University of Arizona Press, 2023.

DELGADO, Fernando Pedro. Chicano movement rhetoric: an ideographic interpretation. *Communication Quarterly*, v. 43, n. 4, p. 446-455, 1995.

DE TORO, Alfonso. Escenificaciones de la hibridez en el discurso de la conquista: analogía y comparación como estrategias translatológicas para la construcción de la otredad. *Atenea*, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

GUTIÉRREZ, José Ángel. The Chicano movement: paths to power. *The Social Studies*, v. 102, n. 1, p. 25-32, 2010.

KANNO, Yasuko; NORTON, Bonny. Imagined communities and educational possibilities. *Journal of Language, Identity, and Education*, v. 2, n. 4, p. 241-249, 2003.

KARTTUNEN, Frances E. **Between worlds: interpreters, guides, and survivors**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.

KLUG DE SOUZA, K.; OPPELT, C. Q. A ressignificação de Malinche: identidade, poder e mediação cultural em *La Malinche*, de Carmen Tafolla. *Revista InterCulturas*, v. 2, n. 1, e73859, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15580758.

MONSIVÁIS, Carlos. **Aires de familia: cultura y sociedad en América Latina**. Barcelona: Anagrama, 2000.

NORTON, Bonny. **Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. Harlow: Longman, 2000.

NORTON, Bonny. **Identity and language learning: extending the conversation**. 2nd ed. London: Routledge, 2013.

NORTON, Bonny; MCKINNEY, Carolyn. An identity approach to second language acquisition. *In*: DORNYEI, Z.; USHIODA, E. (org.). **Motivation, language identity and the L2 self**. Bristol: Multilingual Matters, 2011. p. 73-94.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? *In*: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (org.). **Marxism and the interpretation of culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.

TAFOLLA, Carmen. **Curandera**. San Antonio: Pecan Grove Press, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TOWNSEND, Camilla. **Malintzin's choices: an Indian woman in the conquest of Mexico**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006.

05

GÊMEOS NATURAIS E GÊMEOS FERTILIZADOS *IN VITRO:* EM QUESTÃO A SACRALIDADE DE *ÌBEJÌ* NO DIÁLOGO DE *ÒÒGUN* COM A BIOMEDICINA

Adeyinka Olaiya
Obafemi Awolowo University Ile-Ife Nigéria

Daniel Broggi Ciardullo
Universidade de São Paulo (USP), Brasil

10.37885/260722373

RESUMO

O presente artigo explora a concepção de Ibeji (*Ìbejî*) na sociedade tradicional iorubá (*yorùbá*), considerando tanto gêmeos naturais quanto aqueles concebidos por fertilização *in vitro* (FIV) ou inseminação artificial. Segundo a concepção iorubá, o nascimento é um fato biológico e espiritual e por serem considerados orixás, os gêmeos são reverenciados desde o momento em que chegam ao *aiyê* advindos do *orum*. Quando a biomedicina passou a realizar inseminação artificial e fertilização *in vitro*, nasceram muitos gêmeos fertilizados "artificialmente", portanto, em condições distintas da fecundação natural de gêmeos. Este fato colocou em questão a sacralidade de gêmeos fertilizados *in vitro* e intensificou o diálogo entre a biomedicina e *òògun*, a medicina tradicional iorubá. O conhecimento iorubá sobre *Ìbejî*, sistema completo, coerente e culturalmente validado de cuidado, possui lógica operacional interna, distinta da lógica de paradigmas biomédicos tecnocráticos e de propriedade intelectual ocidental. Sistemas de cuidado em saúde analíticos e biomédicos, fundamentados no conhecimento definido como propriedade intelectual são incongruentes quando utilizados como parâmetros epistemológicos na abordagem do saber tradicional iorubá, que oferece alternativas culturalmente significativas aos modelos hegemônicos contemporâneos. Neste artigo são abordadas particularidades dessa temática em dois contextos complementares: no contexto da Antropologia Médica, com especial atenção à biomedicina e a *òògun*, e no contexto de debates sobre oralidade, escrita e propriedade intelectual de conhecimentos para melhor entendimento da questão da Sacralidade de *Ìbejî* fertilizados *in vitro.*

Palavras-chave: antropologia médica; gêmeos; *ibeji*; iorubá; *òògun;* propriedade intelectual de conhecimentos.

INTRODUÇÃO

Ao nos propormos a abordar questões relativas à sacralidade de *Ìbejì* nos casos de gêmeos naturalmente fertilizados e gêmeos fertilizados *in vitro*, nós, autores deste artigo, elegemos alguns contextos nos quais se insere a temática em questão. Escolhemos como estação de partida a Antropologia Médica, área interdisciplinar de abordagem científica do tema de nosso interesse.

O avanço das tecnologias de reprodução assistida trouxe consigo relevantes questionamentos: gêmeos fertilizados *in vitro* podem ser reconhecidos como manifestação direta do Sagrado? Qual o impacto do método de concepção utilizado para a fecundação de óvulos sobre o reconhecimento de *Ìbejì* como orixá? Em outras palavras: podemos/devemos considerar como orixás, crianças gêmeas cuja fecundação ocorreu em laboratório? É preciso realizar rituais de oferendas a elas, do mesmo modo utilizado nos rituais de oferenda a crianças gêmeas cuja fecundação ocorreu de modo natural? Neste estudo temos por objetivo analisar essas questões partindo da descrição de dois contextos teóricos nos quais elas se inserem.

Um dos contextos teóricos é a Antropologia Médica, especialmente no âmbito de debates referentes à Biomedicina e à *Òògun*, a medicina tradicional iorubá, síntese de elementos médicos, mágicos e religiosos indissociáveis. Buscamos informações no corpo teórico-metodológico da Antropologia Médica e junto a lideranças iorubás tradicionais, boa parte deles pesquisadores e estudiosos de seu grupo étnico de pertença.

No outro contexto teórico são debatidos temas referentes à oralidade, à escrita e à propriedade intelectual de conhecimentos. O motivo de escolha deste contexto teórico é facilmente identificável: a transmissão de conhecimentos pode ocorrer por meio da linguagem escrita, em bancos escolares e pode ocorrer, também, de modo transgeracional ao longo da extensa corrente da tradição oral africana. É muito interessante refletirmos sobre o que denominamos "propriedade intelectual" nesses dois contextos distintos: o de conhecimentos transmitidos oralmente ou por escrito.

Após a apresentação desses dois contextos teóricos passamos à abordagem da questão central deste artigo e então colocamos em debate a questão relativa à sacralidade de *Ìbejì* nos casos de gêmeos naturalmente fertilizados

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

e no caso de gêmeos fertilizados *in vitro.* O artigo é concluído com algumas considerações finais.

Contexto Teórico 1 - Antropologia Médica: Biomedicina e *Òògun*

– **Sobre Biomedicina**

O direito à saúde é definido como princípio básico pela Organização das Nações Unidas que por meio da Organização Mundial da Saúde estabelece que "saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste meramente na ausência de doença ou de enfermidade" (ONU, 2020). Campos (2009) assinala o caráter holístico da saúde defendido pelas Nações Unidas, que não deve ficar restrito a aspectos biológicos da saúde sem contemplar o caráter sociocultural próprio de cada segmento populacional.

É preciso, pois, refletir acerca das realidades socioculturais particulares com lentes capazes de circunscrever os limites próprios de modelos estritamente biomédicos. É indispensável buscar uma visão que contemple a diferença, o estranhamento, a possibilidade do distinto, ou mesmo incongruente, entre hierarquias de valores. Essa visão antropológica amplia a percepção dos fenômenos que constroem e permeiam o conceito de saúde.

> (...) as noções de saúde e doença correspondem a fenômenos complexos, que envolvem aspectos biológicos, econômicos, políticos e socioculturais. Nesse sentido, a antropologia converte-se em uma poderosa ferramenta, na medida em que permite apreender o outro a partir de suas especificidades sociais e culturais. Ou seja, a antropologia evidencia os limites do modelo biomédico ao revelar que as práticas de saúde de uma população estão diretamente ligadas ao seu modo de vida dentro de um contexto sociocultural (Campos, 2009, p. 63).

É preciso, pois, que as práticas de saúde e cuidado sejam operadas em circuitos mais amplos que os meramente hospitalares e biomédicos. A antropologia médica, área interdisciplinar, dispõe de ferramentas conceituais indispensáveis para o entendimento de diferentes sistemas de cuidado em seus próprios termos culturais.

Langdon e Wiik (2010) argumentam que a dimensão cultural dos fatos e fenômenos normalmente opera de modo independente da biologia, sendo de grande importância na formação das sociedades humanas.

> Cultura pode ser definida como um conjunto de elementos que mediam e qualificam qualquer atividade física ou mental, que não seja determinada pela biologia, e que seja compartilhada por diferentes membros de um grupo social. Trata-se de elementos sobre os quais os atores sociais constroem significados para as ações e interações sociais concretas e temporais, assim como sustentam as formas sociais vigentes, as instituições e seus modelos operativos. A cultura inclui valores, símbolos, normas e práticas (Langdon, Wiik, 2010, p. 175).

Uma vez que opera diretamente sobre a práxis social, a cultura possui caráter formador sobre as práticas de cuidado e atenção sociais, entre as quais estão incluídas as práticas de atenção à saúde e a própria interpretação dos fenômenos biológicos sob a ótica de conceitos como "saúde" e "doença". O conjunto de valores, conhecimentos e comportamentos que remetem à saúde constitui, no dizer de Langdon e Wiik (2010), um "sistema sociocultural de saúde integrado, total e lógico", capaz de acumular percepções, conhecimentos e cognições utilizadas nas sociedades, influenciando processos de análise e classificação. Evidentemente, a lógica desse sistema não é propriedade exclusiva da perspectiva biomédica. Estes autores definem *Sistema Social de Saúde*

> como aquele que é composto por instituições relacionadas à saúde, à organização de papéis dos profissionais de saúde nele envolvidos, suas regras de interação, assim como as relações de poder a ele inerentes. Comumente, essa dimensão do sistema de atenção à saúde também inclui especialistas não reconhecidos pela biomedicina, tais como benzedeiras, curandeiros, xamãs, pajés, massoterapeutas, pais de santo, pastores e padres, dentre outros (Langdon, Wiik, 2010, p. 179).

Kleinman (1980) avalia que um conjunto de sistemas de saúde complementares e distintos atuantes nas sociedades poderiam ser classificados em três setores com possibilidades de sobreposição e conexões: Setor Informal de Saúde, Setor Profissional/Biomédico de Saúde e Setor Popular (*Folk*) de Saúde.

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

O Setor Informal de Saúde representa a esfera leiga da sociedade, distante do universo profissional e especializado, em que os problemas de saúde são inicialmente identificados e definidos, e de onde partem as primeiras iniciativas de cuidado. Nesse espaço estão incluídas todas as alternativas terapêuticas utilizadas pelas pessoas de modo espontâneo, sem custo financeiro e sem recorrer a médicos ou terapeutas profissionais. Entre essas alternativas estão incluídos o tratamento ou medicação feitos por conta própria, as orientações ou cuidados oferecidos por familiares/amigos/colegas e as práticas de ajuda mútua e recuperação realizadas em igrejas, grupos religiosos ou grupos de autoajuda.

A família é a principal esfera de atuação e reconhecimento de problemas de saúde, sendo efetivamente o núcleo central dos cuidados primários em qualquer sociedade. Conforme destacado por Chrisman (*apud* Helman, 2009), as mulheres (especialmente mães e avós) assumem o papel de principais cuidadoras, diagnosticando condições comuns e utilizando os recursos disponíveis para tratamento. Estima-se que entre 70% e 90% de todos os cuidados com a saúde ocorram nesse ambiente (Helman, 2009; Kleinman, 1980), tanto em sociedades ocidentais quanto em sociedades não ocidentais.

O Setor Profissional/Biomédico de Saúde realiza suas atividades tomando por base uma lógica cultural e epistemológica radicalmente diferente. Como descreve Campos (2009), este setor hegemônico organiza-se predominantemente por meio de profissões formalmente regulamentadas e saberes cientificamente validados por instituições contemporâneas e tem como características uma inevitável fragmentação do cuidado integral e a adoção de medicalização tecnocrática de processos vitais humanos, que operam predominantemente por meio de um modelo biomédico, com protocolos padronizados que frequentemente ignoram ou minimizam particularidades culturais significativas. O conceito de "modelo explicativo" ajuda a compreender as diferenças entre a concepção de saúde própria do modelo biomédico e a concepção de saúde própria dos sistemas familiares. Embora a biomedicina reconheça que os sintomas possam ser expressos e interpretados de distintas maneiras, dependendo do contexto sociocultural, defende a existência de uma realidade objetiva por detrás da doença.

Este modelo biomédico de saúde encontra apoio em três princípios estruturantes: o princípio cartesiano de dualidade corpo/mente; a concepção do

corpo como máquina e a ênfase depositada em bases anátomo-fisiológicas como alicerce fundamental da biomedicina. A dualidade corpo/mente, inspirada no pensamento cartesiano, transferiu do campo religioso para o campo científico o estudo do corpo e com isso consolidou a ideia de que o corpo deva ser estudado de modo objetivo. Este princípio encontra sua expressão máxima no conhecimento biomédico. A concepção do corpo humano como máquina, desenvolvida por La Mettrie (1748), que considera exclusivamente sua dimensão material, ignora possíveis elementos espirituais, compreende o organismo humano como um conjunto de sistemas e órgãos interligados, de modo similar a qualquer outro mecanismo complexo. A ênfase depositada em bases anátomo-fisiológicas como alicerce fundamental da biomedicina reforça a noção de um corpo humano de caráter universal - em estrutura e dinâmica – cujo funcionamento independe de diferenças culturais, entre outras.

A combinação desses princípios estruturantes consolidou uma visão mecanicista do corpo humano no estudo do processo saúde-doença. De acordo com Le Breton (*apud* Campos, 2009), em função dessa perspectiva mecanicista a medicina passou a ser compreendida como uma "física do homem", na qual os processos fisiológicos são analisados como os de uma máquina complexa e a doença, como uma falha a ser identificada e corrigida.

Uma consequência significativa dessa representação fragmentada é a despersonalização do paciente, reduzido a um conjunto de órgãos e mecanismos, em detrimento de sua subjetividade e contexto. Helman (2009) analisa criticamente como este setor biomédico tende a transformar pacientes complexos em casos padronizados, submetendo-os a processos estruturais de despersonalização institucional que facilitam a intervenção técnica massificada mas obscurecem dimensões existenciais significativas da experiência de saúde-doença. O ambiente hospitalar atuaria como o local onde esse rito de transição social ocorre.

> Os pacientes hospitalizados deixam para trás sua vida normal e entram em um estado de limbo, caracterizado por um sentido de vulnerabilidade e perigo. Como em outras instituições, como no exército ou na prisão, eles sofrem um ritual padronizado de admissão, que lhes priva de muitas das características de sua identidade social. Suas roupas são substituídas por um uniforme: pijama ou camisola. Na enfermaria, eles recebem um número e

> são transformados em um "caso" para diagnóstico e tratamento. Posteriormente, quando se recuperam, recebem de volta suas roupas e se reintegram à sua comunidade, na nova identidade social de uma pessoa "curada" ou "saudável" (Helman, 2009, p. 213).

Esta lógica operacional mostra-se particularmente restritiva e incompleta quando confrontada com sistemas tradicionais complexos que entendem a saúde como fenômeno relacional, contextual e cultural.

Finalmente, o Setor Popular (*Folk*) de Saúde ocupa posição intermediária entre o cuidado informal e o profissional/biomédico, formando um sistema local de saúde integrado, especialmente em locais em que a medicina profissionalizada é limitada. Em sua avaliação, Kleinman (1980) classifica indivíduos e práticas de cura que operam no setor popular em três categorias distintas: a que supõe habilidades sagradas; a que supõe habilidades seculares e a que supõe habilidades sagradas e seculares. Nessa classificação é possível observar a dificuldade para classificar a medicina popular como simultaneamente "sagrada" e "secular". Na prática essa classificação é frequentemente fluida. Vale notar como tal modelo, por si só, reflete uma mentalidade inerentemente atrelada à perspectiva ocidental e sua herança da concepção dicotômica entre corpo e alma, entre secular e divino.

Apesar dessa limitação epistemológica, a categorização de Kleinman (1980) acerca do setor popular possibilita realizar observações pertinentes, como por exemplo a participação de figuras populares, como os curandeiros, elementos-chave em suas comunidades, que não integram necessariamente o sistema oficial de saúde, ancorado na orientação biomédica.

De acordo com Helman (2009), é grande a variedade de especialistas no setor popular, que inclui técnicos seculares - parteiras, herbalistas, quiropráticos e extraidores de dentes – e praticantes de cura espiritual - xamãs, clarividentes e profetas. Embora especialistas do setor popular constituam um grupo heterogêneo, muitos deles se organizam em associações com regras de entrada, códigos de conduta e intercâmbio de conhecimentos.

Talvez a maior força desse modelo teórico que separa os sistemas de saúde em setores distintos não esteja necessariamente passível de questionamentos epistemológicos quanto à sua precisão. Mas, o que ele perde em precisão,

ganha em amplitude porque por meio dele se faz possível mapear, com menos desgaste, conhecimentos complexos (e mesmo conflitantes) acerca da saúde e do cuidado e organizá-los em categorias de atuação distintas.

- **Sobre *ÒÒgun***

Num exercício de aproximação do setor popular de saúde ao complexo de conhecimentos específico dos iorubás, pode-se observar que os *onixégum*, praticantes de *òògun*, a medicina tradicional iorubá, atuam socialmente como especialistas tradicionais legitimados, detentores de saberes transmitidos oralmente ao longo de linhagens transgeracionais específicas. Sua autoridade social deriva fundamentalmente do reconhecimento comunitário recebido e da maestria demonstrada e culturalmente validada ao longo do tempo.

Contexto Teórico 2 - Oralidade, Escrita e Propriedade Intelectual

As incompatibilidades entre os saberes iorubás e a biomedicina ganham expressão crucial nos planos político e econômico no que diz respeito às formas de aquisição, transmissão, circulação e proteção do conhecimento. Houve um tempo em que o saber era preservado e transmitido exclusivamente por meio da oralidade e o conhecimento não possuía caráter privado: sua disseminação dependia da proximidade física e da interação constante entre emissor e receptor.

Como destaca Ong (2002), as narrativas eram adaptadas às expectativas do público, resultando disso múltiplas versões da mesma história. Carboni (2010) argumenta que essa dinâmica impedia a privatização do saber, porque o monopólio de informações seria incompatível com a sobrevivência tanto do conhecimento quanto do grupo.

O surgimento da escrita transformou radicalmente a relação humana com o conhecimento. Ao possibilitar que informações fossem armazenadas fora da memória humana, a escrita converteu a comunicação em um processo mais independente.

> O texto escrito está isolado do contexto em que as palavras nascem. As palavras, em seu habitat oral natural, fazem parte de um presente real e existencial. Isso porque são dirigidas por um indivíduo real e vivo a um outro indivíduo real e vivo em um

> tempo específico e em um cenário real que sempre inclui mais do que meras palavras. Porém, em um texto escrito, as palavras estão sozinhas (Carboni, 2010, p.29).

Ao adquirir existência objetiva o texto possibilitou a imobilização de códigos, ampliou os prazos de transmissão e garantiu a permanência do saber para além da vida de seus produtores. A leitura individualizou o acesso ao conhecimento, incentivou o acúmulo de informações, fomentou uma mentalidade enciclopédica. Além disso, abriu espaço para o surgimento de segredos, patentes e propriedade intelectual. No entanto, a escrita jamais eliminou completamente a oralidade, uma vez que seus códigos permanecem vinculados a sistemas sonoros. Segundo Ong, a atividade de leitura significa, inevitavelmente, a conversão (pelo uso de voz ou imaginação) de símbolos em sons, sendo, portanto, impossível prescindir completamente da oralidade.

A persistência da oralidade revela o caráter comunal do conhecimento. Existe, na transmissão escrita de conhecimentos, um paradoxo: por mais isoladas que estejam as informações em seu formato textual, elas não se originaram de modo autônomo, pois dependeram da construção de conhecimentos baseada em informações pré-existentes.

> A tipografia havia transformado a palavra em uma mercadoria. O antigo mundo oral comunitário havia se dividido em propriedades privadas reivindicadas. A deriva da consciência humana em direção a um maior individualismo havia sido bem servida pela impressão. Claro, as palavras não eram exatamente propriedade privada. Elas ainda eram propriedade compartilhada até certo ponto. Os livros impressos ecoavam uns aos outros, quer se queira ou não (Ong, 2002, p.129, tradução dos autores).

A emergência histórica da escrita e, particularmente, da impressão tipográfica transformou radicalmente as relações humanas com o reconhecimento do que seriam saberes válidos. A escrita alfabética, a imprensa tipográfica e os meios digitais atuais, criaram as condições sociais necessárias para o surgimento progressivo da figura do autor individual e da noção moderna de obra original fixa. Esta transformação histórica criou um abismo epistemológico profundo entre os saberes tradicionais, que operam por meios orais e os regimes modernos de propriedade intelectual, que operam por meio de escritos.

Ao agir como propriedade, sob forma de propriedade intelectual, o saber biomédico demonstra uma agência que opera de modo apartado da personalidade das pessoas envolvidas no surgimento e manutenção de determinado saber. A propriedade intelectual se mostra alheia a aspectos performáticos, espirituais ou ritualísticos. Para além disso, as estruturas internacionais de proteção de conhecimentos intelectuais, ou seja, a denominação de novas propriedades intelectuais opera de modo a dificultar o reconhecimento e a validação de saberes oriundos das coletividades e perpetuados por meio da oralidade.

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI / *WIPO*), como instituição internacional burocrática dominante, personifica e opera concretamente esse desencontro histórico, epistemológico e cultural profundo no cenário global contemporâneo. Apesar de sua retórica oficial diplomaticamente correta de inclusão cultural e diversidade epistemológica, seus mecanismos operacionais fundamentais (patentes comerciais, *copyrights* individuais, *trademarks* corporativos) mostram-se estrutural, conceitual e operacionalmente inadequados para proteger verdadeiramente, respeitar integralmente e valorizar adequadamente os Conhecimentos Tradicionais (CTs) e as Expressões Culturais Tradicionais (ECTs).

A tentativa bem-intencionada, mas profundamente complexa de proteger legalmente saberes tradicionais por meio de mecanismos jurídicos modernos representaria, assim, um contrassenso epistemológico profundo, uma violência cultural significativa e uma inadequação conceitual radical. Um ato moderno que nega e destrói inevitavelmente a própria natureza comunitária, dinâmica e relacional daquilo que pretende proteger legalmente de forma estática e individualizada. O sistema de propriedade intelectual exige aspectos de ineditismo, aprimoração e inovação como requisitos para a validação de conhecimentos como passíveis de reconhecimento. Isso, por natureza, exclui a maior parte dos saberes transmitidos de maneira comunitária e oral entre gerações de povos.

> Por definição, isso aparenta excluir todos os tipos de CT e ECT, e muitas pessoas argumentam que, embora alguns tipos de direitos de propriedade intelectual possam ser usados para proteger criações ou inovações relacionadas a CT ou ECT, grande parte do sistema moderno de propriedade intelectual é inadequado para proteger muitos tipos e aspectos de CT e ECT (WIPO, 2017, p.10, tradução dos autores).

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

Ciardullo (2024) aponta para uma tripla periculosidade presente na tentativa de converter e proteger saberes coletivos e de embasamento oral como sendo propriedades intelectuais de caráter epistemológico, jurídico e político.

Em primeiro lugar, ocorre uma incompatibilidade conceitual fundamental e insuperável entre saber ancestral e propriedade intelectual moderna, cuja concepção jurídica ocidental historicamente específica, exige legalmente como requisitos fundamentais e não negociáveis a novidade comercial demonstrada, a atividade inventiva individual comprovada e a potencial aplicação industrial lucrativa. Por sua própria definição, tais quesitos (legal, restritiva e culturalmente específica) necessariamente excluem saberes seculares comunitários, conhecimentos milenares coletivos e práticas tradicionais compartilhadas, que são precisamente a essência ontológica, o valor cultural e a natureza social dos conhecimentos tradicionais ancestrais.

Um segundo risco ocorre na assimetria estrutural e histórica de poderes materiais: a OMPI opera burocraticamente transferindo para os povos originários culturalmente vulneráveis e economicamente marginalizados o ônus quase integral e praticamente insustentável de se protegerem legalmente utilizando ferramentas jurídicas complexas, linguisticamente herméticas, economicamente custosas e culturalmente alienígenas, ferramentas estas que foram historicamente criadas por e para corporações transnacionais poderosas, Estados Nações e interesses comerciais globalizados, não para comunidades tradicionais política e culturalmente diferentes. Este processo legal assimétrico inevitavelmente reforça, perpetua e aprofunda assimetrias de poder histórico-materiais profundamente arraigadas, reproduzindo relações coloniais de saber-poder no cenário contemporâneo.

Por fim, existe o perigo da temporalidade jurídica incompatível com a perpetuidade cultural ancestral: as proteções de propriedade intelectual são temporárias, limitadas e comercialmente orientadas. Há limites de 7 anos para *trademarks* e 10 anos para *design* industrial (com a possibilidade de renovação de prazos mediante pagamentos de taxas). Em casos de patentes, as propriedades poderiam ser protegidas por 20 anos na maioria dos casos. Já para *copyrights*, comuns a obras literárias, audiovisuais e artísticas, o prazo se estende durante o período de vida de seu autor e mais 50 anos após sua morte.

No entanto, o conhecimento iorubá tradicional, culturalmente significativo e ritualmente validado, é entendido como perpétuo, transgeracional, coletivamente possuído e cosmicamente fundamentado, transcendendo completamente as limitações temporais humanas, os interesses comerciais individuais e as lógicas jurídicas modernas.

> A promoção de mecanismos de defesa cultural ditos universais, ao alienarem povos de suas riquezas culturais, mantendo-os periféricos aos centros de decisão acaba, por conseguinte, reforçando práticas coloniais (Ciardullo, 2024, p.210).

Por exemplo, do ponto de vista interno e culturalmente consistente da cosmologia iorubá tradicional, não faz o menor sentido afirmar que o axé de um orixá, de um ancestral venerável ou de um saber milenar coletivo e comunitariamente compartilhado tenha sua "proteção legal" expirada comercialmente após algumas décadas, como se esse axé fosse um produto comercial qualquer, com prazo de validade determinado.

Em questão a Sacralidade de *Ìbejì*

Na cosmologia iorubá, o nascimento é entendido como o momento em que o ser atravessa o portal de passagem do *orum*, dimensão espiritual, para o *aiyê*, dimensão física da existência. Os gêmeos, em iorubá, *Ìbejì*, são considerados manifestações do sagrado e ao nascerem trazem consigo equilíbrio, fertilidade e proteção espiritual à família que os recebe. Crianças gêmeas são consideradas orixás, o que indica a necessidade de realizar rituais de oferendas a elas desde o seu nascimento.

A compreensão iorubá de nascimento transcende radicalmente as perspectivas biomédicas ocidentais contemporâneas. O nascimento de gêmeos não é apenas um evento biológico incomum ou uma curiosidade estatística e para compreendermos bem esse fenômeno é preciso realizar uma imersão profunda nessa cosmologia. Conforme já mencionado, o nascimento é o processo de passagem da condição existencial de habitante do *orum* para a condição de habitante do *aiyê* e quando o recém-nascido respira pela primeira vez ao nascer, *emi*, o princípio vital que o animará no novo contexto de vida, por primeira vez se manifesta no mundo material. Lembrando que, conforme ensina o mito, ao nascer

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

a dimensão estritamente biológica do ser é animada pelo hálito ígneo, o sopro divino, insuflado por Eledunmare, o Ser Supremo, em todos os seres viventes.

Esta perspectiva integra de modo indissociável dimensões biológicas, comunitárias e espirituais em uma visão unificada da existência humana. Gêmeos expressam de modo significativo sua condição holística, pois sendo, simultaneamente, seres humanos e manifestações divinas, são portadores de um axé (força vital) que lhes é específico e lhes confere autoridade espiritual. Os gêmeos estão associados a alguns orixás, entre os quais Xangô e Oyá. Em algumas linhagens iorubás do território africano estão associados a Obatalá, modelador de corpos físicos e de cabeças.

> *Orí rere kìí yà sẹ́yìn ọ̀nà ayé.*
> Uma cabeça abençoada não se desvia de seu caminho de vida.

Todo nascimento de *Ìbejì* é celebrado com rituais. A criança gêmea que nasce primeiro recebe o nome de *Táyé* ou Taiwo e a criança que nasce em seguida recebe o nome de *Kẹ́hìndé*. Segundo Ribeiro (1996), embora pela ordem dos nascimentos *Táyé* (Taiwo) seja o irmão mais velho, os iorubás entendem que espiritualmente Kẹ́hìndé é o irmão espiritualmente mais velho: Taiwo significa "Vai experimentar a Vida", no sentido de que ele deve sair do ventre materno antes de *Kẹ́hìndé*, "O Último a Chegar" para verificar se as condições são favoráveis para a chegada do irmão mais velho.

Rituais que acompanham cerimonialmente o nascimento – são entoados cânticos tradicionalmente prescritos, próprios para essa situação. É feito uso cerimonial ritualístico de cores simbólicas, com panos brancos e vermelhos; são realizadas oferendas alimentares cuidadosamente selecionadas e preparadas para essa finalidade litúrgica, entre as quais *acará, ẹ̀kọ, epo* e *ewa*. Muitos dos procedimentos litúrgicos adotados por ocasião do nascimento de gêmeos, alguns bastante sofisticados, foram desenvolvidos e aperfeiçoados ao longo de inúmeras gerações de prática ritualística continuada.

Cabe assinalar que tais práticas cerimoniais não são meramente simbólicas ou expressivas: também operacionais e funcionais, são adotadas com a finalidade específica de equilibrar o axé dos recém-nascidos e integrá-los adequadamente na complexa teia familiar e comunitária que os recebe. Cada elemento ritual, por

mais simples que possa parecer, desempenha função específica e culturalmente reconhecida no processo de harmonização entre os planos espiritual e material.

Práticas como a confecção do *Èrò Ìbejì* têm por finalidade manter o axé equilibrado caso um dos gêmeos venha a falecer, o que expressa a importância do reconhecimento comunitário e dos rituais realizados para preservação da integridade do gêmeo sobrevivente. O *Èrò Ìbejì*, representação da figura humana, cuidadosamente esculpido e magicamente preparado, não consiste em mero objeto sentimental ou objeto de recordação pessoal: ele é um instrumento vital, indispensável e potente para preservação do equilíbrio energético do gêmeo sobrevivente e de toda a comunidade envolvida. Essa prática cerimonial de culto contínuo demonstra que o bem-estar individual é inalienável do equilíbrio comunitário e das relações harmoniosas com *orum*, a dimensão espiritual habitada por orixás e ancestrais veneráveis.

E eis que surge a técnica de fertilização *in vitro* (FIV) ou seja, de inseminação artificial. Essa possibilidade de fecundação humana ocorrida em tubos de ensaio coloca em questão a autenticidade espiritual de gêmeos "produzidos" em laboratório. Além de colocar em questão a sacralidade de gêmeos fertilizados e gestados "artificialmente", essa circunstância de fecundação favorece o entendimento de conceitos analíticos de saúde operantes em distintos campos socioculturais e históricos do cuidado humano.

Ao viabilizar o nascimento de gêmeos, que em condições "naturais" talvez nunca nascessem, a biomedicina opera em um dos muitos campos de cuidados oferecidos a humanos. A FIV, operação contemporânea, se concentra, predominantemente, nos processos reprodutivos humanos. Quando a FIV é cotejada com o sistema tradicional iorubá, ocorre o encontro de campos experienciais distintos, que adotam posturas epistemológicas radicalmente distintas e este fato explica em parte muitos dos conflitos interpretativos que surgem quando estes diferentes sistemas de conhecimento e prática interagem no mundo contemporâneo.

Apesar de não abordar precisamente questões relativas ao nascimento de gêmeos, ao tratar do tema "nascimento", Campos (2009) traça uma distinção nítida entre a visão do setor biomédico profissional no processo de nascimento e o trabalho de parteiras em setores populares. Enquanto o modelo hospitalar

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

de parto está centrado na perspectiva biomédica, a atuação da parteira se desenvolve em conformidade com um paradigma holístico de assistência. Nessa abordagem, os cuidados se estendem não apenas à gestante, mas também à sua rede de relações, com especial atenção a seu núcleo familiar.

> Trata-se, assim, de um modelo de assistência ao parto relacional, no qual a parteira interage constantemente com a mulher, seu parceiro e sua família, oferecendo a todos aqueles que participam do processo de nascimento uma linguagem ritual permeada por rezas que invoca, inclusive, forças sobrenaturais, e que lhes possibilita elaborar um sentido para a experiência da gravidez e do parto, ao mesmo tempo em que cuidam da saúde materno-infantil a partir dos aspectos socioculturais próprios ao contexto no qual elas estão inseridas. (Campos, 2009, p. 17).

Quando se trata do nascimento de gêmeos, o que se observa é que não há uma agência do setor profissional biomédico capaz de, pelo menos, contemplar a complexidade e a amplitude de conhecimentos e relações socioculturais englobadas pelo conhecimento iorubá de intervenções próprias da área de saúde. O conhecimento complexo e multidimensional dos iorubás sobre os *Ìbejì*, transmitido não exclusivamente pela escrita, demonstra uma natureza informacional muito diversa dos conhecimentos científicos que se servem da tipografia.

Com a fertilização *in vitro* e a reprodução assistida, embriões podem ser implantados e monitorados artificialmente, o que possibilita a concepção de gêmeos com controle científico sobre a sequência de nascimentos. Isto levanta questões relativas à sacralidade dos gêmeos fertilizados e criados em laboratórios. A fertilização *in vitro* possibilita o exercício de um controle tecnológico sobre a fecundação e a gestação sem precedentes históricos. Tais processos reprodutivos, antes considerados do domínio do sagrado ou considerados como manifestação de destinos individuais, se contrapõem a noções fundamentais do sistema tradicional iorubá?

O eficaz controle laboratorial exercido sobre cada etapa da sequência de implantação embrionária, a seleção genética deliberada e o monitoramento tecnológico rigoroso da gestação representam uma intervenção radical em processos tradicionalmente vistos como manifestação de vontades e decisões espirituais transcendentes?

Um argumento inicialmente presumível seria que a prática reprodutiva por meios biomédicos ao viabilizar (ou seja, criar uma via ou caminho) para possibilitar uma existência no *aiyê* estaria interferindo no destino de um ser humano. Sob um olhar menos atento, uma busca unicamente semântica poderia acusar esse "caminho" biológico como sendo um evento diretamente atrelado ao conceito de *Orí*.

Tal afirmação, contudo, não encontra respaldo na visão ampla e abrangente da sabedoria iorubá acerca de *Orí*. Adeyinka Olaiya (2024) argumenta que *Orí*, apesar de correlacionado ao destino e eventos de desafio e conquistas do indivíduo, é muito mais complexo que uma mera correlação semântica.

O *Orí*, como dimensão sagrada da identidade da pessoa, tem origem anterior ao nascimento, sendo, portanto, pré-existente ao evento biomédico do parto. A realização de ritos diários, orações e outras experiências ocorridas durante a jornada da existência no *aiyê*, todavia, são capazes de moldar o *Orí* da pessoa (Olaiya, 2024). Não há uma relação direta *sine qua non* entre um único evento (como o nascimento biomédico) e a definição final de um *Orí*. Conhecer as características do próprio *Orí* certamente traz benefícios para a própria vida.

> Compreender o próprio *Orí* ajuda a navegar na jornada terrestre com sabedoria e clareza. Proporciona discernimento sobre os pontos fortes e fracos de si mesmo, apoiando na superação de obstáculos e na conquista de realização pessoal e espiritual (Olaiya, 2024, online, tradução dos autores).

Olaiya argumenta que de acordo com a cosmopercepção iorubá, a ação de *Orí* se estende para além da realização pessoal ao desempenhar um papel fundamental na promoção de equilíbrio e harmonia na comunidade e no cosmos.".

Um caso ilustrativo pode ser visto em Ìgbó Ọ̀rà, cidade localizada no sudoeste da Nigéria, que conta com a maior população relativa de gêmeos no mundo. Nessa cidade é mantida a tradição de celebrar os *Ìbejì* naturais, o que reforça a importância atribuída ao vínculo espiritual dos gêmeos entre si, com a comunidade e com os orixás. Em entrevista concedida pelo Obá Jimoh Olajide Titiloye, líder dessa cidade, reafirmou a singularidade espiritual dos *Ìbejì* naturais e apresentou uma perspectiva incisiva sobre essa questão fundamental: o nascimento autêntico de *Ìbejì* envolve um pacto sagrado inviolável por eles estabelecido com

ISBN 978-65-6155-083-3 - Vol. 1 - Ano 2026 - www.cientificadigital.org

seus pares no *orum* antes de atravessarem o portal que conduz ao *aiyê*. Esse fato transcende completamente o potencial de ação da biomedicina.

> Cada gêmeo que nasce carrega axé, é sinal de alegria, prosperidade e longevidade. O nascimento de Ìbejì é um pacto sagrado entre Òṛun e Àiyé, algo que nenhum ser humano poderia produzir. Filhos gerados pela mão do homem - pela máquina ou pela agulha - são crianças que devem ser amadas e respeitadas. Mas não podemos confundir: não são Ìbejì no sentido espiritual s eles atribuído. O culto aos Ìbejì é culto a um mistério divino, e não a uma técnica humana (Awoyemi, 2018, n.p.).

O Dr. Taiwo Awoyemi, gêmeo e estudioso da cultura iorubá, defende haver primazia do ritual tradicional sobre a técnica moderna, afirmando consistentemente que a ciência biomédica pode certamente aperfeiçoar processos biológicos materiais, mas não opera para além dessa dimensão, sendo, portanto, incompleta na concepção de Ìbejì.

> Se Ìbejì é Orixá por vontade divina, podemos venerar gêmeos nascidos graças a uma produção humana? A ciência pode aperfeiçoar procedimentos do processo de nascimento, mas não pode programar o axé (Awoyemi, 2018, n.p.).

Enquanto Olupona (2011), Abimbola (1976) e Ọdúnlami (2009) enfatizam a sacralidade dos gêmeos naturais, Awoyemi (2018) abre espaço para a integração de gêmeos "artificiais", desde que respeitada a tradição. A modernidade apresenta novos desafios. Com a fertilização *in vitro* e outras técnicas laboratoriais, gêmeos podem nascer por ação humana e para Awoyemi, esses gêmeos só podem ser reconhecidos como Ìbejì se forem integrados aos rituais tradicionais e celebrados de acordo com a cosmologia iorubá. A ciência cria vida, mas não gera o axé, a força espiritual que torna um gêmeo sagrado. Todos os autores consideram aceitável integrar gêmeos "artificiais" nos rituais de *Ìbejì*, celebrá-los com cânticos apropriados e reconhecê-los como *Ìbejì* modernos para, assim, preservar seu vínculo espiritual com sua comunidade no *orum*. O ofó apresentado a seguir expressa esse fato:

> *A kò mọ́ ibi tí Ọlódùmarè fi ọ̀nà sí; Ìbejì kì í dákẹ́dàké, ayọ̀ wà nínú wọn!*

Não sabemos onde Ọlódùmarè abriu o caminho; os Ìbejì não permanecem em silêncio - a alegria vive neles!

De acordo com esse entendimento, gêmeos concebidos artificialmente em laboratórios são certamente crianças humanas a serem amadas, respeitadas e cuidadas individualmente, embora não possam ser consideradas *Ìbejì* autênticos por lhes faltarem elementos espirituais que demandam rituais e sentido comunitário profundo.

A condição de gêmeos "artificiais" nos coloca diante de uma questão relevante: a de um saber ancestral perante a realidade contemporânea. De acordo com renomados autores iorubás, entre os quais, Jacob K. Olupona (2011), Wande Abimbola (1976), Taiwo Awoyemi (2018), Taye Ọdúnlami (2009), Síkírù Sàlámì (2024) e Olukemi Salamí (2022), na tradição iorubá o conceito de *Ìbejì* transcende a mera biologia do nascimento de gêmeos. Eles também devem ser considerados como manifestações do Sagrado, como portadores de axé, a energia vital que traz equilíbrio, alegria e prosperidade à família e à comunidade.

Para esses autores, o que caracteriza um *Ìbejì* é a combinação de destino, axé e reconhecimento ritual. A TIV, reprodução assistida, apresenta desafios modernos, sem, contudo, comprometer a sacralidade dos gêmeos, sacralidade promotora de integração ritual e comunitária. A flexibilidade da tradição iorubá favorece o diálogo com a ciência sem perda de reverência pelo sagrado, como ilustra o itan do Odu Ọ̀ṣẹ̀ Túrá apresentado a seguir.

Kò sí ọ̀nà tí Ọlódùmarè ò lè gbà, Kò sí ọmọ tí Ifá ò lè dá.
Não há caminho que Ọlódùmarè não possa tomar; não há criança que Ifá não possa salvar.

Jacob K. Olupona (2011) enfatiza que os *Ìbejì* são filhos do mistério, e que rituais como a confecção do *Èrò Ìbejì* são fundamentais para manter a harmonia espiritual, especialmente se ocorrer o falecimento de um dos gêmeos. Wande Abimbola (1976), assinala que o nome dado tradicionalmente aos gêmeos - Táyé e Kẹ́hìndé - os conecta a seu destino. Taye Ọdúnlami destaca a dimensão ritual e cósmica dos *Ìbejì*, considerados pequenos orixás, cuja presença exige celebração e preservação do equilíbrio espiritual.

Portanto, a tradição iorubá se mantém essencialmente espiritual e ritualística, mas demonstra flexibilidade diante de novas possibilidades trazidas pela modernidade. Gêmeos fertilizados em laboratórios podem ser reconhecidos como *Ìbejì* modernos, contanto que haja reconhecimento ritual e espiritual. O que define um *Ìbejì* não é o método de concepção e sim a pertença à sua comunidade no *orum*.

Mesmo com intervenções tecnológicas, a essência de *Ìbejì* permanece a mesma: espírito, axé e alegria, sempre conectando *aiyê* e *orum*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS FUTURAS PARA PESQUISAS E DIÁLOGOS

O conhecimento tradicional iorubá sobre os *Ìbejì* oferece uma integração entre dimensões materiais, espirituais inexistentes na acepção biomédica, operando sob outro regime de cultura, relações sociais, hierarquia de conhecimentos e poder.

O surgimento das tecnologias de reprodução assistida, particularmente a fertilização *in vitro* (FIV), problematiza esta cosmologia estabelecida ao introduzir uma concepção tecnologicamente mediada que parece desafiar noções tradicionais de caminho (*Orí*) e vontade divina. Esta aparente contradição, no entanto, revela-se mais profunda: ela expõe o choque entre sistemas epistemológicos distintos que operam com pressupostos conflitantes sobre a natureza da realidade, da pessoa humana e do conhecimento. De um lado, um sistema integrado que compreende a pessoa como uma rede complexa de relações entre o físico, o espiritual e o comunitário; de outro, um sistema biomédico que opera predominantemente através da fragmentação e do isolamento do fenômeno biológico de seus contextos significativos culturais e espirituais.

Essa dualidade se faz presente, também, nas distintas naturezas entre os mecanismos de comunicação e transmissão de conhecimentos presentes em ambos os sistemas: enquanto a concepção de *Ìbejì* na tradição iorubá se estabeleceu e perpetuou por redes de conhecimentos fundamentados em práticas originadas na oralidade, operando, portanto, na coletividade da informação, os mecanismos de transmissão e controle informacional acerca dos processos de fertilização *in vitro* se baseariam em transmissões de conhecimentos

fundamentadas no isolamento e controle da informação encapsulada na forma textual e proprietária.

Num mundo contemporâneo progressivamente dominado por lógicas individualistas, mercantilistas e fragmentadoras, estes saberes tradicionais ressalvam o equilíbrio dinâmico de redes relacionais complexas que conectam os vivos entre si, com seus ancestrais, com o mundo natural e com o plano espiritual. Sua resistência histórica aos regimes modernos de propriedade intelectual aponta consistentemente para formas alternativas de produção, circulação e valorização do conhecimento baseadas na partilha generosa, na responsabilidade comunitária e no respeito.

O diálogo crítico entre *òògun* e biomedicina contemporânea revela a urgência política de desenvolvimento de formas inovadoras de pluralismo epistemológico que permitam a coexistência respeitosa, o enriquecimento mútuo e a fertilização cruzada de diferentes sistemas de conhecimento, sem que isto implique necessariamente a subordinação de uns a outros. O reconhecimento substantivo da autodeterminação epistêmica dos povos tradicionais é condição necessária para a construção de sociedades verdadeiramente pluriculturais, descolonizadas e democraticamente vibrantes.

O estudo aprofundado de *Ìbejì* na contemporaneidade sugere caminhos frutíferos para pesquisas futuras que poderiam aprofundar nossa compreensão destas questões complexas. Investigações empíricas sobre as experiências concretas de famílias que utilizam simultaneamente tecnologias reprodutivas modernas e práticas tradicionais de cuidado poderiam iluminar as complexas negociações culturais que ocorrem cotidianamente na interface de sistemas de conhecimento distintos entre si.

A reflexão sobre os *Ìbejì* convida a repensar relações mais amplas entre conhecimento, poder, cuidado coletivo e justiça epistêmica nas sociedades contemporâneas globalizadas. Seu persistente vigor cultural testemunha não apenas a resiliência das tradições africanas, mas também a atualidade permanente de suas contribuições ricas e complexas para o pensamento humano sobre questões fundamentais da existência. Trazer para o universo da academia conhecimentos oriundos de uma ancestralidade que provém da oralidade e coletividade significa não apenas escutar tais vozes outras com respeito que

merecido e tardio por parte da academia, mas reconhecer nelas fontes vivas de sabedoria indispensável para os desafios complexos do nosso tempo.

O nascimento de *Ìbejì* combina biologia, espiritualidade e cultura. Gêmeos naturais carregam axé e são cultuados como orixás. Gêmeos nascidos por reprodução assistida podem ser integrados a rituais tradicionais, podem ser reconhecidos como *Ìbejì* modernos. A tradição iorubá, orgânica e sábia permite que a ciência complemente, mas nunca substitua, o mistério do nascimento.

REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Wande. **Ifá: An Exposition of Ifá Literary Corpus**. Ibadan: Oxford University Press, 1976.

AWOYEMI, Taiwo. **Cultural Perspectives on Twins in Yorùbá Society**. Lagos: University of Lagos Press, 2018.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Aspectos socioculturais e as práticas de cuidados em enfermagem. *In*: NAKAMURA, E.; MARTIN, D.; SANTOS, J. F. Q. **Antropologia para Enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 59-81.

CARBONI, Guilherme. **Direito autoral e autoria colaborativa: na economia da informação em rede**. São Paulo: Quartier Latin, 2010.

CIARDULLO, Daniel. **Abstração da autoria e industrialização autoral: a monopolização das ideias, criatividades e coletividades**. 2024. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. E-book.

KLEINMAN, Arthur. **Patients and Healers in the Context of Culture**. Berkeley: University of California Press, 1980. p. 49-70.

LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 459-466, 2010.

ỌDÚNLAMI, T. **Rituals and Spirituality of Ìbejì**. Ibadan: Rex Charles Publications, 2009.

OLAIYA, Adeyinka. Orí: the Yorùbá philosophy, blueprint, and footstep crafted in the spiritual realm. **Ancestral News**, Nigéria, jul. 2024. Disponível em: https://ancestrals.com.ng/2024/07/25/ori-the-yoruba-philosophy-blueprint-and-footsteps-crafted-in-the-spiritual-realm-adeyinka-olaiya/. Acesso em: [data de acesso não informada].

OLUPONA, Jacob K. **City of 201 G: The Yoruba Concept of Ìbejì**. New York: Bloomsbury Academic, 2011.

ONG, Walter J. **Orality and Literacy: The Technologizing of the Word**. Routledge, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Basic documents: forty-ninth edition (including amendments adopted up to 31 May 2019)**. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: https://apps.who.int/gb/bd/pdf_files/BD_49th-en.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma africana no Brasil: os Iorubás**. São Paulo: Oduduwa, 1996.

SALAMÍ, Olukemi A. Ribeiro. For an ethnomedicine enriched by human diversity. **Einstein** (São Paulo), São Paulo, v. 20, eCE6083, 2022. DOI: 10.31744/einstein_journal/2022CE6083.

SÀLÁMÌ, Síkírù; FRIAS, Rodrigo Ribeiro. **Dicionário Iorubá-Português/Português-Iorubá**. São Paulo: Oduduwa, 2025. No prelo.

SÀLÁMÌ, Síkírù; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. 3. ed. São Paulo: Oduduwa, 2024.

WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION (WIPO). **Protect and promote your culture: a practical guide to intellectual property for indigenous peoples and local communities**. Geneva: WIPO, 2017. Disponível em: https://www.wipo.int/edocs/pubdocs/en/wipo_pub_1048.pdf.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ozenildo Santos Xavier da Rocha

Doutor em Ciências da Religião pela PUC-MG, Mestre em Teologia da Práxis (FAJE) e Especialista em Teologia Sistemática (FATE-BH). Atua como bolsista de Pós-Doutorado da CAPES na PUC Minas. Possui Bacharel em Teologia pela FBMG, com curso convalidado pela FATE-BH. Licenciado em Sociologia (UNINTER) e Filosofia (ETEP), cursando Pedagogia (ETEP). Editor da Revista Horizonte (PUC Minas), é membro do REPLUDI e Professor Colaborador no PPGCR (PUC Minas). Com mais de 12 anos de docência no Ensino Superior, lecionou Teologia Sistemática na FBMG e foi Assessor Acadêmico (FBMG). Tem experiência docente no Ensino Fundamental e Médio, com foco em Ensino Religioso e Sociologia. Sua pesquisa abrange Teologia, Ciência da Religião, Filosofia e Sociologia, enfatizando Ética, Diálogo Inter-religioso, Religião no Espaço Público, Educação e Interculturalidade.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5795450128648701

Romero Bittencourt e Carvalho

Doutor em Ciências da Religião pela PUC-MG, com Bolsa da Fapemig. Mestre em Ciências da Religião pela PUC-MG, com Bolsa da Capes, na Linha de Pesquisa "Pluralismo, Imaginário Religioso e Sociedade". Possui graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (2003). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, com Pós-Graduação em Jornalismo e Cultura, também pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (2007).
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7329677228104370

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade: 9, 10, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 22

C

Conto: 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 36, 38, 40, 41, 42, 43

E

Educação: 18, 23, 43

Emancipação: 8, 9, 10, 19, 27, 39

I

Interdisciplinariedade: 25, 43

Interseccionalidade: 9, 14, 15, 19, 23

L

Literatura: 25, 26, 43, 44, 45

P

Protagonista: 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 21, 22

R

Reflexões: 9, 12

científica digital

ISBN 978-656155083-3

VENDA PROIBIDA - ACESSO LIVRE - OPEN ACCESS

www.cientificadigital.org | contato@cientificadigital.org